

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CARLA VERÔNICA VASCONCELLOS DIEFENBACH**

**INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL CÂMPUS SERTÃO:  
MEMÓRIAS DA CULTURA ESCOLAR ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE  
EGRESSOS DO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA (1972-2010)**

**SÃO LEOPOLDO  
2013**

CARLA VERÔNICA VASCONCELLOS DIEFENBACH

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL CÂMPUS SERTÃO: MEMÓRIAS  
DA CULTURA ESCOLAR ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE EGRESSOS DO  
CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA (1972-2010)

Tese apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutora, pelo Programa  
de Pós-Graduação em Educação, Universidade  
do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz T. Daudt  
Fischer

**SÃO LEOPOLDO**  
**2013**

CIP – Catalogação na Publicação

---

D559i Diefenbach, Carla Vêronica Vasconcellos  
Instituto Federal do Rio Grande do Sul Câmpus Sertão :  
memórias da cultura escolar através das narrativas de  
egressos do Curso Técnico em Agropecuária (1972-2010) /  
Carla Vêronica Vasconcellos Diefenbach. – 2013.  
123 f. : il. color. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale  
do Rio dos Sinos, São Leopoldo (RS), 2013.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz T. Daudt Fisher.

1. Instituto Federal do Rio Grande do Sul (Campus  
Sertão) - Ex-alunos - História. 2. Cultura escolar. 3. Escolas  
rurais. 4. Memórias discentes. I. Fisher, Beatriz T. Daudt,  
orientadora. II. Título.

CDU: 37

---

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Dedico este trabalho...

Ao meu marido Elton pela compreensão da ausência e pelo incentivo.

Aos meus pais pela vida e pelos bons exemplos.

Ao meu filho Vitor, meu maior orgulho.

Aos meus colegas e amigos por acreditarem no meu potencial.

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a realização desta tese. Na qualidade de doutoranda, gostaria de agradecer a todos que tornaram possível o cumprimento dessa tarefa.

A meu esposo Elton, que sempre me apoiou com amor, companheirismo e foi um grande incentivador dessa caminhada.

À minha família, que sempre esteve presente e apoiando nos momentos em que houve necessidade, em especial aos meus pais Walter e Hilda pela vida e pelo apoio para continuar sempre estudando.

Ao meu filho Vitor, que sempre me estimulou e entendeu a ausência temporária.

À Professora Dr.<sup>a</sup> Beatriz T. D. Fischer, orientadora e amiga que levo para o resto da vida pela formação profissional e humana, contribuindo na socialização dos saberes e inspirações para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de doutorado, companheiros de jornada e que souberam aproveitar essa grande oportunidade de crescimento.

Um agradecimento especial a todos os autores e autoras das obras que foram lidas e utilizadas nesta tese e, também, aos egressos que se dispuseram a elaborar suas memórias, a falar sobre suas vidas, a contar sobre seu tempo de escola, a narrar sobre aquilo que lhes trouxe felicidade, mas também sobre o que lhes provocou dor.

“O passado não é aquilo que passa, é aquilo  
que fica do que passou”.  
Alceu de Amoroso Lima

## RESUMO

Instituições de ensino evidenciam um conjunto de características comumente denominadas *coisas de escola*. Há educandários, porém, que além destas características universais, apresentam também especificidades, isto é, uma cultura escolar própria, construída historicamente com base em valores e normas que se traduzem nas práticas cotidianas. Este estudo teve como objetivo identificar elementos que constituíram/constituem a cultura escolar do Instituto Federal do Rio Grande do Sul Câmpus Sertão. Para tal, a memória de ex-alunos foi assumida como principal objeto de pesquisa. Assim, através de reminiscências, um grupo de egressos do curso Técnico em Agropecuária (1972 – 2010), contribuiu efetivamente para dar resposta à questão norteadora, isto é, *como os egressos rememoram o tempo vivido e que marcas da cultura escolar estão presentes em suas memórias?* O estudo valeu-se de referenciais da história cultural, em especial *cultura escolar e memória* constituíram ferramentas conceituais básicas, tendo como principais inspiradores autores como Peter Burke, Dominique Julia, Sandra Pesavento, Clifford Geertz e Pierre Nora, entre outros. Os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos em dois momentos, o primeiro consistindo na aplicação de questionário e o segundo na efetivação de entrevistas gravadas e transcritas. O conjunto de dados e narrativas permitiu chegar a algumas conclusões, tais como identificar características gerais e outras muito específicas daquele contexto escolar: uma cultura envolvendo diferentes manifestações de práticas instauradas no interior da escola e do internato, transitando de alunos a professores, de normas a costumes, de prescrições a desobediências, de elogios a delitos; desde a tradição dos apelidos até a permanência de determinadas atitudes e valores ainda hoje reverenciados. As narrativas evidenciaram o que demais pesquisadores têm constatado: a memória é um cabedal infinito, do qual no momento da evocação só se registram fragmentos. Igualmente ficou constatado que a memória de hoje abranda os acontecimentos relacionados a práticas cotidianas, difíceis de enfrentar no passado. Outra constatação digna de destaque: os fatos lembrados evidenciam, indiretamente, a maneira como a escola se estrutura e se organiza ao longo dos anos, reforçando ou não alguns mecanismos causadores de dominação ou de conformismos. Tais mecanismos – nem sempre decorrentes de legislação ou de diretrizes políticas advindas do poder público – ajudam a edificar determinada cultura escolar.

**Palavras-chave:** Cultura escolar. Instituição escolar rural. Memórias discentes.

## ABSTRACT

Educational institutions show a set of features commonly names “school stuff”. However, there are educational establishments that also present some specifics besides these universal features, that is a school culture itself, historically constructed and based on values and standards that translate into everyday practices. This study aimed to identify elements that constituted/constitute the culture of the Federal Institute of Rio Grande do Sul, Sertão Campus. In order to do this, the memory of former students was taken as the main research object. Thus, through reminiscences, a group of students graduated in Agriculture Tech (1972 - 2010) effectively contributed to respond the main question: How do graduates recall the time lived and what trademarks of school culture are there present in their memories? The study drew on cultural history references, especially *school culture* and *memory* as the basic conceptual tools. The main inspiring authors are Peter Burke, Dominique Julia, Sandra Pesavento, Clifford Geertz, and Pierre Nora, among others. The methodological procedures were developed in two phases, the first consisting of the questionnaires and the second on execution of interviews recorded and transcribed. The dataset and narratives allowed come to some conclusions, such as identify general characteristics and other very specific that school context: a culture involving different manifestations of established practices within the school and the boarding school, the teachers, the customs standards, the requirements of the praise disobediences irregularities, Since the tradition of surnames until the permanence of certain attitudes and values today still revered. The narratives showed what other researchers have found: memory is an infinite scope, which only fragments are recorded at the time of recall. Likewise, it was found that current memory softens the events related to daily practices, which were difficult to face in the past. Another finding worth highlighting: the facts recalled indirectly influence how the school is structured and organized over the years, whether reinforcing or not some mechanisms that cause domination or conformism. Such mechanisms - not always due to legislation or policy guidelines from the government, help building a particular school culture.

**Keywords:** School culture. Rural school institution. Memories students.

## LISTA DE SIGLAS

Ande – Associação Nacional de Educação  
Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação  
Apaes – Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais  
Cedes – Centro de Estudos Educação e Sociedade  
Cetap – Centro de Tecnologia Alternativa Popular  
Coagri – Coordenação Nacional de Ensino Agrícola  
Daer – Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens  
EAFS – Escola Agrotécnica Federal de Sertão  
EMATER – Empresa Brasileira de Extensão Rural  
Expointer – Exposição Internacional de Animais, Máquinas, Implementos e Produtos Agropecuários  
FUNAI – Fundação Nacional do Índio  
GT – Grupo de Trabalho  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
Ibict – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia  
IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
MEC – Ministério da Educação  
PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional  
Proeja – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional  
Pronatec – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego  
RS – Rio Grande do Sul  
Senar – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Unicamp – Universidade Estadual de Campinas  
Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
USP – Universidade de São Paulo

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 - Localização IFRS - Câmpus Sertão  | 21 |
| Quadro 1 - Egressos participantes do encontro de ex-alunos e ex-servidores que responderam ao questionário   | 43 |
| Gráfico 1 - Resposta à pergunta: Durante os anos de estudos você ficou no internato da escola?   | 45 |
| Gráfico 2 - Resposta à pergunta: Você está atuando atualmente no ramo aprendido na escola?   | 47 |
| Gráfico 3: Resposta a pergunta: Se atua em alguma empresa, o teu ingresso no mercado de trabalho teve influência por ter concluído o curso técnico na EAFS/IFRS? | 48 |
| Gráfico 4 - Resposta à pergunta: Você participava de alguma atividade extracurricular (jogos, CTG, Cooperativa, Teatro, etc.)?                                   | 49 |
| Gráfico 5 - Resposta à pergunta: Você continuou os estudos após ter se formado na instituição? Se afirmativa a resposta, que curso fez e por qual razão?         | 50 |
| Quadro 2 - Entrevistas: data e local   | 55 |
| Quadro 3 - Egressos entrevistados, ano de formatura e características  | 56 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO  | 12 |
| INTRODUÇÃO  | 14 |
| PARTE I   | 21 |
| 1 IFRS CÂMPUS SERTÃO E OS DOCUMENTOS OFICIAIS   | 21 |
| PARTE II  | 29 |
| 2 REFERENCIAIS E AÇÕES DA PESQUISA  | 29 |
| 2.1 Ferramentas conceituais: história cultural e memória  | 29 |
| 2.2 Procedimentos de pesquisa   | 36 |
| 2.2.1 Primeiros contatos: o questionário piloto   | 36 |
| 2.2.2 Procedimentos de pesquisa: o questionário aplicado por ocasião do décimo encontro de ex-alunos e ex-servidores                                | 41 |
| PARTE III   | 52 |
| 3 PROCESSO INVESTIGATIVO E ANÁLISE  | 52 |
| 3.1 Apresentando os sujeitos  | 55 |
| 3.2 Memórias da escola: processo seletivo, motivos que levaram a vir para a escola, padrinhos, trotes e apelidos                                    | 59 |
| 3.2.1 Processo seletivo   | 59 |
| 3.2.2 Motivos que levaram a vir para a escola   | 63 |
| 3.2.3 Padrinhos, trotes e apelidos  | 64 |
| 3.3 Olhar dos egressos aos tempos de escola: atividades de rotina, disciplina e liderança, mercado de trabalho e emprego e alcance das expectativas | 66 |
| 3.3.1 Atividades de rotina  | 66 |
| 3.3.2 Disciplina e liderança  | 72 |
| 3.3.3 Mercado de trabalho e emprego   | 75 |
| 3.3.4 Alcance das expectativas  | 78 |
| 3.4 A cultura dos técnicos em agropecuária: mudanças na vida, brincadeiras e situação que marcou  | 78 |
| 3.4.1 Mudanças na vida  | 78 |
| 3.4.2 Brincadeiras  | 80 |
| 3.4.3 Situação que marcou   | 83 |
| 3.5 Já existia <i>bullying</i> nas décadas de 1970 e 1980?  | 86 |

|   |     |
|---|-----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS  | 90  |
| POSFÁCIO  | 95  |
| REFERÊNCIAS   | 97  |
| ANEXO A – Nota lexicológica                                       | 104 |
| APÊNDICE A – Questionário piloto                                  | 106 |
| APÊNDICE B - Questionário x encontro de ex-alunos                 | 108 |
| APÊNDICE C - Gestores do IFRS Câmpus Sertão                       | 112 |
| APÊNDICE D - Termo de consentimento para entrevista               | 113 |
| APÊNDICE E - Roteiro de entrevista                                | 114 |
| APÊNDICE F - Quadro Analítico inspirado em Szymanski (2004, 1979) | 116 |

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho busca evidenciar parte significativa de uma cultura escolar constituída ao longo dos anos, hoje lembrada por egressos do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) Câmpus Sertão<sup>1</sup>, mais especificamente por ex-alunos do curso Técnico em Agropecuária. O objeto desta investigação situa-se no campo da história da educação, mais especialmente inscrito entre as abordagens da história cultural. Duas razões justificam sua escolha: a inexistência de estudos a partir da memória de egressos e a inexistência de um acervo documental que ajudasse a melhor compreender a cultura escolar que ali foi sendo consolidada ao longo dos anos.

Ao tomar como referência ex-alunos do curso Técnico em Agropecuária do IFRS Câmpus Sertão, é fundamental perceber que, independentemente de características comuns a qualquer educandário, cada estabelecimento de ensino possui uma cultura escolar própria, construída historicamente e baseada em valores e normas que ali emergem, como também nas relações das pessoas que fazem parte da instituição. Seguindo o que recomenda Julia (2001, p. 13), neste estudo abriu-se a “caixa preta” da escola, buscando compreender o que ocorre nesse espaço particular e, assim, tentar compreender melhor a cultura escolar do técnico em agropecuária.

Na Introdução, o estudo apresenta a construção do problema de pesquisa, inicialmente motivado pela participação desta pesquisadora no encontro de ex-alunos e ex-servidores, onde se observou número significativo de egressos com interesse em manter contato com a instituição. Ao longo de seus 56 anos de história, esse estabelecimento de ensino formou mais de 5 mil técnicos em agropecuária, mas não foram encontrados apontamentos que pudessem remeter à história escolar desses alunos, além de registros acadêmicos. Também na introdução, com o objetivo de situar o leitor sobre como esta doutoranda chegou ao tema de estudo, apresenta-se sinteticamente sua trajetória pessoal e profissional.

---

<sup>1</sup> Esta instituição recebeu outras denominações ao longo do tempo, as quais serão explicitadas posteriormente no texto. A grafia “câmpus” obedece à recente orientação encaminhada pela Setec/MEC a todas as instituições da Rede Federal (Anexo A).

A seguir, na primeira parte do trabalho, aborda-se o IFRS Câmpus Sertão, com ênfase no que dizem os documentos oficiais a respeito de sua implantação e remodelação ao longo dos anos. Já na segunda parte, busca-se articular os referenciais teóricos que fundamentam este estudo. Na continuidade, são relatados os procedimentos de pesquisa, desde os primeiros contatos efetuados com os sujeitos e os passos seguintes, no desdobramento da pesquisa.

Na terceira parte, apresenta-se o processo investigativo e analítico a partir do olhar do egresso, mais especificamente alguns fragmentos significativos de suas memórias dos tempos de escola. Sob a dimensão qualitativa, a pesquisa vale-se de questionários escritos e entrevistas semiestruturadas.

Finalizando, como fecho argumentativo, constam as considerações finais, o posfácio e referências citadas ao longo do texto, bem como dos anexos e dos apêndices. Espera-se que o conjunto de elementos trazidos à tona por esta pesquisa contribua efetivamente para a escrita de uma parte da história da educação do IFRS Câmpus Sertão.

## INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento desta pesquisa, elegi<sup>2</sup> como objeto de estudo o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul Câmpus Sertão, sob a perspectiva de egressos discentes formados no curso Técnico em Agropecuária, entre os anos de 1972 a 2010. Tal recorte temporal ficou assim delimitado tendo em vista o contato que estabeleci com os egressos no encontro de ex-alunos realizado em maio de 2011. Para atingir os propósitos da investigação, as memórias, que ex-alunos ainda preservam dos anos vividos nesta escola constituem a riqueza empírica determinante desta pesquisa.

Inicialmente, ainda que de forma breve, cabe-me situar a instituição em pauta, a fim de melhor compreender o conjunto de informações que serão desdobradas nas páginas seguintes. O Instituto está localizado no Distrito de Engenheiro Luiz Englert, município de Sertão, Rio Grande do Sul (RS), a 25 quilômetros de Passo Fundo, região Norte do Estado, e integra a Rede Federal de Educação Tecnológica. Segundo dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), a região Norte do RS conta com 1.945.000 habitantes, caracterizando-se pela produção agropecuária, com destaque para a produção de cereais, como soja, milho, trigo, cevada e feijão. Na produção pecuária, a maior ênfase é a produção de suínos, aves e gado de leite. Sertão possui, atualmente, em torno de 6.746 habitantes, dos quais 3.652 residem na área urbana e 3.094, na área rural. Mais adiante, ofereço ao leitor outras informações acerca da instituição e de seus diversos momentos, conforme mudanças ocorridas, ao longo dos anos, nas políticas educacionais para o ensino técnico em nosso país.

Do ponto de vista pessoal, a escolha do tema desta investigação encontra justificativa em minha trajetória profissional, tendo em vista que, no ano de 2003, ingressei no Instituto Federal como docente da área de bovinocultura de leite. Lá, passei a me envolver em atividades de extensão, com o engajamento em eventos, e, também, no concurso Técnico Empreendedor do Governo Federal, ligado ao Ministério da Educação e realizado com alunos de ensino técnico em suas

---

<sup>2</sup> Nesta seção do trabalho, opto pelo emprego da primeira pessoa do singular, tendo em vista a necessidade de relatar minha trajetória pessoal e profissional, que foi determinante para a seleção do objeto desta investigação.

comunidades. A finalidade consistia em melhorar a qualidade de vida das famílias envolvidas na produção leiteira, obtendo premiações em nível regional em dois anos consecutivos. No mesmo ano de meu ingresso, a equipe responsável por atividades de extensão organizou o tradicional encontro de ex-alunos e ex-servidores, o qual acontece no terceiro sábado do mês de maio dos anos ímpares, reunindo egressos da instituição vindos de várias regiões do país, oriundos dos mais diversos setores da economia e com diferentes graus de escolaridade.

Ao participar dos encontros de 2003 e de 2009, pude constatar, com base nos relatos que ouvi, a importância da instituição na vida dos egressos, observando que os alunos da antiga Escola Agrotécnica Federal de Sertão (EAFS) continuam ligados a ela, tendo grande apreço pelo conhecimento e pela educação que lá receberam. Muitos, inclusive, explicitaram interesse em dar continuidade aos seus estudos em cursos de graduação implantados após 2010.

Conversando com alguns egressos, notei que eles relembavam muitos dos momentos compartilhados, memórias dos tempos vividos na instituição. Jogos de futebol, atividades em teatro, aulas práticas e teóricas, tudo vinha à tona quando conversavam entre si. Também percebi ênfase na descrição de seus percursos, suas atividades profissionais após a estada na escola. Em decorrência de tais observações, passei a levantar algumas questões passíveis de pesquisa: por meio de suas memórias, estariam sendo evocadas marcas de uma cultura escolar típica desta instituição? Que cultura seria esta? O que ela envolveria além dos saberes escolares? Até que ponto seria diferenciada das escolas em geral? Haveria relação com um modo de ser que ajudou a constituir o sujeito hoje profissional e cidadão?

Passei, então, a buscar mais subsídios que pudessem aprimorar os passos iniciais da investigação. Tive acesso à pesquisa nacional sobre egressos de 2003-2007 dos cursos técnicos da rede federal de educação profissional e tecnológica. Segundo essa pesquisa, desenvolvida pelo Ministério da Educação (MEC), os egressos revelam-se atores potencializadores de articulação com a sociedade (BRASIL, 2009, p. 3). Os resultados do referido estudo constituem fonte de informação que possibilita retratar a forma como a sociedade em geral percebe e avalia essas instituições, tanto do ponto de vista do processo educacional quanto do nível de interação que estas conseguem concretizar. Assim, os depoimentos de ex-

alunos podem se constituir em importante tarefa, permitindo identificar marcas impressas pela instituição em suas memórias, verificando possíveis efeitos dos tempos de escola na vida pessoal e profissional no presente, bem como identificar características de uma cultura escolar específica.

O IFRS Câmpus Sertão está diretamente vinculado ao campo da agropecuária, formando profissionais de competência comprovada e consagrando-se como centro de referência sobretudo na região Norte do Rio Grande do Sul. Anualmente, formam-se, em média, 120 alunos do curso profissionalizante de nível médio, que obtêm o título de técnico em agropecuária. Na busca por documentação relacionada aos egressos, constatei que não havia registros de contatos atualizados, apenas um banco de dados com *e-mail*, organizado pela jornalista da escola, totalizando aproximadamente 280 endereços eletrônicos, muitos dos quais desatualizados. Também verifiquei rara documentação oficial acerca da história da instituição, tampouco encontrei registros que pudessem remeter a aspectos da cultura escolar<sup>3</sup>.

Exercendo a posição de referência em educação básica, profissional e tecnológica em toda a região Norte do Estado do Rio Grande do Sul, o IFRS-Câmpus Sertão desempenha papel relevante pela qualidade de formação empreendida. Os alunos que ingressam no IFRS Câmpus Sertão têm em média 14 anos de idade, portanto, são adolescentes e veem na instituição uma espécie de extensão do próprio lar, tanto que, para muitos, os colegas representam a figura dos irmãos e os professores e servidores, a simbologia dos pais.

A instituição parece marcar significativamente a vida desses egressos. Ainda que, ao longo dos anos, algumas características da cultura institucional se

---

<sup>3</sup> A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961) foi que estruturou o ensino em três graus: primário, médio e superior. O ensino médio, ministrado em dois ciclos – ginásial e colegial –, abrangeu, entre outros, os cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário. Com relação ao ensino técnico de grau médio, a referida lei fixou normas para o funcionamento dos cursos Industrial, Agrícola e Comercial. A partir desta lei, deu-se início ao ginásio agrícola de Sertão. Em decorrência da nova LDB, as antigas escolas de iniciação agrícola e escolas agrícolas foram agrupadas sob a denominação de “Ginásios Agrícolas”, ministrando as quatro séries do primeiro ciclo (ginásial) e mantendo a expedição aos concluintes do certificado de “mestre agrícola”. As Escolas Agrotécnicas passaram a ser chamadas de “Colégios Agrícolas”, ministrando as três séries do segundo ciclo (colegial) e conferindo aos concluintes o diploma de “técnico em agricultura”. Essa lei, ao criar os ginásios, vinculou o Ensino Agrícola ao mercado de trabalho.

modifiquem pela dinâmica do tempo, parece forte a ideia de algumas permanências.

Como afirma Ciavatta:

[...] a identidade que cada escola e seus professores, gestores, funcionários e alunos constroem é um processo dinâmico, sujeito permanentemente à reformulação relativa às novas vivências, às relações que estabelecem. De outra parte, esse processo está fortemente enraizado na cultura do tempo e do lugar onde os sujeitos sociais se inserem e na história que se produziu a partir da realidade vivenciada, que constitui ela mesma “um lugar de memória” (2005, p. 97).

Através de minha vivência na escola, fui percebendo que há um lugar de memória ainda não devidamente explorado. Vinculada a essa lacuna, existe a falta de um contato sistemático com os alunos após o término dos estudos, ou seja, não há um *feedback* acerca de suas trajetórias.

O acompanhamento do egresso é um mecanismo importante ao processo de avaliação das instituições escolares. Sua opinião ou suas narrativas acerca do que encontrou lá fora, após sua diplomação, podem contribuir para qualificação dos projetos em implantação, para reestruturação de currículos e mesmo para repensar a forma como a instituição organiza e institui uma determinada cultura escolar. Assim, aos poucos, foram surgindo questões para nortear esta pesquisa: *Como os egressos rememoram o tempo vivido na EAFS/IFRS Câmpus Sertão? Que marcas da cultura escolar estão presentes em suas memórias?*

Reforçando o que já mencionei, esta proposta começou a ser esboçada a partir dos encontros realizados nos anos de 2003 e 2009, os quais envolveram mais de 800 alunos egressos.<sup>4</sup> Mesmo residindo em regiões distantes, com contextos diferenciados, eles explicitaram reconhecer o papel da escola em suas vidas. Segundo seus relatos, o período que ali passaram foi importante para sua formação não só profissional, mas também para a vida em geral, especialmente sob as perspectivas ética, moral e social. Essas considerações, obtidas informalmente, sugeriram a pertinência de se coletar possíveis reminiscências de ex-alunos de modo mais sistemático, o que motivou a elaboração deste estudo.

Quem sabe eu estaria contribuindo para a escrita de parte da história desta instituição tão importante na região e no Rio Grande do Sul? Insisto em dizer “parte”,

---

<sup>4</sup> Conforme já referido no início deste estudo, desde o ano de 1993, os eventos ocorrem no terceiro sábado do mês de maio dos anos ímpares, sendo o do ano de 2011 o 10º encontro.

uma vez que a dimensão historiográfica aqui assumida não busca uma única versão sobre os fatos, meta impossível, aliás. O que se pretende é verificar quais significados são atribuídos no presente às vivências do passado. Provavelmente, há uma riqueza de lembranças a serem registradas, as quais, sob a égide da memória, devem ser encaradas com os devidos filtros. De acordo com referenciais teóricos que subsidiam este estudo, recordação não se separa da consciência; ambas mantêm uma via de mão dupla. As memórias dizem quem somos, integram nosso presente ao passado, tanto na perspectiva de que inventamos um passado adequado ao presente, quanto o contrário (NUNES, 2002/2003, p. 3).

Em outras palavras, os fatos lembrados não foram levados em conta como realidade efetivamente acontecida, e sim como o significado que hoje o sujeito atribui ao que viveu em outro tempo. Em síntese, a pesquisa pretendeu verificar como os egressos rememoram o tempo vivido na EAFS/IFRS Câmpus Sertão, com vistas a identificar marcas mais recorrentes, destacadas por suas lembranças. Além disso, com base nas narrativas dos sujeitos, a proposta consiste em identificar alguns possíveis efeitos da formação escolar na sua vida pessoal e profissional até a presente data.

Antes de adentrar nos aspectos formais desta pesquisa, considero importante complementar o contexto pessoal que me motivou a levar em frente tal proposta. Pensar na minha história de vida é trilhar um caminho que foi percorrido não só por mim, mas também por aqueles que comigo andaram. De fato, vejo-me acompanhada de diferentes pessoas que me auxiliaram no percurso. Desde a época de escola, evidenciava interesse pelas disciplinas ligadas às ciências humanas e da natureza. Por meio de um professor, vim a saber da existência da modalidade Técnica em Agropecuária que oferecia ensino integrado na Universidade Federal de Santa Maria.

Como sempre fui determinada, empenhei-me na preparação para frequentar o curso. Encontrei resistência por parte da família para realizar o exame de seleção, pois, sendo uma menina de 13 anos, pequena, totalmente urbana, que não possuía conhecimento mais específico sobre o rural, poderia enfrentar dificuldades e discriminação. Outro ponto negativo, segundo meu pai, dizia respeito às informações sobre o curso, este com muitas aulas práticas, o que exigiria força braçal. O natural

seria a família convencer-me a desistir de cursar. Argumentei e consegui que aceitassem, pelo menos, a tentativa de ingresso. O discurso da família recaía na ausência de cultura na área agrária, de conhecimento formal sobre o meio rural, que poderiam impedir a conclusão do curso.

Fui em busca da construção de minha história. Após, cursei Medicina Veterinária e Mestrado em Extensão Rural; logo a seguir, o antigo Esquema I, curso que preparava graduados na área rural para a docência. E foi ao término deste que percebi minha verdadeira vocação, ser professora. O próximo passo da trajetória foi ingressar no curso de Doutorado na área de Educação, consequência do amadurecimento e, também, dos desafios colocados pelas políticas educacionais dos últimos anos, relacionadas aos institutos federais. Assim, despertei para novas percepções diante do conhecimento científico e para novas modalidades de como fazer pesquisa. Posso afirmar que há uma demanda permanente de aprofundamento de estudos e leituras, na medida em que a nova área propôs novos referenciais e sistematizações de conhecimentos, muito diferentes da área técnica de onde advém minha formação anterior.

Certamente, também justifica este estudo o fato de ser egressa de uma escola agrotécnica, o Colégio Agrícola de Santa Maria, e de guardar recordações daquele tempo, mesmo passados mais de vinte anos desde minha formatura. Por muitas vezes, ocorre a preocupação com a amnésia ou falha geral de evocação, como afirma Izquierdo (2004, p. 15), mas, neste caso, vejo que a memória (segundo ele, aquisição, conservação e evocação de informações) permaneceu muito similar ou quase intacta. Segui a vida com aprendizado evocando recordações. De acordo com o autor, só se pode avaliar a memória por meio da evocação, cuja falta denomina-se de “esquecimento” ou “olvido”. Uma falha geral da evocação de muitas memórias é chamada de “amnésia”.

Daquele tempo, guardo na memória muitos dos ensinamentos obtidos, lembranças marcando passagens pelas aulas práticas com os animais, em que fazíamos desde a limpeza até o tratamento de aves, suínos e coelhos. Um dos episódios que relembro com alegria refere-se à viagem técnica à Exposição Internacional de Animais, Máquinas, Implementos e Produtos Agropecuários, em Esteio, Rio Grande do Sul, a tradicional “Expointer”, que trouxe grandes

enriquecimentos aos estudos. Como não possuía a vivência no meio rural, aquele foi o primeiro contato com animais de grande porte. Além das novas aprendizagens no plano técnico, para alunos na faixa de 14 anos de idade, a viagem em si representava uma aventura, principalmente em se tratando de adolescentes oriundos do interior, que não conheciam a capital ou uma cidade grande. Tudo era novidade, motivo de entusiasmo e alegria. Percebo hoje, ao relembrar, que não foram insignificantes as marcas que aquela escola imprimiu em minha vida pessoal e profissional. Ao contrário, foram, inclusive, agregadoras de valores para minha conduta como cidadã.

Ao mergulhar em tempos pretéritos, a memória faz lembrar o cotidiano no Colégio Agrícola na cidade de Santa Maria, dias nada fáceis para uma adolescente do meio urbano que agora passaria a trabalhar no pesado, em atividades do currículo que exigiam até mesmo força física. Hoje, avalio-a como uma das experiências mais benéficas de minha história, por viver num espaço onde se realizavam atividades teóricas e práticas, rotinas associadas a um eficiente aprendizado e convívio com pessoas que se tornaram grandes amigos até os dias atuais. Lembro-me de docentes que me ensinaram a perder a vergonha de falar em público, contribuindo, aos poucos, para minha comunicação com um mundo mais amplo. Em resumo, passados 25 anos, emerge a lembrança da instituição como um lugar de aprendizado ímpar. No momento presente, amparada em estudos em torno do tema “memória,” permito-me teorizar e fazer considerações que extrapolam o meu mundo particular, ampliando-o, para compreender histórias de outros ex-alunos de escola agrotécnica.



agronegócio, agronomia, agroindústria e zootecnia. A seguir, abordam-se sua trajetória institucional e as políticas educacionais de cada época.

A remodelação do ensino profissional técnico promovida pelo governo federal, por meio do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, ao qual competia, desde sua criação, é regulada pelo Decreto 1.606, de 29 de dezembro de 1906, segundo Nagle,

mantendo as mesmas características do período republicano que se estruturaram durante o período imperial e mesmo colonial. Agora como antes, o ensino técnico-profissional é organizado com o objetivo expresso de atender às classes populares, às classes pobres, aos meninos desvalidos, órfãos abandonados, desfavorecidos de fortuna (2009, p. 181).

Pelo Decreto-Lei 7.566, de 22 de setembro de 1909, o governo federal, representado pelo então presidente Nilo Peçanha, criou 19 escolas de aprendizes e artífices, destinadas principalmente a atividades industriais e patronatos agrícolas, com finalidade de atividades rurais (Brasil, 2007). A rede federal está vivenciando a maior expansão de sua história. De 1909 a 2002, foram construídas 140 escolas técnicas no país. Nos últimos oito anos, o Ministério da Educação entregou à população as 214 escolas previstas no plano de expansão da rede federal de educação profissional. Além disso, outras foram federalizadas. O MEC está investindo R\$ 1,1 bilhão na expansão da educação profissional. Atualmente, são 354 unidades e quase 400 mil vagas em todo o país. Com outras 208 novas escolas previstas para serem entregues até o final de 2014, serão 562 unidades, que, em pleno funcionamento, gerarão 600 mil vagas (BRASIL, 2009).

Os patronatos agrícolas foram criados com a finalidade de formar mão de obra para substituir o trabalho escravo, das produções de café, algodão, cana-de-açúcar, criação de gado ou outra atividade agrícola, fator determinante para incluir o ensino agrícola nas políticas públicas<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> A partir do início do século XVI, o *modus italicus* foi sendo progressivamente suplantado pelo *modus parisiensis*, que tem esse nome porque se refere ao método aplicado na capital da França, tendo se tornado a marca distintiva da Universidade de Paris. A data referência é 1509, segundo Saviani, ocorreu à divisão dos alunos em classes, com introdução do *modus parisiensis* de ensinar, o qual comportava, como aspectos básicos, a distribuição dos alunos em classes, a realização, pelos estudantes, de exercícios escolares e mecanismos de incentivo ao trabalho escolar. Cada classe era regida por um professor com alunos de idades aproximadas e com

O IFRS, desde sua fundação, está sistematizado na forma de séries. Inicialmente, atuava como escola agrícola, depois como ginásio agrícola, mais tarde como colégio agrícola, escola agrotécnica, culminando em instituto federal. Atualmente, ministra ensino médio profissionalizante e cursos de licenciatura e tecnologia. Romanelli relata que: “As Leis Orgânicas que estruturaram o ensino técnico-profissional durante o período começaram a ser promulgadas em 1942. Em 20 de agosto de 1946, findo, portanto o estado novo saía o decreto-lei 9623, chamado Lei Orgânica do Ensino Agrícola” (2007, p. 154).

Esse decreto-lei organizou o ensino técnico profissional nas três áreas da economia, de forma que ele contivesse dois ciclos – um fundamental, geralmente de 4 anos, e outro técnico de 3 a 4 anos. Algumas falhas faziam-se notar nesta legislação, a mais importante delas referindo-se à falta de flexibilidade entre os vários ramos do ensino profissional e entre estes e o ensino secundário. Essa falta de flexibilidade traçava o destino do aluno no ato mesmo do seu ingresso na 1ª série do ciclo básico.

A menos que ele abandonasse completamente os estudos a meio caminho, se quisesse reorientar sua escolha deveria interromper o curso que estivesse fazendo e recomeçar noutro ramo sem ter a chance de ver seus estudos aproveitados nessa transferência, redundando sempre em desperdício de recursos aplicados à educação e em perda de tempo por parte do estudante (ROMANELLI 2007, p. 156).

Criada pela Lei 3.215, de 19 de julho de 1957, a instituição chamou-se Escola Agrícola de Passo Fundo. Através do Decreto-Lei 53.558, de 13 de fevereiro de 1964, passou a denominar-se Ginásio Agrícola de Passo Fundo. Com localização em Passo Fundo – RS, subordinado à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário, ligada ao Ministério da Agricultura, oferecia o curso ginásial com internato (BRASIL, 1957). Alguns anos depois, pelo Decreto 60.731, de 19 de maio de 1967, a instituição foi transferida, juntamente com outros órgãos de ensino, para o Ministério da Educação e Cultura.

---

o mesmo nível de instrução, aos quais se ministrava um programa previamente fixado, composto por um conjunto de conhecimentos proporcionais ao nível da turma (SAVIANI, 2008, p.52)

Devido ao desenvolvimento, houve crescimento dos centros industriais e foram criadas novas áreas de produção, exigindo a expansão, com geração de novos empregos e categorias profissionais.

Na década de 1960, de acordo com Saviani,

[...] a meta da industrialização havia sido atingida, os empresários nacionais e internacionais, as classes médias, os operários e as forças de esquerda se uniram em torno da bandeira da industrialização, com razões divergentes. Para a burguesia e as classes médias a industrialização era um fim em si mesmo, para o operário e as forças de esquerda, tratava-se apenas de uma etapa (2008, p. 362).

O Decreto 62.178, de 25 de janeiro de 1968, autorizou o Ginásio Agrícola de Passo Fundo a funcionar como Colégio Agrícola. A denominação “Colégio Agrícola de Sertão” foi estabelecida pelo Decreto 62.519, de 09 de abril de 1968. A partir disso, ficou sob o comando da Coordenação Nacional de Ensino Agrícola (Coagri), durante o período de 1973 até 1986, oferecendo, nesse período, o Curso Ginásial Agrícola. Pelo Decreto 83.935, de 04 de setembro de 1979, passou a denominar-se Escola Agrotécnica Federal de Sertão (EAF Sertão RS), subordinada à Secretaria de Educação de 1º e 2º Graus do Ministério da Educação e Cultura. Essa Lei, ao criar os ginásios, vinculou o ensino agrícola ao mercado de trabalho (COAGRI, 1984).

Na década de 1980, segundo Saviani,

Uma particularidade foi precisamente a busca de teorias que não apenas se constituíssem como alternativas à pedagogia oficial, mas que a ela se contrapusessem. Eis o problema que emergiu naquele momento: a necessidade de construir pedagogias contra-hegemônicas, isto é, que em lugar de servir aos interesses dominantes se articulassem como os interesses dominados (2008, p. 402).

Foi principalmente na década de 1980 que surgiram alguns espaços iniciais de produção intelectual brasileira. Posteriormente, essa produção generalizou-se pelo Brasil com a ampliação dos programas de pós-graduação. Em São Paulo, os polos dessas atividades foram, sobretudo, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ainda, conforme Santos, no Rio de Janeiro, no âmbito das universidades federais, consolidaram-se os trabalhos de Francisco Falcon, com papel de certa forma semelhante ao de Novais em São

Paulo, “pois deslocou seus estudos do campo da História das Ideias para o da Nova História Cultural, atendo-se às outras dimensões da cultura e do cotidiano” (2005, p. 6). Acrescenta a autora que:

Uma análise do conjunto desses trabalhos acaba por demonstrar como o foco sobre cultura, civilização e costumes – cujo débito aos trabalhos de Norbert Elias é mais que evidente – trouxe a emergência de novos temas e sujeitos da História, com destaque para amplas abordagens sobre o cotidiano de vários grupos sociais pertencentes ao mundo do trabalho, antes excluídos dos trabalhos históricos (2005, p. 6).

A instituição obteve declaração da regularidade de estudos pela Portaria 081, de 06 de setembro de 1980, da Secretaria do Ensino de 1º e 2º Grau, do Ministério da Educação e Cultura. A Lei Federal 8.731, de 16 de novembro de 1993, transformou a EAF Sertão em autarquia federal, com autonomia administrativa e pedagógica.

Em 29 de dezembro de 2008, pela Lei Federal 11.892, a EAF Sertão RS passou a integrar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, na condição de Câmpus, juntamente com os Campi Bento Gonçalves, Canoas, Caxias do Sul, Erechim, Osório, Porto Alegre, Restinga, Rio Grande, Núcleo Avançado de Farroupilha, Núcleo Avançado de Feliz e Núcleo Avançado de Ibirubá.

Ao longo de sua história, o IFRS passou por diferentes gestões, bem como por diferentes formas de acesso à gestão (Apêndice A). Atualmente, o Câmpus Sertão tem autonomia para ministrar curso de educação básica em nível de ensino médio e formação profissional com cursos de nível técnico, nas seguintes modalidades: integrada, concomitante, subsequente, Programa Nacional de Integração da Educação Profissional (Proeja) com formação profissional em Informática e Agroindústria e, também, os cursos superiores de Tecnologia em Agronegócio, Agronomia, Zootecnia, Tecnologia em Gestão Ambiental, Licenciatura em Ciências Agrárias e Tecnologia em Alimentos. Ficou responsável pela criação e implantação do Câmpus de Erechim RS, que, no segundo semestre de 2009, começou a oferecer à comunidade regional os cursos Técnico em Agroindústria, Técnico em Mecânica e Técnico em Vestuário.

Nesse Câmpus, ao longo dos anos, já se formaram mais de 5 mil alunos, os quais se inseriram no mundo de trabalho não apenas como profissionais mas também como líderes com destacada participação em todos os campos da ação humana. Como líderes comunitários, prefeitos, vereadores e presidentes de cooperativas, os técnicos em agropecuária formados na instituição participam da transformação técnica ocorrida nas propriedades rurais, especialmente da região Norte do Rio Grande do Sul, de parte de Santa Catarina, do Paraná e até do Centro-Oeste e do Nordeste brasileiro. Muitos são os alunos que concluem o ensino fundamental e buscam alternativas de formação técnica em nível médio, sendo essa a realidade que motiva a escola a ampliar o seu leque de atendimento na região onde está inserida e que justifica a manutenção e a reestruturação do curso Técnico em Agropecuária, de acordo com as necessidades do mercado.

A oportunidade de o aluno frequentar um curso técnico antes de ingressar no ensino superior pode ser uma opção, pois terá maior garantia de estar empregado na área de formação, além de maior facilidade de crescer na carreira e custear seus estudos. Isso porque a formação técnica oportuniza melhores condições de permanência e mobilidade no mercado de trabalho. Na expressão de Manfredi:

Os dados do I Censo de Educação Profissional (Inep/MEC, 1999) mostram que a oferta da educação profissional está centrada no setor de serviços e em cursos de curta duração, o que é indicativo de carências nos demais setores – indústria, comércio, agropecuária, agroindústria – as quais são importantes na economia brasileira e também passam por processos de inovações tecnológicas (2002, p. 297).

Ocorre, ainda hoje, um grande *deficit* no âmbito da educação profissional, somado à insuficiência das políticas públicas para essa importante modalidade de educação básica. Na tentativa de mudar esse panorama, a instituição oferece cursos de inseminação artificial em bovinos para as comunidades interna e externa. Mantém, igualmente, a oferta de cursos em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), além de cursos de qualificação em informática e atendimento a projetos de fomento econômico e educacional com empresas e municípios da região. São concretas as ações de inclusão social incrementadas, como a que ocorreu no primeiro semestre de 2012, qual seja, a inauguração do

centro de equoterapia, que está atuando em conjunto com municípios da região Norte do estado, auxiliando crianças das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apaes) regionais.

Como consta do seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)<sup>6</sup>, o Câmpus Sertão tem como missão: “Desenvolver a educação profissional e básica para a formação de indivíduos competentes, conscientes e críticos que, no desempenho de suas atividades, possam gerar e difundir tecnologias e promover a cidadania” (2006, p. 9).

A instituição desempenha função na cooperação para o desenvolvimento socioeconômico regional em um entorno com predominância de pequenas e médias propriedades, estando integrada ao Plano de Expansão da Educação Profissional. O Câmpus funciona em período integral, com aulas teóricas e práticas, nos períodos da manhã, tarde e noite.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Câmpus Sertão oferece aos alunos, além de espaços apropriados para a realização das atividades em sala de aula, uma área de 237 hectares com uma dezena de setores pedagógicos e de produção denominadas de Unidades de Ensino e Produção, nas áreas de Agricultura, Fruticultura, Avicultura, Suinocultura, Bovinocultura e Agroindústria. Conta, ainda, com estrutura para produção dos derivados de leite, carnes e vegetais, bem como com modernos laboratórios. Oferece alojamento para 360 alunos e 16 alunas e refeitório para 2.300 refeições diárias, divididas entre café da manhã, almoço, lanche e jantar. Conta com 103 servidores técnicos administrativos efetivos e 60 terceirizados, 74 professores efetivos e 23 temporários. Há um planejamento de expansão com ingresso de novos docentes e técnicos administrativos.

No ano letivo de 2012, eram 1.012 alunos, incluindo os que estavam em estágio. Efetivamente, na escola, 357 alunos frequentavam o curso técnico integrado em agropecuária; 67, o curso técnico subsequente; 44, em agropecuária; 14, em informática; e 9, em agroindústria. No ensino superior, havia 451 alunos.

---

<sup>6</sup> Acervo da instituição.

Já no ano letivo de 2013, são 1.532 alunos, incluídos nesse total os estagiários. Efetivamente, no Câmpus, são 477 alunos do curso Técnico Integrado em Agropecuária, 59 do curso Técnico Subsequente, 227 dos cursos concomitantes e 40 do curso Proeja. No ensino superior, são 289 alunos nos cursos superiores de tecnologia (Gestão Ambiental, Agronegócio e Alimentos), 246 em cursos de bacharelado (Agronomia e Zootecnia) e 194 em cursos de licenciatura (Ciências Agrícolas e Formação Pedagógica para Graduados). Seu corpo discente abrange uma área geográfica de mais de 120 municípios do estado do Rio Grande do Sul e de outros estados da federação.

## PARTE II

### 2 REFERENCIAIS E AÇÕES DA PESQUISA

#### 2.1 Ferramentas conceituais: história cultural e memória

*Os historiadores sociais radicais rejeitavam a narrativa porque a associavam a uma ênfase excessiva sobre grandes feitos de grandes homens, e especialmente à supervalorização da importância dos líderes políticos e militares em detrimento dos homens – e mulheres – comuns. Mas a narrativa retornou, junto com uma preocupação cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos (BURKE, 2008, p. 158).*

Após definir que as metas desta pesquisa seriam alcançadas por meio de narrativas de ex-alunos, tornou-se determinante a escolha de lentes teóricas que ajudassem na leitura dessas falas. Como afirma Fischer, os pressupostos teóricos auxiliam a sustentar o problema a ser investigado: “quando arquitetamos a problemática, estamos, ao mesmo tempo, construindo e reconstruindo princípios teóricos, tentando relacioná-los à realidade empírica que nos desafia” (2005, p. 250). Assim, aqui a opção foi pela história cultural como referencial básico, apostando na memória como um meio eficaz de evocação dos acontecimentos pretéritos.

Como egressa da área das ciências médicas, era imprescindível mergulhar em outras águas, isto é, fazer leituras e estudos que me permitissem entender teorias antes sequer imaginadas. Aprendi com Burke (2008, p.15) que a “História Cultural não é uma descoberta nova. Já era praticada na Alemanha com o nome de Kulturgeschichte, há mais de 200 anos”. Pesavento comunga da mesma interpretação:

Entendemos a história cultural não como uma “virada de mesa” com relação a pressupostos teórico-metodológicos, mas como uma abordagem, ou um novo olhar que se apoia sobre as análises já realizadas, e, por sua vez, avança dentro de um determinado enfoque. Neste sentido, a história cultural realmente vem se somar ao conhecimento acumulado, sem voltar as costas a uma matriz teórica, fruto de uma reflexão cumulativa (1995, p. 279).

Se a História Cultural, muitas vezes, tem sido denominada de “nova” é porque indica uma nova forma de a História trabalhar a cultura, uma meta a ser alcançada com esta pesquisa, ou seja, a de poder contar uma parte da história do IFRS Câmpus Sertão sob a perspectiva dos egressos.

Estudando sobre a “nova História Cultural”, percebi que ela teve sucesso nos EUA, reunindo historiadores da literatura associados ao “novo historicismo”. Na França, Roger Chartier definiu-se como historiador cultural. Na Alemanha e na Holanda, a “nova História Cultural” foi enxertada na tradição de Burckhardt e Huizinga, dando mais ênfase à história do cotidiano. Na Grã-Bretanha, passou a existir desde a década de 1930. Assim, ainda segundo Burke, “o novo estilo de História Cultural deve ser visto como uma resposta aos desafios como a expansão do domínio da cultura e a ascensão do que passou a ser conhecido como teoria cultural” (2008, p. 70). É, também, Pesavento quem alerta para os riscos que se pode correr diante do que se pode denominar como “sucesso” desta abordagem, tanto no plano da academia como da mídia. Sob determinado ponto de vista, diz a historiadora, “podemos entender tais riscos como desafios que se colocam no plano intelectual para aqueles que abraçam a História Cultural” (2008, p. 115). Ainda segundo ela, uma das características da História Cultural foi trazer à tona o indivíduo, como sujeito da História, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares.

[...] é preciso teoria, sem dúvida, ela exige o uso desses óculos, conceituais e epistemológicos para enxergar o mundo. A História Cultural pressupõe um método, trabalhoso e meticuloso, para fazer revelar os significados perdidos do passado. Pressupõe ainda uma carga de leitura ou bagagem acumulada, para potencializar a interpretação por meio da construção do maior número de relações possíveis entre os dados. Como resultado, propõe versões possíveis para o acontecido e, certamente, provisórias. Parece difícil, mas talvez resulte dessa condição o seu maior encanto, fazendo do fazer História uma aventura, sempre renovada, do conhecimento (PESAVENTO, 2008, p. 119).

Outros elementos relacionados à História Cultural envolvem a memória e a historiografia. “Este é, a rigor, um campo derivado da corrente que discute a escrita da História, realizando aproximações com a memória” (PESAVENTO, 2008, p. 94). Conforme Stephanou, “a História Cultural – ou o estudo da produção de sentidos sobre o mundo construído pelos homens do passado – sinaliza para uma compreensão dos diferentes processos educativos e escolares” (2009, p. 418).

Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade<sup>7</sup>. Nas narrativas evocadas, os ex-alunos expressam representações, por exemplo, a respeito de normas e práticas utilizadas na sua formação quando estudantes do curso Técnico em Agropecuária, com sua cultura própria, porém não imutável, uma vez que a instituição, ao longo do tempo, pode alterar suas propostas e seus modos de agir.

Outro conceito importante para perseguir os propósitos deste estudo diz respeito à compreensão do que se entende por *cultura escolar*. Uma definição construída por Dominique Julia tem sido amplamente utilizada entre historiadores. Segundo esse autor, trata-se de “um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar”. Em seguida, complementa: “um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas” (JULIA, 2001, p. 10). Para fins desta escrita, tomo por cultura escolar o conjunto de práticas e normas produzidas na instituição foco de estudo, indo além dos saberes determinados nos currículos, envolvendo tudo o que acontece no cotidiano da instituição, de modo intencional ou não, inclusive critérios de regulação ou modos disciplinares de comportamento.

Importante fazer uma pausa, aqui, para revelar uma das inquietações surgidas no desencadear da pesquisa: desde o ingresso na escola, em 2003, percebi falta de registros sobre os alunos, ou mesmo sobre os acontecimentos ocorridos na instituição. Na etapa inicial deste estudo, com o objetivo de reunir mais elementos sobre a história institucional – ou registros de alunos e documentos que contassem suas trajetórias, na busca por identificar elementos da cultura escolar –, percorri os corredores da instituição e seus mais diversos setores de registros. Inicialmente, a reação foi de tristeza, pois não encontrei documentos materializados, apenas um pequeno banco de dados de alunos egressos, o que, nesse primeiro momento, entendi não ser relevante. Porém, à medida que fui me aprofundando nas leituras sobre a memória e a história cultural, a tristeza foi se transformando em alegria, pois percebi que, por meio desta pesquisa, teria a possibilidade de contribuir

---

<sup>7</sup> Uma das categorias centrais da História Cultural é a representação, a rigor, incorporada pelos historiadores a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, no início do século XX, conforme Pesavento (2008, p. 39).

para a escrita da história, entendida aqui conforme Nora: “história, como a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (1993, p. 9). História que pertence a todos dessa importante instituição, um lugar de memória na história da educação do Rio Grande do Sul e do país.

Voltando aos estudos que fiz envolvendo o tema aqui em foco, lembro da pesquisa de Willis (1991), na década de 1970, com jovens do sexo masculino sobre a transição da escola para o trabalho. Nesse estudo, o autor menciona que valores e interpretações culturais circulam, ilícita e informalmente, da mesma forma que mercadorias, verificando-se aí uma semelhança com a cultura escolar vivenciada na instituição, em especial as lutas por poder simbólico, ou a tentativa de burlar regras ou derrotar aquilo que é percebido como seu principal propósito: fazer você trabalhar. Entendi que cultura é algo inerente ao cotidiano dos grupos sociais, cada qual com seus sentidos e experiências, tudo traduzido nos seus sistemas de valores e crenças, com suas visões de mundo. Eis o que acontece, também, entre os egressos da EAFS, que vêm de diversos municípios do Rio Grande do Sul, trazendo suas particularidades, suas crenças, superstições, etnias. Como afirma Brandão, cultura pode ser entendida como:

a particularidade por meio da qual os grupos sociais reproduzem as suas condições de vida material, elaboram suas normas de organização da vida em sociedade e de conduta dos diferentes sujeitos como códigos de regras e princípios e, finalmente, atribuem sentidos e significados as suas experiências – traduzindo tudo isso nos seus sistemas de crenças, valores, visões do mundo e identidade social, ética, sexual, profissional etc. (1995, p. 85).

O mesmo autor complementa que “a cultura é entendida como o trabalho vivo da experiência social – e o aparente tradicionalismo de algumas de suas dimensões é justamente o que há aí de mais atual. A cultura precisa ser capaz de produzir significados, provocar sentimentos individuais e coletivos” (1995, p. 85).

Desde o início desta pesquisa, constatei que, na escola, não era dada a devida importância a essa cultura ou a vivências que remetessem à cultura escolar. Se documentos existiram em determinado momento na instituição, aparentemente haviam sido descartados. Segundo os responsáveis por setores como o de estágio e extensão, gabinete de direção ou mesmo setor de registros escolares, “o material de

encontros de ex-alunos, reuniões de direção, não foram guardados por razões de ordem física”, e por isso a maioria foi incinerada. Diante disso, levei a pesquisa adiante, uma vez que passei a considerar o que afirma Tedesco:

A história local, resgatada pela memória, pode se servir da “evidência local” viva, possibilitando a compreensão de normas sociais, costumes, tradições; permitindo contrapor referenciais já existentes, unir informações dispersas, valorizar o vivido, conservar, criticar e socializar formas do pensamento passado (2002, p. 66).

Nessa direção, este estudo tematiza a cultura da escola e do que talvez ela tenha contribuído para a constituição de técnicos em agropecuária, rememorando seu cotidiano, suas especificidades, suas particularidades, suas exigências na forma de agir, de aprender, enfim.

Alguien dirá: todo. Y si, es cierto, la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer. Lo que sucede es que en este conjunto hay algunos aspectos que son más relevantes que otros, en el sentido que son elementos organizadores que la conforman y definen. De entre ellos elijo dos a los que he dedicado alguna atención en los últimos años: el espacio y el tiempo escolares. Otros no menos importantes, como las prácticas discursivas y lingüísticas o las tecnologías y modos de comunicación empleados, son ahora dejados a un lado (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69).

No que diz respeito à memória, Pollak também fez parte do repertório de autores estudados. Segundo ele, “hoje podemos abordar o problema da memória de modo muito diferente de como se fazia anos atrás. Temos novos instrumentos metodológicos, mas, sobretudo, temos novos campos” (1992, p. 207-208). E atualmente, por óbvio, cabe acrescentar, temos novas e eficientíssimas tecnologias. Como ressalta o mesmo autor (1992, p. 201), os elementos que constituem a memória individual ou coletiva, em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente e, em segundo lugar, os acontecimentos “vividos por tabela”, vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer. É plausível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um elemento de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória quase que herdada. Nora, por sua vez, afirma que “o lugar de memória é um lugar duplo, um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado

sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações” (1993, p. 27).

Para alguns teóricos, a história da educação deve ser escrita, também, com base na memória e, em decorrência, na cultura. Segundo Benito:

En lo que afecta a la educación, cada vez que se está más en la convicción de que el futuro de la escuela se ha de buscar como apertura y creación, porque el provenir no hay que esperarlo, pero también se estima que esta función proactiva de la nueva educación debe escribirse desde la memoria, es decir, desde la cultura. El patrimonio escolar es un bien para ser expuesto públicamente y para ser visto por todos. Construir y comunicar los valores de la memoria es desde luego una responsabilidad pública, pero constituye al tiempo una tarea en la que los académicos han de desempeñar una importante función (2007, p. 26).

A educação reúne uma produção histórica alicerçada em contextos altamente significativos. Ex-alunos costumam trazer fragmentos de memória, a qual é entrelaçada à cultura vivida. “A história nasce desse encontro com o outro que desloca as linhas do presente em um entrelaçamento da história e da memória” (DOSSE, 2003, p. 215). Assim, nesta pesquisa, entende-se a memória composta por vivências, com ressignificações da vida contada a cada presente, lembrando e esquecendo episódios, cenas, ações, momentos, tudo isso evocado a partir do presente. Ou, ainda, conforme Stephanou e Bastos:

A memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas. Movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nossos atos de lembrar e esquecer, pois é isso a Memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente (2009, p. 420).

Para se compreender o presente, há que se ter perguntas sobre o passado. E, neste estudo, para se buscar possíveis respostas, há que se contar, efetivamente, com rememorações dos sujeitos egressos da instituição, sem esquecer que as narrativas estão eivadas de subjetividade, como afirma Nunes.

As memórias estão relacionadas a processos de subjetivação bastante complexos, que incluem desde sensações e imagens mentais altamente privadas espontâneas até solenes cerimônias públicas vividas intensamente. Elas estão ancoradas em espaços e lugares nos quais circulamos, em grupos sociais de diferentes tipos aos quais pertencemos, em objetos que manipulamos. Quem recorda são os indivíduos e esta experiência de caráter singular está presente quando se enfatiza a memória social, pois os indivíduos não são autônomos, passivos e obedientes a uma vontade social interiorizada (2002/2003, p. 4).

Também, no entendimento de Nunes (2002/2003, p. 5), as escolas são “celeiros” de memórias, espaços nos quais se tece parte da memória social. As reminiscências desse lugar são possíveis pela estrutura de suas rotinas e sua continuidade no tempo. Para a história da educação, a instituição “escola”, mesmo quando evidencia algumas crises no mundo contemporâneo, pode representar um território precioso para, futuramente, compreender-se o que se passava em seu cotidiano e, até mesmo, em sua interioridade:

As investigações a partir das memórias podem problematizar temas/objetos da educação não contemplados em outras fontes, como os documentos escritos, majoritariamente utilizados como empiria das investigações da História da Educação. Ou, ainda, podem esclarecer processos em que o testemunho oral ou individual, como as escritas ordinárias, são o núcleo da investigação e não apenas parte acessória, em complemento a fontes mais nobres. É o caso, por exemplo, do estudo do que costumamos chamar de “internalidade” das escolas, o modo como o cotidiano é vivenciado por alunos e professores, tema ausente em relatórios escolares, pois ligados a tabus, interdições, questionamentos às autoridades, transgressões anônimas (STEPHANOU e BASTOS, 2009, p. 422).

Então, esta pesquisa apoia-se, também, em Stephanou e Bastos, quando diz que o historiador, para produzir leituras do passado, como, neste caso, uma leitura do vivido, quase esquecida no tempo, não documentada anteriormente, precisa encarar o testemunho oral como núcleo da investigação, e não apenas como parte auxiliar. “Graças às memórias, poderá se verificar a espontaneidade (ou não) dos sujeitos falando sobre o que é e foi importante para eles, evocando lembranças únicas do tempo pretérito. Nesse sentido, a memória é aprendido e também recordação” (STEPHANOU e BASTOS, 2009, p. 418). Ou, ainda, conforme o afamado pesquisador da memória neurológica Izquierdo, “só se pode avaliar a memória por meio da evocação, já que a falta desta pode gerar catástrofe sob o ponto de vista individual e também social” (2004, p. 15).

Para dar continuidade a esta parte, considero pertinente trazer algumas contribuições de Fischer, ao mencionar que, “sob o ângulo individual, nossa mente é feita de memória e, sob a perspectiva mais ampla, somos todos constituídos a partir de histórias e reminiscências transmitidas de geração em geração”. Dando continuidade ao argumento, em poucas palavras, afirma com convicção: “Só porque temos a capacidade de lembrar é que somos o que somos” (2011, p. 17). Mais adiante, ela (2011, p. 23) faz referência a metáforas relacionadas à memória. Em uma delas, é possível perceber a sinonímia com a fisiologia animal. Todo médico veterinário (no meu caso, médica veterinária que trabalha com bovinos de leite) sabe a importância que tem o rúmen no sistema digestório dos animais: o ato de ruminar faz extrair ao máximo todos os nutrientes necessários a uma boa produção de leite. A autora lança, então, a seguinte pergunta: memória seria uma espécie de estômago e recordar seria ruminar? Respondo que sou totalmente favorável a tal analogia, confirmando a importância do ato de ruminar para um bom processo digestivo. Assim, como iniciante em pesquisa qualitativa envolvendo referenciais nunca antes estudados, com certeza, processei muitas ruminações, não só com relação à memória, mas também, e principalmente, ao longo do desafio teórico-metodológico.

## **2.2 Procedimentos de pesquisa**

### **2.2.1 Primeiros contatos: o questionário piloto**

*[...] foi uma experiência fundamental na minha vida, convivi com mais nove pessoas durante três anos, onde cada um tinha um jeito de viver, uma personalidade diferente, tinha o ladrão, o mentiroso, os honestos, os gordos, os magros etc. Esses três anos me ensinaram a viver, me ensinaram um pouco de como a vida seria fora do colégio, trabalho em grupo, convivência com pessoas diferentes (Egresso 30).*

A pesquisa utilizou inicialmente um questionário piloto, com a intenção de fazer um primeiro contato com egressos da instituição, já levantando algumas informações. Optei, aqui, pela não identificação dos egressos, numerando os que fizeram parte do questionário piloto por ordem alfabética, totalizando 39, e procedendo às citações por suas respectivas numerações. A partir do questionário piloto, foi elaborado um segundo instrumento de pesquisa a ser distribuído aos egressos por ocasião do décimo encontro de ex-alunos e ex-servidores da

instituição, evento realizado no mês de maio de 2011. Após o recebimento e a análise destes questionários, procedi à elaboração de roteiro semiestruturado para a aplicação de entrevistas.<sup>8</sup>

Durante todos os procedimentos, manter o rigor metodológico foi essencial, considerando tratar-se de pesquisa envolvendo narrativas e memórias.

Toda narrativa articula alguns elementos, como: quem narra, o que narra, por que narra, como narra, para quem narra, quando narra [...]. As formas – quase infinitas – de articulação entre esses elementos resultam do uso de códigos culturais (linguagem, estilo, gênero literário etc.) à disposição dos autores, em determinada época, e, também, da contribuição individual oferecida por cada autor, ao escolher os códigos que utilizará em sua narrativa, e os modos como o fará (AMADO, 1995, p. 133).

Os passos efetivados deram-se no sentido de investigar o objeto de estudo, com o propósito, segundo Alberti (1990, p. 45), de obter uma base firme de conhecimento do tema, como meio de respaldar trabalhos subsequentes. Assim, os passos iniciais da pesquisa podem ser resumidos da seguinte forma:

- 1) agrupamento dos endereços eletrônicos da instituição, que se somaram aos particulares, via Messenger, totalizando 500;
- 2) contato por meio eletrônico, enviando mensagens com termo de concordância para participação na investigação. Das mensagens enviadas, retornaram 99 respostas positivas e um total de 39 questionários respondidos, denominados “piloto” (268 mensagens retornaram com endereços eletrônicos acusando erro);
- 3) reformulação/aperfeiçoamento do questionário piloto e aplicação do outro durante o encontro de ex-alunos do IFRS Câmpus Sertão (formados a partir de 1972).

Este trabalho não teve a intenção de limitar-se à periferia dos fatos, investigando opiniões. Ao contrário, pretendeu explorar as diferentes representações sobre a trajetória do discente egresso. Quanto a isso, Gaskell e Bauer (2002, p. 30) ressalta que a pesquisa qualitativa é vista, muitas vezes, como uma maneira de dar

---

<sup>8</sup> No Apêndice F, consta uma amostra do quadro analítico das entrevistas.

poder ou voz às pessoas, em vez de tratá-las como objetos. Portanto, para efetivação deste estudo foram fundamentais a participação e a interação entre a pesquisadora e os pesquisados.<sup>9</sup> Importante, também, registrar que foram suprimidas do questionário piloto (Apêndice A) algumas questões. Em contrapartida, outras foram reformuladas e/ou acrescentadas, a fim de que os ex-alunos pudessem elaborar respostas mais completas.

Ainda na etapa de análise dos dados retirados do questionário piloto, verifiquei que, na opinião dos egressos, o internato havia sido importante: *“Aprendi a conviver com pessoas diferentes, de hábitos diferentes, foi muito bom, me tornou uma pessoa mais responsável e decidida, aprendi a conviver de várias maneiras, com diferentes pessoas”* (Egresso 17). Demonstrando, igualmente, que a convivência foi ponto marcante durante os anos de formação, transcrevo, na sequência, outra resposta:

*Sinceramente, se não existisse o internato eu não teria condição alguma de continuar meus estudos. Naquela época o internato foi o verdadeiro “divisor de águas”. Minha família era bastante pobre financeiramente e se sustentava com o cultivo de culturas anuais (milho e feijão) e criações (leite), tudo em regime de agricultura familiar. Os ganhos eram bastante humildes e se fosse depender destes não teria condição alguma de pagar moradia e continuar estudando. Além dessa possibilidade de moradia por preços baixos, a assistência estudantil dá uma formação humana. Aprende-se a ter mais responsabilidade e a respeitar as diferenças dos outros. O contato com pessoas de outras regiões trazia uma riqueza de informações, tanto agronômicas quanto culturais (Egresso 19).*

Antes de seguir em frente, é relevante reforçar que, nesta tese, o uso da memória é encarado no sentido do significado que o egresso atribui hoje ao que aconteceu em outros tempos. É nessa perspectiva, portanto, que as narrativas são analisadas.

Outra resposta evidenciou que *“o internato é tudo dentro de um colégio agrícola”* (Egresso 1). Embora alguns aspectos negativos tenham sido citados (Egresso 30), há que se destacar a narrativa de outro que, ao responder ao questionário, somente apontou a face positiva da experiência.

---

<sup>9</sup> No caso deste trabalho, já havia certo conhecimento do contexto por parte da pesquisadora. Em vista disso, foi necessário tomar o devido cuidado quanto à aproximação primeira com os egressos, por ocasião da aplicação do questionário piloto. A pesquisadora procedeu à identificação como professora da instituição, relatando o objetivo que havia sido definido para aquele primeiro contato.

Dentre os 39 questionários pilotos retornados, vale destacar o de Wilson André Zdonek, que acusou desempenho exemplar e sempre participou de atividades extracurriculares, demonstrando dedicação e tendo o mérito de aluno destaque. Ao formar-se no ano de 2006, ingressou imediatamente no curso de Agronomia da Universidade de Passo Fundo. Na questão referente à importância do internato em sua vida, escreveu: *“foi de grande importância, proporcionando uma experiência incrível”*. Após vivenciar essa fase, conta que se sentia preparado para qualquer obstáculo com que se deparasse na vida. Por uma ironia do destino, apenas alguns meses após ingressar no curso superior, Wilson<sup>10</sup> foi acometido por uma leucemia que lhe tirou a vida de forma muito abrupta. Por tudo o que ensinou, pelo seu exemplo, registra-se aqui o agradecimento, também por sua participação na pesquisa. Esse agradecimento é acompanhado dos votos de que muitos “Wilson” ainda possam ser alunos em nossa instituição.

Ainda conforme levantamento do questionário piloto, as pessoas mais marcantes durante o período de escola foram os colegas, devido à cumplicidade, ao companheirismo, sobretudo nos trabalhos em grupos e nos momentos de estudos. Tais laços também puderam ser consolidados por ocasião das atividades extracurriculares desenvolvidas pela instituição, como as viagens técnicas e os campeonatos esportivos, somente para citar algumas. Importante aqui relatar a resposta do Egresso 19, formado no ano de 1975:

*Tudo que integre indivíduos e faça com que cresçam como pessoa são propícios [sic] para participar e/ou apoiar. Além de levar o nome da instituição para fora de seus portões, divulgam e desenvolvem a curiosidade das pessoas externas à comunidade acadêmica. Estes, por sua vez, procuram conhecer um pouco mais da instituição. Já os participantes dessas atividades curriculares muitas vezes “se encontram” ou desenvolvem habilidades que até então nem imaginavam. Isso é crescimento pessoal, é educação.*

Quanto às práticas pedagógicas e às metodologias de ensino utilizadas na escola, chama a atenção a resposta do Egresso 1, ao comentar que *“as aulas práticas deveriam ser avaliadas com provas para que o aprendizado fosse melhor”*. Outro aspecto abordado indica que a escola contribuiu para o crescimento como pessoa, dando a oportunidade de aprender a compartilhar e a conviver com os

---

<sup>10</sup> O nome real deste egresso foi aqui preservado como forma de homenageá-lo pela sua disposição de responder ao questionário bem como por sua conduta quando discente.

semelhantes, sem distinção de raça, religião ou qualquer outro tipo de discriminação. Em resumo, segundo os egressos, a EAFS é uma grande escola para a vida.

As respostas em geral (algumas nada breves) serviram de motivação e despertaram minha curiosidade, enquanto pesquisadora, sobre os fatos, elementos importantes para dar continuidade à pesquisa. Na sequência da investigação, ao introduzir-se a questão do início da vida profissional, os respondentes expuseram que ser egresso da instituição abriu as portas para o ingresso bem-sucedido na carreira escolhida. Ainda, segundo eles, o fato de terem frequentado uma escola dotada de regras de conduta, com cobranças nos alojamentos, serviu para torná-los cidadãos mais humanos, disciplinados e conscientes, agregando valores, de modo a contribuir para o desenvolvimento do espírito de liderança. Ao lado de tais questões, também tiveram destaque as atividades esportivas e culturais oportunizadas, salientando-se que o aproveitamento depende do interesse dos alunos.

Um depoimento contrário aos anteriores foi do Egresso 21. Formado em 1990 e, posteriormente, graduado em direito, ele escreveu que *“o aprendizado técnico foi muito bom, porém o trabalho em prol do desenvolvimento da personalidade ficou desleixado”*. Ele entende, hoje, que poderia ter recebido alguns ensinamentos simples, que, ao passar do tempo, teriam feito diferença em sua vida. Segundo ele, a meta era clara: formar técnicos que pudessem desenvolver as propriedades de suas famílias de origem. Assim, considera que ele e seus colegas eram vistos como pessoas que deveriam aprender a desenvolver tarefas que alguém já havia predeterminado, e não como indivíduos dotados do direito de participar da elaboração de seu plano de vida.

Quanto à principal dificuldade encontrada durante o período de internato, em geral é citada a distância da família, associada a limitações de locomoção até suas casas, devido a restrições financeiras, ou, mesmo, à falta de linhas de ônibus com horários compatíveis com os da escola. Também é digna de nota a dificuldade de

adaptação à alimentação da instituição que, segundo eles, era diferente da servida por suas mães, não tendo deixado saudades<sup>11</sup>.

Os dados analisados revelam que os egressos levaram para suas vidas exemplos pessoais, ditados e ensinamentos que, no decorrer dos anos, ainda os remetem ao cotidiano no colégio agrícola. Além disso, foi possível constatar que a grande base de conhecimentos permitiu-lhes continuar se aperfeiçoando na área de atuação, facilitando para alguns a permanência no meio rural.

Por fim, relata o Egresso 19 que o fato de ter estudado na instituição acaba por aproximar pessoas em diferentes contextos, pela boa referência que isso representa: *“É impressionante a quantidade de pessoas que já encontrei nos mais diversos locais e situações e que após a troca de algumas palavras nos dizem: - Tchê, não vai me dizer que tu também estudou na EAFS?”*.

Assim se encerra a análise do questionário piloto, o qual reúne as lembranças das relações sociais vivas na memória de um grupo de egressos que se dispôs a responder questões via e-mail. Ressalto, mais uma vez, a importância dessa contribuição no desenrolar da pesquisa, tendo em vista que me serviu de motivação, como pesquisadora, para dar continuidade à investigação, ou seja, para proceder à análise do questionário então preenchido pelos ex-alunos por ocasião do décimo encontro de ex-alunos e ex-servidores do IFRS Campus Sertão.

### **2.2.2 Procedimentos de pesquisa: o questionário aplicado por ocasião do décimo encontro de ex-alunos e ex-servidores**

Por ocasião do encontro de ex-alunos (21/05/2011), outra etapa desta pesquisa foi realizada, mediante a aplicação de um segundo questionário. Elaborou-se um instrumento questionário mais completo<sup>12</sup>, incluindo algumas questões importantes que não haviam sido contempladas no primeiro. Para a elaboração dos

---

<sup>11</sup> Posteriormente, neste texto, este assunto voltará a ser focado, pois hoje a memória permite até mesmo que tenham “saudade” da comida do internato!

<sup>12</sup> O questionário encontra-se no Apêndice B.

questionários, tomou-se o cuidado de traduzir os objetivos da pesquisa em itens que permitissem colher informações significativas<sup>13</sup>.

Todos foram numerados, agora de acordo com a entrega por parte dos egressos logo na recepção do evento. Distribuíram-se 208 questionários, obtendo-se, desse total, um retorno de 183 (cento e oitenta e três) respondidos. À medida que chegavam ao evento, era solicitado aos ex-alunos o preenchimento do questionário. Criando um clima descontraído, inicialmente, dizia tratar-se de uma prova surpresa com consulta, explicando-se em seguida os objetivos da pesquisa. Para muitos, a reação foi positiva. Diziam: “*que bom, hoje não preciso pegar as provas na secretaria*”<sup>14</sup> (Egresso 129); “*que bom fazer uma prova depois de tantos anos*” (Egresso 169). A seguir, foi explicado brevemente o motivo da “prova”, o que certamente contribuiu para efetivo retorno de material respondido<sup>15</sup>.

A próxima etapa da pesquisa consistiu na tabulação e análise dos 183 questionários respondidos. Durante sua recepção no saguão do prédio central do Câmpus Sertão, os ex-alunos foram provocados a lembrar-se de seus colegas, de suas atividades, atitudes e, por consequência, de si mesmos, do tempo de aluno. Dos 183 que participaram do encontro de 2011 e que responderam ao questionário, 104 dispuseram-se a ser entrevistados, 61 responderam que não estavam dispostos a participar das entrevistas, e 18 não responderam a essa questão. Entre os 104, 18 atendiam ao critério de inclusão, a saber: ser formado em décadas mais pretéritas, conforme sugestão da banca de qualificação do projeto (décadas de 1970 e 1980). A seguir, apresenta-se o quadro demonstrativo de egressos participantes no encontro de ex-alunos e ex-servidores do IFRS Câmpus Sertão e que responderam ao questionário.

---

<sup>13</sup> Cabe enfatizar que este questionário foi aplicado em um encontro de ex-alunos, uma situação que quem participa geralmente tem boas lembranças da escola, impregnadas de sentido simbólico, pois os egressos retornam ao ambiente passado, que lhes promove a constituição de um grupo referência.

<sup>14</sup> No tempo do mimeógrafo, era hábito algumas turmas irem à secretaria, fora do horário de aula, buscar no lixo as matrizes para saberem o que “cairia na prova”. Ou seja, usar de desonestidade no processo de avaliação e aprendizagem.

<sup>15</sup> A participação no evento foi significativa, embora tenha se constatado um decréscimo em relação aos anos anteriores. Segundo expectativa do setor responsável pelas inscrições, havia uma previsão de cerca de 300 ex-alunos e ex-servidores inscritos. Entretanto, conforme a assessoria de imprensa da instituição, mais de 400 pessoas estiveram presentes, contando acompanhantes.

| Participantes do encontro de ex-alunos e ex-servidores |            | Dispostos a serem entrevistados | Não dispostos a serem entrevistados | Deixaram pergunta em branco | Total de questionários respondidos |
|--|------------|---------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|------------------------------------|
| Década de 1970-1980                                    | Feminino:  | 2                               | -                                   | -                           | 2                                  |
|  | Masculino: | 16                              | 7                                   | -                           | 23                                 |
|  | Total:     | 18                              | 7                                   | -                           | 25                                 |
| Década de 1990   | Feminino:  | -                               | -                                   | -                           | -                                  |
|  | Masculino: | 22                              | 4                                   | 2                           | 28                                 |
|  | Total:     | 22                              | 4                                   | 2                           | 28                                 |
| Década de 2000   | Feminino:  | 6                               | 3                                   | -                           | 9                                  |
|  | Masculino: | 52                              | 41                                  | 14                          | 107                                |
|  | Total:     | 58                              | 44                                  | 14                          | 116                                |
| Década de 2010   | Feminino:  | 2                               | 2                                   | -                           | 4                                  |
|  | Masculino: | 4                               | 4                                   | 2                           | 10                                 |
|  | Total:     | 6                               | 6                                   | 2                           | 14                                 |
| Total  | Feminino:  | 10                              | 5                                   | -                           | 15                                 |
|  | Masculino: | 94                              | 56                                  | 18                          | 168                                |
|  | Total:     | 104                             | 61                                  | 18                          | 183                                |

**Quadro 1 - Egressos participantes do encontro de ex-alunos e ex-servidores que responderam ao questionário**

Fonte: elaborado pela autora.

Após análise do conjunto de respostas, os sujeitos foram inseridos em seis “categorias”, sendo alguns incluídos em mais de uma:

- 1) Cursaram curso superior na área rural;
- 2) Cursaram curso superior em outra área que não a rural;
- 3) Tornou-se docente na instituição;
- 4) Tornaram-se líderes políticos;
- 5) Técnicos em agropecuária;
- 6) Tornaram-se técnicos administrativos na escola.

Considerando-se os critérios definidos anteriormente, chegou-se a 18 possíveis sujeitos a serem entrevistados. Cumpre ressaltar que se incluiu um da década de 2000, egresso um tanto polêmico, que trazia, nas respostas, relato de *bullying*, dizendo-se perseguido pela turma da qual fazia parte. Ainda que esse aluno não se enquadre no recorte temporal sugerido pela banca de qualificação do projeto de tese, optou-se por entrevistá-lo, por entender que:

[...] fontes são marcas do que foi, são traços, cacos, fragmentos, registros, vestígios do passado que chegam até nós, revelados como documento pelas indagações trazidas pela história. Nessa medida elas são fruto de uma renovada descoberta, pois só se tornam fontes quando contêm pistas de sentido para a solução de um enigma proposto. São, sem dúvida, dados objetivos de outro tempo, mas que dependem do historiador para revelar sentidos. Elas são, a rigor, uma construção do pesquisador e é por elas que se acessa ao passado (PESAVENTO, 2008, p. 98).

Essa fonte foi incluída na pesquisa por intermédio do questionário, que registrou seu passado, sua história na instituição, com dados de sua trajetória e, em parte, da história da escola. Outra participante incluída no desenrolar da pesquisa (por indicação de um colega do doutorado) foi uma ex-aluna formada na década de 80. Sua inclusão justifica-se devido à dificuldade de encontrar alunas das décadas de 70 e 80 (que tivessem participado do encontro de ex-alunos), com disponibilidade de serem entrevistadas. No total, foram somente dez as mulheres participantes que responderam ao questionário.

Após as primeiras tentativas de contato, houve uma inicial decepção: um sujeito estava no estado de Mato Grosso, a trabalho, relatando que, quando retornasse e fosse possível, informaria; outro enfrentava limitação de horário, tendo dificuldade de encaixar a entrevista em sua rotina; no caso de outros, ainda, o telefone ou e-mail não permitiram contato (ou estava fora de área, ou havia ocorrido mudança de telefone/e-mail). Houve, também, duas situações constrangedoras, uma em que o egresso havia falecido há alguns meses e outra em que o ex-aluno estava hospitalizado em estado muito grave com problemas cardíacos. Além disso, um dos egressos encontrava-se em plena campanha política, não se colocando à disposição para ser entrevistado. Ao total, portanto, restaram nove entrevistados. Para tabulação dos questionários, mediante digitação das questões fechadas e abertas, foram confeccionadas planilhas no programa Excel®.

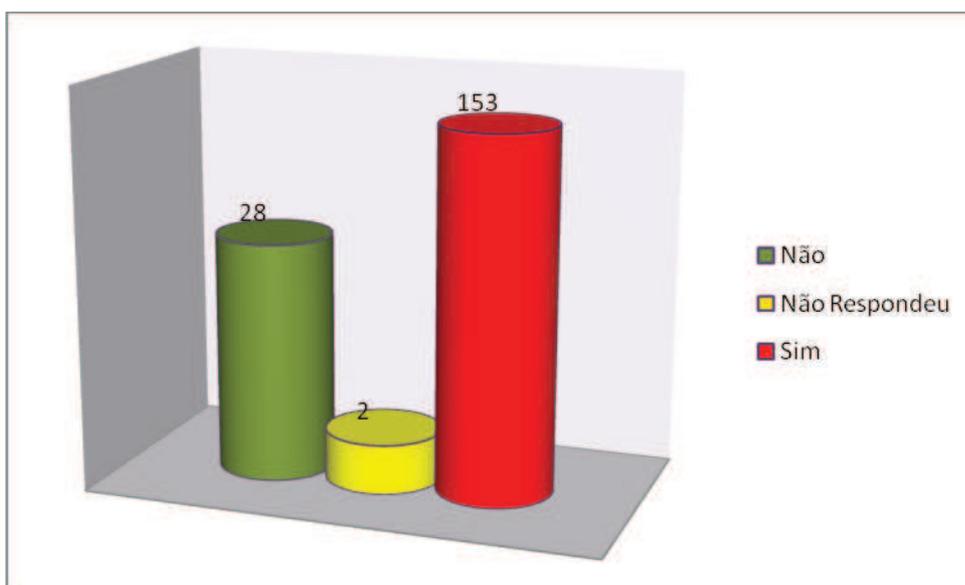
A população pesquisada foi composta por sujeitos que foram alunos da modalidade Técnico em Agropecuária, formados de 1972 (primeira turma do curso) a 2010, ano anterior ao evento.

Quando questionados sobre a residência estudantil, a maioria respondeu que frequentou o internato. As lembranças revelaram-se boas, indicando que a formação contribuiu para os ensinamentos na prática. Além da convivência harmoniosa com

os professores e alunos, destacaram o respeito da sociedade para com a escola e, principalmente, a preocupação desta para com o aluno.

As amizades foram outro ponto assinalado, pela experiência de vida, pelo convívio com pessoas e costumes diferentes, aprendendo a dar mais valor às coisas. Cabe, aqui, transcrever um depoimento: *“A escola foi a base de minha formação, tudo que consegui na vida foi graças aos cursos da escola. Toda minha formação de homem, de pai de família, aprendi na escola”* (Egresso 28).

Segue o gráfico que demonstra o percentual de alunos que permaneceram durante os três anos no internato da escola<sup>16</sup>, como é chamada até hoje a casa de estudante existente dentro da instituição.



**Gráfico 1 - Resposta à pergunta: Durante os anos de estudos você ficou no internato da escola?**

Fonte: elaborado pela autora.

Outro aspecto abordado foi a qualidade de ensino e o convívio pessoal. De acordo com as narrativas, os egressos tinham uma nova “família”, na qual se percebiam como filhos, irmãos, pais e mães ao mesmo tempo, pois ali compartilhavam alegrias, conquistas, tristezas e derrotas, educando-se para um convívio comunitário único, por meio da responsabilidade diária: arrumar a cama,

<sup>16</sup> Cabe aqui esclarecer que o grande número de alunos internos deve-se pelo fato da instituição ser uma escola fazenda localizada no interior do município de Sertão, no meio rural. A escola oferecia oportunidade de estudos agropecuários subsidiados pelo governo, os alunos permaneciam na escola durante a semana e até em alguns finais de semana, com alimentação e hospedagem. Havia acomodações apenas para os meninos, o alojamento feminino veio a ser construído apenas na década de 2000.

lavar roupa, cumprir horários. As lembranças “*das amizades feitas, dos colegas, dos professores e funcionários nunca serão apagadas da memória*” (Egresso 93).

Em suas respostas, eles destacam o preparo para o enfrentamento da vida em todos os sentidos. Quanto a aspectos negativos, apontam a falta de aulas práticas, perseguição por parte de alguns professores, o mau comportamento de alguns colegas que não eram devidamente acompanhados pela escola e a distância da família. O Egresso 165 relata ter sido impedido de realizar um estágio no exterior, o que entende hoje como uma injustiça, devido a problemas disciplinares na época. Finalizando, o Egresso 183 aponta as brigas e a morte de um colega em um acidente. Todos contam suas histórias dando sentido ao mundo reafirmando que:

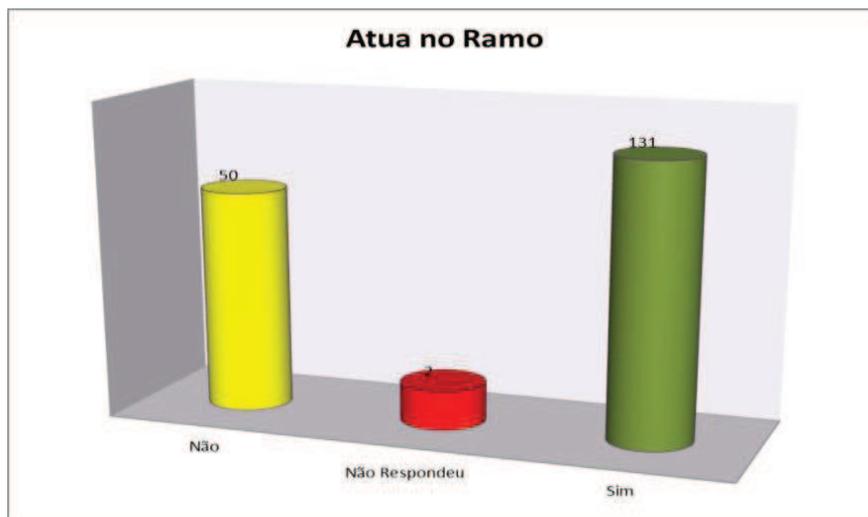
Quem conta história estabelece laços de sociabilidade, organiza um mundo, dá-lhe sentido, pois: contar histórias é finalmente, não apenas a demonstração de um saber, mas a realização de um fazer: quem conta histórias organiza um mundo, dá-lhe sentido, comunica-o, de tal forma que, pelo confronto com o mundo, que está fora ou para além da história, este é transformado, ganhando novos sentidos e interpretações (SARMENTO, 1994, p. 123).

No que se refere à cidade de origem, os dados coletados indicam que eram provenientes de 64 municípios da região.<sup>17</sup>

Quando questionados a respeito da continuidade no ramo agropecuário, 131 relatam permanecer atuando na área agropecuária e 50 contam ter migrado para outra área, como pode ser observado no gráfico a seguir:

---

<sup>17</sup> Água Santa, Almirante Tamandaré do Sul, Alto Alegre, André da Rocha, Antônio Prado, Arroio do Tigre, Arvorezinha, Áurea, Benjamin Constante do Sul, Cacique Doble, Camargo, Campos Borges, Casca, Charrua, Colorado, Coxilha, David Canabarro, Entre Rios do Sul, Erechim, Erval Grande, Esmeralda, Espumoso, Estação, Estrela Velha, Gentil, Getulio Vargas, Harmonia, Ibiaçá, Ilópolis, Ipiranga do Sul, Julio de Castilhos, Lagoa Vermelha, Lajeado, Marau, Marcelino Ramos, Montauri, Não-Me-Toque, Nicolau Vergueiro, Nonoai, Nova Alvorada, Nova Bassano, Passo Fundo, Paulo Bento, Pontão, Ponte Preta, Protásio Alves, Reserva Indígena Cacique Doble, Ronda Alta, Rondinha, Saldanha Marinho, Santo Expedito do Sul, São Paulo das Missões, São Valentin, Selbach, Serafina Correa, Sertão, Soledade, Tapejara, Tapera (com maior número, dez), Três Palmeiras, Victor Graeff, Vila Lângaro e Vila Maria.



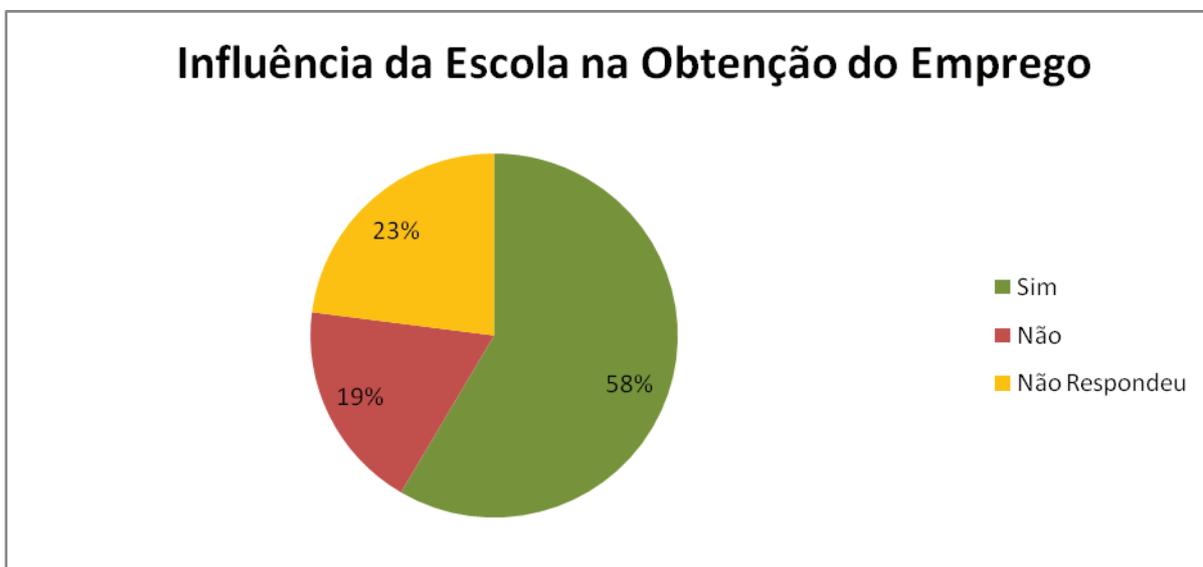
**Gráfico 2 - Resposta à pergunta: Você está atuando atualmente no ramo aprendido na escola?**  
Fonte: elaborado pela autora.

Dos que continuam no ramo da agropecuária, constatou-se que permanecem como gerentes de cooperativas, agropecuaristas, empregados em multinacionais por vários anos consecutivos; há, também, os que trabalham efetivamente como técnicos em agropecuária, como empresários ou empregados.

Diante da questão que investigava se o ensino da EAFS/IFRS foi adequado para o crescimento como cidadão (indivíduo pensante, reflexivo, capaz de tomar decisões), ou se somente teria contribuído para o crescimento profissional, a atuação e o exercício do trabalho como técnico, houve respostas positivas, dando importância para o crescimento pessoal, devido à vivência em comunidade, aprendendo a respeitar os limites dos outros. Assim, o ensino foi avaliado como adequado em todos os aspectos, para o crescimento como cidadão e profissional, para o conhecimento integral e ampliação da visão de mundo, principalmente pelo aprendizado e pela convivência com pessoas diferentes desde cedo. Segundo o Egresso 52, *“foi importante na formação de liderança, como pessoa que vai contribuir na sociedade, aprendendo o limite de sua independência [...] a parte técnica a empresa nos ensina”*. O Egresso 93, hoje professor, aponta, por sua vez: *“[...] acho que a EAFS (na época e agora IFRS) abre horizontes diversos, tanto é que temos ex-alunos que estão em outros ramos de trabalho e até político”*.

No que se refere à influência da escola na obtenção do emprego e favorecimento frente a outros candidatos, da mesma forma que no questionário

piloto, a maioria (58%) respondeu positivamente, como se constata no gráfico a seguir:



**Gráfico 3: Resposta a pergunta: Se atua em alguma empresa, o teu ingresso no mercado de trabalho teve influência por ter concluído o curso técnico na EAFS/IFRS?**

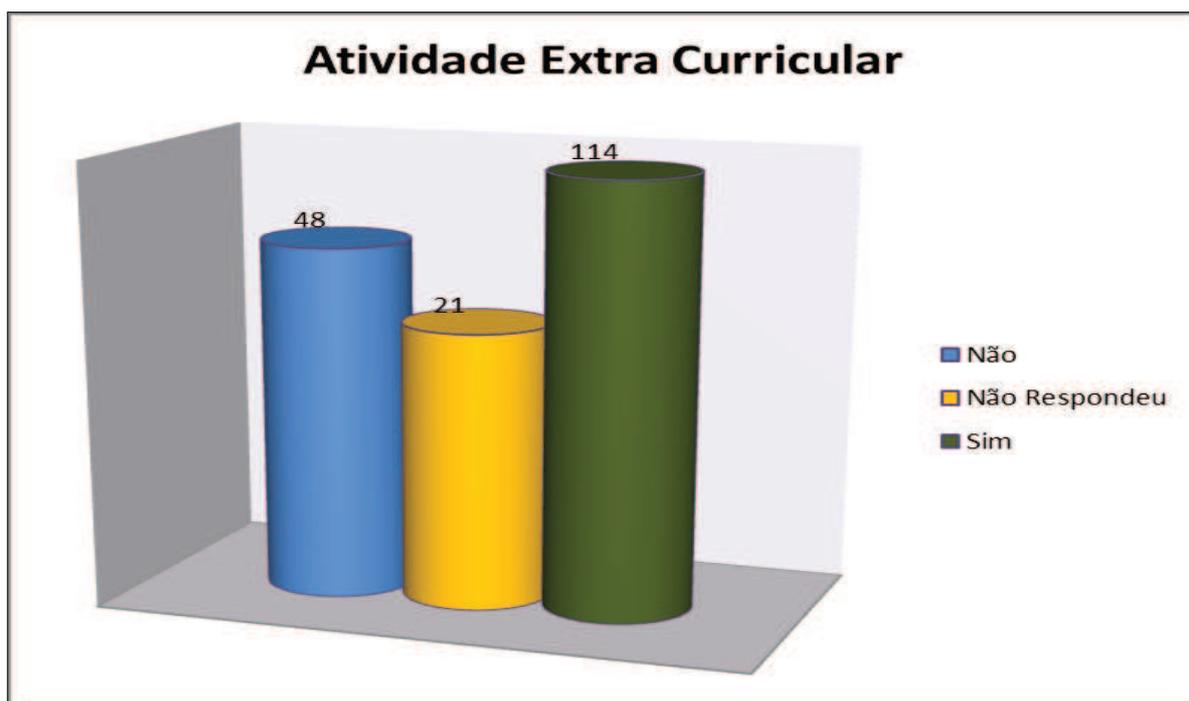
Fonte: elaborado pela autora.

De certa forma, novos conhecimentos científicos e tecnológicos estariam associados às exigências empresariais de contratação de empregados com polivalência multifuncional, maior capacidade motivadora e habilidades laborais adicionais ao exercício do trabalho (POCHMANN, 2005 p. 41). Do conhecimento científico e principalmente tecnológico que a escola desenvolve advém, segundo eles, a tradição da instituição, obtendo até mesmo vantagens quando relatam que dela são oriundos.

Questionados sobre a escola de origem antes do ingresso no instituto, a maioria relata ser egressa de escolas públicas de Sertão, Serafina Correa, Vila Maria, entre as outras cidades mencionadas anteriormente.

Na sequência, a questão que os indagava sobre as pessoas que foram mais marcantes durante os estudos na EAFS/IFRS oferecia as seguintes opções: direção, professores, técnicos administrativos, colegas ou outras. Da mesma maneira que no questionário piloto, as pessoas mais marcantes, em ordem de importância, foram os colegas, seguidos dos professores, técnicos administrativos e direção, aparecendo secundariamente “outras,” como a comunidade em geral e a família.

De acordo com as respostas, durante a formação desses sujeitos, foram fundamentais as atividades extracurriculares que a instituição proporcionou, como prática de esportes, participação em CTGs, teatros, cooperativa dos alunos. Os dados demonstram que grande parte frequentou tais atividades durante a permanência na EAFS/IRS:



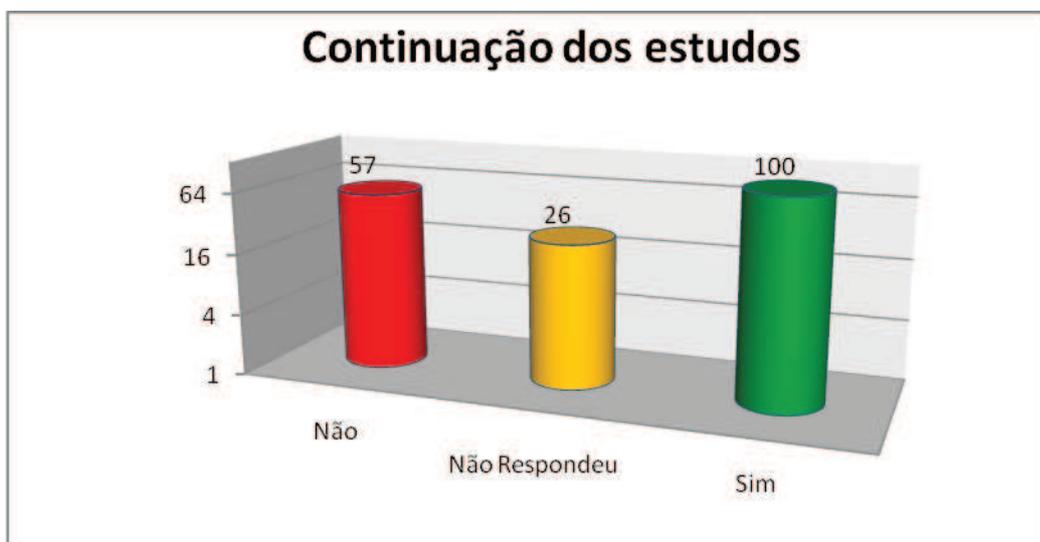
**Gráfico 4 - Resposta à pergunta: Você participava de alguma atividade extracurricular (jogos, CTG, Cooperativa, Teatro, etc.)?**  
Fonte: elaborado pela autora.

Embora 48 ex-alunos tenham respondido que não participaram das atividades extracurriculares, relataram que tais rotinas eram importantes pela socialização e ensinamentos aprendidos pelos alunos que as praticavam.

Quanto ao processo seletivo, ao longo dos anos, nota-se que este sofreu variações. Segundo o Egresso 54, esse processo “*era bastante competitivo e concorrido. No ano de meu ingresso fomos 729 candidatos inscritos para 120 vagas*”, recordando que ficou em 26º lugar, uma grande vitória, pois nunca havia saído de casa. Em suas palavras, “*foi um sonho realizado*”. Conforme o Egresso 39, “*foi bom, pois naquela época só entrava quem merecia e se esforçava, hoje qualquer um consegue entrar*”.

No que diz respeito às “principais dificuldades encontradas durante os anos de formação”, percebeu-se que, em maior número de vezes, foi citada a “saúde da família”, seguida de “locomoção”, “convivência no internato”, “aprendizado” e, por último, “dificuldade financeira”. Todos entrevistados relataram, ainda, dificuldades de adaptação à comida do refeitório que, segundo eles, era ruim. Citaram, também, relacionamento com alguns professores, discriminação sofrida na escola, perseguições políticas e problemas com colegas de outras séries.

Quanto à continuação dos estudos, observa-se que dos 183, 100 deram seguimento à sua formação, ao contrário de 57, como pode ser observado no gráfico que segue:



**Gráfico 5 - Resposta à pergunta: Você continuou os estudos após ter se formado na instituição? Se afirmativa a resposta, que curso fez e por qual razão?**

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação aos cursos frequentados posteriormente, destacam-se Agronomia, Administração, Direito, Educação Física, Ciências Contábeis, Ciências Físicas Matemática e Licenciatura em Ciências Agrárias.

A seguir, perguntava-se: qual sua trajetória profissional e pessoal após ter concluído o curso? A essa questão foi acrescentada outra, com a intenção de saber se suas expectativas haviam sido alcançadas. Os egressos são unânimes em afirmar que as expectativas foram alcançadas. Entre os entrevistados, há os que atuam na propriedade da família, os que são técnicos administrativos na instituição, os docentes, os que atuam como lideranças em suas comunidades, os que

continuaram seus estudos na área da agropecuária e, até mesmo, os que continuaram os estudos em áreas bem distintas, tornando-se médicos, advogados, engenheiros civis, mecânicos, economistas etc.

A escola proporciona o desenvolvimento de habilidades tecnológicas, permitindo que, depois de formado, o egresso opte pelo caminho profissional a ser seguido.

No que se refere às mudanças em sua vida pessoal e profissional, os egressos relatam dever à escola a competência profissional, o capital e as relações sociais. A instituição mudou tudo em suas vidas, conforme menciona a Egressa 19: *“Muitas coisas boas aconteceram, a valorização perante a sociedade e a autoconfiança para trabalhar”*. Em resumo, na parte profissional, a instituição mostrou o caminho que deveriam seguir, mas, também, pela experiência de vida e amadurecimento, os preparou para enfrentar o mercado de trabalho e seus desafios.

O passo seguinte constituiu na criação de critérios para selecionar sujeitos a serem efetivamente ouvidos. Seguindo diretrizes de Gil (2010), foi utilizada entrevista parcialmente estruturada, guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador explora ao longo de seu curso. Para tal, foram consideradas duas etapas fundamentais: a especificação dos dados que se pretendia obter e a escolha/formulação das perguntas, com vistas a reunir o maior número possível de informações sobre o tema e os entrevistados.

Segundo Alberti (1990), é na realização de entrevistas que se situa, de fato, o cerne do trabalho com a história oral – é ali que a investigação e a prática científicas se aliam, produzindo resultados. Assim, com base no projeto e na pesquisa exaustiva sobre o tema, foi elaborado o roteiro das entrevistas (Apêndice E), as quais foram posteriormente transcritas e analisadas, conforme se pode verificar a seguir.

## PARTE III

### 3 PROCESSO INVESTIGATIVO E ANÁLISE

Após delimitação dos entrevistados, procedeu-se às entrevistas, que foram gravadas. Segundo Zago, “o uso frequente do gravador nas pesquisas apoiadas em entrevistas exige uma negociação com o informante, para obter sua aprovação”. Acrescenta a autora que “a gravação do material é de fundamental importância, pois, com base nela, o pesquisador está mais livre para conduzir as questões, favorecer as relações de interlocução e avançar na problematização” (2011, p. 299). Nesta pesquisa, foi possível constatar que o registro tem uma função igualmente importante na organização e análise dos resultados, pelo acesso a um material mais completo do que as anotações podem oferecer e, ainda, por permitir novamente escutar as entrevistas, reexaminando seu conteúdo.

Seguindo recomendações de Zago (2011), procurou-se conduzir a entrevista de forma a torná-la próxima de uma discussão, esclarecendo-se, desde o início, que o encontro não era destinado a levantar conhecimentos do tipo escolar, mas a tratar de questões que os informantes vivenciaram cotidianamente. A riqueza da entrevista, conforme a autora, “está diretamente ligada ao interesse que os temas e o desenvolvimento da entrevista representam para a pessoa” (2011, p. 304). Os entrevistados, após vencerem a timidez, expressaram-se com desenvoltura, contando passagens boas, ruins, constrangedoras. Apenas o ex-aluno Emanuel<sup>18</sup> solicitou uma pausa na entrevista por alguns minutos, devido à grande emoção ao relembrar seu início na escola, muito difícil, em razão de diferenças culturais e dificuldades de adaptação nos primeiros dias de ingresso, superados com o passar do tempo<sup>19</sup>. Conforme Amado,

Mediadas pela memória, muitas entrevistas transmitem e reelaboram vivências individuais e coletivas dos informantes com práticas sociais de outras épocas e grupos. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as

---

<sup>18</sup> No item 3.1, serão apresentados os demais sujeitos da pesquisa, identificados por meio de codinomes, como é o caso deste egresso.

<sup>19</sup> A seguir, retoma-se esse assunto.

trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite portanto compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm (1995, p. 134).

Cabe, aqui, ressaltar que houve cuidado, no início da entrevista, em proceder à apresentação e colocá-los a par do tema da pesquisa, conforme ensina Szymanski:

No contato inicial do desenvolvimento de uma entrevista o entrevistador se apresentará ao entrevistado, fornecendo-lhe dados sobre sua própria pessoa, sua instituição de origem e qual o tema de sua pesquisa. Deverá ser solicitada sua permissão para a gravação da entrevista e assegurado seu direito não só ao anonimato, acesso às gravações e análises, como ainda ser aberta a possibilidade de ele também fazer perguntas que desejar (2004, p. 19).

Importante, igualmente, considerar as palavras de Bosi, quando afirma que “não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais” (2004, p. 81). De acordo com a autora, uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Neste estudo, foi possível perceber a lapidação durante as entrevistas, pois os egressos partiam do que são hoje, chegando aos tempos de escola, refletindo sobre a cultura escolar de sua época. Sem o trabalho da reflexão e da localização, a lembrança seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la, para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

O emprego de entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social, que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (GASKELL e BAUER 2008, p. 65).

Analisando o conjunto de narrativas, é relevante registrar que os estudantes, ao ingressarem na instituição, adquirem, aos poucos, a cultura escolar local, vindo a cumprir regras, normas e práticas não convencionais. Por exemplo, no caso da escola em questão, ter um *padrinho* (um aluno do último ano), ao qual eles devem dedicar total obediência, mostra-se, por um lado, uma cultura às vezes agressiva,

devido a exigências estabelecidas por esse aluno mais velho e experiente quanto às artimanhas escolares. Por outro lado, são esses padrinhos que ajudam na hora da adaptação ao ambiente escolar, sendo responsáveis por apresentar novos amigos e a própria escola para os novatos.

Durante as entrevistas, pela maneira como descreveram seus tempos de alunos, suas relações e atitudes desenvolvidas com o passar do tempo, mediante submissão a regras e normas, tendo identidades diferenciadas, verifica-se como a cultura escolar é complexa. Segundo Silva,

Os principais elementos que desenhariam a cultura escolar seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo) (2006, p. 202).

As identidades são “ficções criativas” que situam o indivíduo no espaço, no tempo, no social, no mundo. Como aborda Pesavento, “elas podem dar conta dos múltiplos recortes do social, sendo étnicas, raciais, religiosas, etárias, de gênero, de posição social, de classe ou de renda, ou então ainda profissionais” (2008, p. 91). E continua a autora:

A identidade se constrói em torno de elementos de positividade, que agreguem as pessoas em torno de atributos e características valorizados, que rendam reconhecimento social a seus detentores. Assumir uma identidade implica encontrar gratificação com esse endosso. A identidade deve apresentar um capital simbólico de valoração positiva, deve atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se e ser reconhecido socialmente (PESAVENTO 2008, p. 92).

Nessa perspectiva, Geertz entende que “cultura são as teias tecidas pelo homem, com seus significados e sua análise, uma ciência interpretativa a procura de significado” (1989, p. 15). Na busca da cultura tecida pelos alunos técnicos em agropecuária, com seus significados próprios, lembra-se da “brincadeira dos ovos”: todos que passavam pelo aviário necessitavam trazê-los, escondidos em qualquer lugar, para posteriores jantares fora do refeitório. Assim tecia-se o significado de que só era bom e engajado quem tivesse coragem de desempenhar tal função.

### 3.1 Apresentando os sujeitos

Os entrevistados são, na maioria, filhos de pequenos agricultores, residentes na região Norte do Rio Grande do Sul, com idades entre 28 e 65 anos. Apenas um é oriundo da zona urbana, da cidade de Passo Fundo. Aqui, receberam codinomes, para que não fosse feita sua identificação. O número de estudantes do sexo feminino nas devidas décadas era bem inferior aos meninos. Deste modo somente duas egressas do sexo feminino foram incluídas. Segue quadro com dados dos entrevistados.

| Egressos   | Ano da formatura | Data da entrevista |
|------------|------------------|--------------------|
| Altemir    | 1972             | 24/09/2012         |
| Anderson   | 1972             | 26/10/2011         |
| Tarrane    | 1982             | 28/11/2012         |
| Celestino  | 1983             | 09/05/2012         |
| Fortunato  | 1984             | 24/09/2012         |
| Madalena   | 1984             | 28/11/2012         |
| Juvenciado | 1986             | 17/09/2012         |
| Emanuel    | 1989             | 21/05/2012         |
| Marcos     | 2005             | 09/06/2012         |

**Quadro 2 - Entrevistas: data e local**

Fonte: elaborado pela autora.

Na sequência, expõe-se o quadro com a relação dos entrevistados, o ano de formatura e as atividades profissionais:

| Egressos   | Ano formatura | Atividade Profissional |                     |                |                  |
|------------|---------------|------------------------|---------------------|----------------|------------------|
|            |               | Superior área rural    | Superior outra área | Líder político | Não estudou mais |
| Altemir    | 1972          |                        |                     | ■              | ■                |
| Anderson   | 1972          | ■                      |                     |                |                  |
| Tarrane    | 1982          | ■                      | ■                   |                |                  |
| Celestino  | 1983          |                        | ■                   | ■              |                  |
| Fortunato  | 1984          |                        |                     |                | ■                |
| Madalena   | 1984          |                        | ■                   |                |                  |
| Juvenciado | 1986          |                        | ■                   |                |                  |
| Emanuel    | 1989          | ■                      |                     |                |                  |
| Marcos     | 2005          |                        |                     | ■              | ■                |

**Quadro 3 - Entrevistados, ano de formatura e atividade profissional**

Fonte: elaborado pela autora.

Dos entrevistados, 5 deram continuidade à sua formação na área da agropecuária em nível superior, e 4 ingressaram em áreas diferentes. Madalena, natural de Sertão, migrou para as ciências contábeis e declara estar muito satisfeita com sua escolha. Após sua aposentadoria na Prefeitura Municipal de Coxilha, pretende continuar trabalhando. Juvenciado, que nasceu em Passo Fundo, é bancário e cursou Tecnologia do Empreendimento. Tarrane, também natural de Sertão, é técnica administrativa em instituição federal e cursou Economia Doméstica. Celestino, originário da mesma cidade, cursou Filosofia e Especialização em Gestão Pública. Permaneceram na área agropecuária, realizando curso superior,

Emanuel, natural de território indígena no interior de Cacique Doble, que cursou ciências agrárias; Tarrane, que, após Economia Doméstica cursou Ciências Agrícolas; e Anderson, nascido em Sertão, que cursou Agronomia e é servidor Público Federal.

Entre os egressos, há, também, líderes políticos. Altemir foi presidente de sindicato e prefeito municipal em um município da região Norte do Rio Grande do Sul; Marcos, natural de Marau, é vereador; e Celestino é vice-prefeito em um município da região Norte do RS. Ao serem entrevistados, retomaram o tempo de escola, reconhecendo que foi na instituição que começaram a desenvolver sua liderança para tornarem-se o que são hoje.

Entre os que não seguiram os estudos, permanecendo como técnicos em agropecuária está Altemir, formado em 1972. Segundo ele, na época, cursar o ensino superior era privilégio de poucos, dos que tinham posses, que não era o seu caso. Por esse motivo, precisou lançar-se diretamente ao mercado de trabalho. Marcos expôs que precisava trabalhar e, por isso, ainda não cursou nenhuma faculdade, mas pretende fazer isso futuramente, ainda que afirme: *“somente com os ensinamentos obtidos na escola tenho um ótimo trabalho e ganho muito bem, estou com um ótimo salário”*. Emanuel também enfatiza a questão financeira. Durante a entrevista, fez questão de mostrar *seu holerite*, além de salientar que, se estivesse hoje em território indígena, jamais teria o conforto e o carro zero quilômetro que possui. Fortunato, por sua vez, relatou não ter ingressado no curso superior, optando por trabalhar em sua propriedade, onde os ensinamentos da escola sempre foram muito úteis.

Para finalizar, entre os entrevistados, há ex-alunos que hoje são técnicos administrativos na escola. Após essa constatação, ficou claro que, embora alguns tenham migrado para outras áreas, que não a agropecuária, ainda se sentem, de alguma forma, ligados a ela. Em seus depoimentos, afirmaram que, sempre que podem, exercem atividades vinculadas à área, sendo unânimes em dizer ter sido benéfica a passagem pela instituição, devido ao amadurecimento pessoal e profissional que esta lhes proporcionou.

O conjunto de depoimentos revela que o mundo social de origem era diferenciado, pois cada um narrou suas singularidades e, em seguida, trouxe os detalhes da cultura da Escola Agrotécnica Federal de Sertão, bem como de suas vidas depois de formados. Como já se detectou na pré-análise dos questionários, reafirma-se, nas narrativas, um conjunto de características que tentam equilibrar a visão de escola e de mundo, igualando-se ou afastando-se. A isso parece pertinente associar o que afirma Foucault:

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja (2012, p. 2).

A conversa com Marcos, por exemplo, deixou interditos, pois ele não expôs as questões referentes ao seu poder de liderança com os novatos na escola, as quais eram evidentes na década de 2000, por ter sido um aluno mais velho. Ao deixar interdito, é possível que tenha imaginado que seu pensamento seria interpretado pela entrevistadora.

Antes de seguir para a próxima parte deste estudo, é importante registrar que as entrevistas foram transcritas no mesmo dia em que foram realizadas, evitando a perda de entonações, pausas, pontos importantes para posterior análise. Na sequência, algumas explicitações de significados para as falas dos egressos foram buscadas, procedendo-se, conforme Gill, a “uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso” (2008, p. 266). Todo o procedimento analítico teve subjacente o problema de pesquisa, a saber: *como os egressos rememoram o tempo vivido na EAFS/IFRS Câmpus Sertão? Que marcas da cultura escolar estão presentes em suas memórias?*

Feita a reflexão sobre o conjunto de respostas, foram definidos os seguintes eixos temáticos:

- memórias da escola: processo seletivo, motivos que levaram a vir para a escola, padrinhos, trotes e apelidos;

- o olhar dos egressos aos tempos de escola: atividades de rotina, disciplina e liderança, mercado de trabalho e emprego e alcance das expectativas;
- a cultura dos técnicos em agropecuária: mudanças na vida, brincadeiras, situação que marcou.

Nas páginas a seguir, esses eixos serão desdobrados.

### **3.2 Memórias da escola: processo seletivo, motivos que levaram a vir para a escola, padrinhos, trotes e apelidos**

#### **3.2.1 Processo seletivo**

Durante as entrevistas, os egressos demonstravam certo saudosismo, certa nostalgia ao falarem de seu tempo de aluno na instituição, sendo possível perceber que mesmo situações que na época não eram encaradas como boas, agora, aparecem como ensinamentos.

*O tempo de escola é aprendizado, que preparou para vida, as lembranças são muitas, aprende-se a conviver em família, em grupo, com muitas recordações dos colegas. Se não fosse o colégio talvez a saída fosse o trabalho na roça (Altemir).*

Acima de tudo, o entrevistado diz que o colégio auxiliou na sua formação e que, com certeza, tudo o que conseguiu foi graças à escola. O trabalho na roça, na época, era braçal e sacrificante; por isso, a maioria os alunos, após estudar na escola, buscava se livrar dessa condição, indo em busca de empregos na cidade. Mesmo que a intenção da escola fosse preparar mão de obra para o retorno às propriedades familiares, nem sempre isso ocorreu.

Importante relacionar esse relato ao que expõe Burke (2009, p. 31), quando refere que autobiografias e memórias constituem um meio particularmente efetivo para as pessoas apresentarem o que se chamaria de uma “versão autorizada” de sua vida, fazendo parecer que elas buscaram certas metas sem hesitações, distrações e confusões que fazem parte da vida de todo mundo. Nesse sentido, o sujeito aqui entrevistado parece desejar transmitir, involuntariamente, uma ideia positiva e harmoniosa de sua trajetória. No entanto, embora romantizados, os depoimentos constituem importante contributo empírico na preservação da memória da instituição.

Juveniado, ao descrever suas reminiscências dos tempos de Escola Agrotécnica, afirma:

*Foi muito bom pelas amizades que a gente fez, claro que também pelo conhecimento técnico que se teve, bem abrangente, bem detalhado em todos os segmentos dentro do agronegócio. Mas foi muito importante esta questão do relacionamento, de aprender a se virar, eu era guri, saí de casa com 13 para 14 anos e fiquei interno. Éramos 120 colegas por alojamento, ali tinha cinco quartos, com 24 alunos em cada quarto, 12 beliches de cada lado. Valeu a grande importância pelas amizades, convivência e, claro, conhecimento também.*

De fato, o instituto é referido como um lugar onde foram construídas grandes amizades, uma família, o que se verifica, também, no depoimento de Fortunato: “a escola proporciona uma boa visão do mundo, mudando tudo na vida, ajudando no crescimento pessoal e profissional, é ali que começa a escola da criança fora de casa, no internato”. Conforme seu relato, os colegas “são como irmãos”; quando se encontram, o afeto continua como se voltassem à época de estudantes.

Em suas lembranças, os ex-alunos falaram sobre o ingresso na instituição, sobre a maneira como ficaram sabendo da sua existência e como era realizado o processo seletivo. Altemir narrou que o ingresso na escola foi por meio de entrevista e de uma “provinha”, tudo somente em uma tarde, dando preferência aos que estavam se formando no ginásio agrícola. Lembra que entrou em uma turma composta por 29 alunos, 28 homens e uma mulher. Ressalta-se que essa situação, isto é, o número de alunas bem inferior ao de alunos, perdurou por vários anos.

Madalena destaca que, na década de 80, o exame de seleção foi muito rigoroso, tendo ocorrido durante três dias: “primeiro uma prova escrita, depois uma entrevista e a seguir íamos para lavoura de milho, para carpir um milho alto, com enxada, um solão quente de dezembro”. Relembra que o dia do seu exame era o mesmo de sua formatura no ensino fundamental, então, ficou muito vermelha devido à queimadura solar causada pela exposição durante a prova prática, além de ter os “braços arranhados e picadas de mosquitos”.

Emanuel recorda que as provas para o ingresso na escola eram efetuadas ao longo de uma semana chamada de “Patiação” (como até hoje é denominado o

trabalho braçal), provas escritas em turno inverso e, depois, quem tinha condições “comprava os uniformes e os abrigos”. Para ele, essa situação da “compra do enxova” também o deixava constrangido, na medida em que não tinha condições de adquiri-lo. A “Patição” citada por Emanuel foi descrita, também, por Fortunato, afirmando que, além da prova escrita, havia, em um turno, o trabalho nos setores por dois dias e meio, carpindo milho. No ano de seu exame, a turma era composta por 160 alunos, quatro turmas de 40.

Dentre os ex-alunos que se tornaram docentes, a pesquisa localizou Anderson, egresso da primeira turma. Trata-se do primeiro egresso nomeado para o cargo de diretor pró-tempore no Instituto em 2011. Segundo ele, o período que passou na escola foi de extrema importância para sua formação não só profissional como também ética moral e social. Conforme seu depoimento, ingressar na instituição foi uma maneira de mudar radicalmente: “*nunca havia morado fora de casa e a tradição em meu local de origem era de estudar até o quinto ano primário*”. Iniciou seu relato, buscando reminiscências, abordando as lembranças mais marcantes em relação à antiga EAFS, hoje Instituto Federal Câmpus Sertão.

*O que mais marcou para mim foi que eu era um menino nascido no interior de Sertão. Naquela época para [a gente] conseguir ir além do ensino primário, que era o sistema de ensino da época, seguir em frente era muito difícil, principalmente para o pessoal do interior, tendo ainda a questão familiar: os filhos estudavam até o quinto ano primário, pois tornavam-se mão de obra. Eu tinha que, primeiro, convencer meus pais a vir estudar, tendo como referência, na época, o Ginásio Agrícola do Sertão. Saído do interior, fiz admissão e para mim foi uma mudança completamente radical porque nasci no interior. Naquela época não tinha celular, televisão, apenas o correio. Para mim foi muito difícil, porque nunca tinha saído morado fora de casa, mas como minha vontade era realmente estudar...*

Para tornar-se aluno da instituição, Anderson realizou o exame de admissão, sistema vigente na época, que exigia uma prova para ingresso no ginásio (no seu caso, tratava-se do Ginásio Agrícola de Passo Fundo)<sup>20</sup>:

*Então foi uma mudança muito grande, era a única oportunidade de estudar, fazer este curso aqui, porque tinha internato e meus pais não tinham condições de pagar outro estudo. Apesar das dificuldades que senti no começo, diante de uma mudança muito radical, eu me apegava a esta oportunidade que não podia deixar escapar. Fui fazendo amizades, acostumando assim com uma vida diferente. Fui, assim, me integrando na época com o ginásio agrícola e com os colegas. Começou a fazer parte da*

---

<sup>20</sup> Os exames de admissão ao ginásio foram extintos pela LDB 5692/71.

*minha família e eu sempre digo que eu tenho três famílias: a primeira, a minha família, constituída de ensinamento dos meus pais e, depois, a família constituída através de meu casamento, meus filhos netos, e a outra família para mim começou com o antigo Ginásio Agrícola de Passo Fundo e, depois, Colégio Agrícola de Sertão. Eu me apeguei muito a esta instituição.*

Essa é, segundo o professor, “uma história bonita”, porque ele começou como aluno “*bem chorão; chorava muito no início, logo ao vir de casa, e até acostumar não foi fácil*”. Até hoje, conta para os alunos que chorou, mas não se arrepende, pois foram “*lágrimas que valeram a pena, e por isso que é bonita a história*”. O egresso relata que, no interior, naquela época, a mão de obra era braçal, muito difícil, e ele queria realizar o seu sonho. Veio para a instituição, conquistou a vaga e foi em frente. A seguir, transcreve-se mais um fragmento da trajetória pessoal que faz parte da história da educação e que, portanto, merece ser preservado:

*Eu me sinto assim orgulhoso e feliz por a gente começar como aluno e chegar ao cargo máximo da instituição. Acho que é um exemplo que eu não quero que fique marcado somente como um orgulho para mim, mas é um exemplo para quem está chegando, para os alunos. Eu estava conversando com a nutricionista, tinha o encontro dos dirigentes dos doze Campi do Instituto, então a gente teve reunião, e à tarde teve reunião do conselho superior, que também foi no Câmpus. Teve uma parada às 4 horas para um coffee break lá no refeitório, bem preparado. No mesmo momento em que os alunos têm o lanche da tarde, só que os alunos chegam até na porta do refeitório, pegam seu lanche, e vão embora. Então a nutricionista me contou que um aluno disse “nós não podemos participar junto no coffee break dos diretores e conselheiros?” A nutricionista disse “não, mas tem um caminho para vocês fazerem, faz como o professor Anderson: começa do lado de cá e depois passa para lá, podem chegar até lá, o caminho está aberto, agora tem uma coisa: depende de cada um”. É um exemplo bonito que a gente começou como aluno e chegou ao cargo e sempre a gente pensando, assim: no trabalho sério e na dedicação, que o resultado aparece, né?*

Embora o poeta Mario Quintana (2006) tenha escrito que a memória carrega uma caixa de lápis de cor – e, de fato, pesquisas que lidam com o tema comprovam: reminiscências, mesmo as mais doídas, sempre são lembradas com brandura (FISCHER, 2011) –, foi importante provocar o entrevistado acerca de momentos e acontecimentos que talvez não tivessem sido favoráveis em sua vida como estudante da instituição.

*[...] o que marcou negativamente e que eu não gostava é que às vezes a gente tinha que fazer rodízio e às vezes, em finais de semana, um grupo ficava na escola para limpeza. Tínhamos que lavar estes corredores, começar lá no fundo, jogando água, de escova, de joelho, escova, ia jogando sabão e a gente ia até o outro lado. Isso era uma coisa que eu não gostava. Eu gostava de ir para a lavoura, porque a gente tinha uma turma*

*grande, era maravilhoso, mas a parte, assim, que eu não gostava que era negativa para mim, era quando tinha que limpar, era terrível.*

### **3.2.2 Motivos que levaram a vir para a escola**

Ao serem questionados quanto aos motivos que os levaram a ingressar na escola, os egressos citaram desde propagandas realizadas em suas comunidades até o fato de “*ser filha de um servidor técnico administrativo da escola, que possuía seis filhos e morava nas proximidades da mesma*”. Madalena relata que, “*se não fosse esta instituição gratuita, o meu pai não teria condições de mandar os filhos estudar [sic] em outro lugar*”.

Como mencionado anteriormente, Emanuel narrou que ingressara na escola para se “*formar técnico para voltar à comunidade indígena levando os ensinamentos*”, o que, porém, acabou não acontecendo. Marcos, por sua vez, descreveu como motivo o fato de ser oriundo de uma família pobre do interior, com pai alcoólatra, que começou a beber depois da perda de um filho no Mato Grosso. Já Celestino relatou que procurou a escola devido à influência de amigos que já haviam estudado na instituição.

Ressalta-se que esse conjunto de motivações ajudou a construir uma determinada cultura escolar ou, como afirma Silva,

[...] uma dimensão que marca de modo significativo e confere identidade aos grupos sociais, expressando-se em seus modos de vida, de agir, de sentir, de interpretar o mundo, de se relacionar, etc. Por outro lado não estamos tomando a questão cultural de modo isolado, mas sim no contexto de suas inter-relações com outras dimensões: a ideológica, política, social, econômica, educacional, sem deixar de reconhecer, contudo, que a valorização das contribuições das diversas identidades culturais é significativa e necessária para a construção de sociedades mais justas e solidárias (2011, p. 1).

Percebeu-se, durante a pesquisa, a valorização das identidades culturais na construção de laços afetivos entre os colegas e entre os egressos e a escola, como evidenciam os relatos de interesse de ser aluno da instituição para, posteriormente, retornar às suas comunidades, carregando, em parte, a cultura escolar do IFRS/EAFS.

A relação estabelecida, ao longo dos anos, entre o IFRS e a comunidade da sua região de inserção confirma a grande importância conferida à instituição em nível municipal, regional e estadual, refletida, inclusive, na disponibilidade de vagas no mercado de trabalho para seus egressos, galgando bons postos profissionais e boa remuneração tanto em órgãos e empresas públicas quanto na iniciativa privada. Tudo isso concorreu para a melhoria da qualidade de vida e para a inserção em ambientes que possibilitaram crescimento não só profissional, devido ao convívio com pessoas de outras regiões, com outros costumes e maneiras de viver.

### **3.2.3 Padrinhos, trotes e apelidos**

Altemir conta que os “padrinhos” começaram a ser inseridos em sua época, mas de maneira velada. Segundo ele, todos tinham apelido, porém os trotes foram introduzidos de maneira muito sutil. Teriam surgido por influência de alunos que haviam estudado na Escola Técnica em Agropecuária de Viamão, pois lá já existia a cultura instaurada. Segundo relembram, a escola colocava limites para os trotes, propondo que estes deveriam ser “construtivos”. Entre as tarefas, eles citam: mandar os alunos encherem uma mala de pedra e irem até a estrada esperar uma carona, limpem os sapatos e as cuecas dos veteranos. Após esse “estágio”, desenvolvia-se, segundo os ex-alunos, uma grande amizade entre os “bixos”, como eram chamados os novatos, e seus veteranos.

Confirmando a “cultura dos apelidos”, Conceição, em pesquisa sobre a história do internato também de ensino agrícola federal, ressalta que “a atribuição de um número aos internos, determinada pela norma institucional, quase sempre era acompanhada da atribuição de um apelido (cultura dos internatos)” (2010, p. 88). A referida pesquisa comprovou o que também aqui se verifica: propor que o colega disponha-se a participar, mesmo que coercitivamente, das brincadeiras da idade imatura e a necessidade de se conformarem com as atividades intensivas de estudo e trabalho e com as regras do internato. “Eles absorviam a cultura incutida na vida cotidiana no internato, ficando evidente o processo de socialização dos internos que seguiu com os ex-alunos nas suas carreiras profissionais” (2010, p. 88).

Os ex-alunos contam em detalhe a questão dos trotes e “batizados”, descrevendo suas recepções no espaço físico escolar, o qual é descrito por Frago

como “[...] apropriado, território, espaço disposto e habitado, lugar. Neste sentido o espaço é uma construção social e o espaço escolar uma das modalidades de sua conversão em território e lugar. [...]. O espaço diz e comunica; portanto, educa” (1995, p. 69). Os egressos, já na chegada da escola, passavam por um processo educativo, recebendo instruções sobre o funcionamento da instituição e sendo acolhidos por seus veteranos. Nenhum deles deixou de salientar a importância do espaço físico do internato, o qual lhes era disponibilizado durante os três anos de curso de forma gratuita, destacando-se, também, os ambientes para desenvolvimento de atividades práticas.

Madalena relata que existia o “batizado” na ocasião de ingresso na escola, quando os novatos eram todos colocados na quadra esportiva e os veteranos determinavam seus apelidos, escritos numa placa de papelão:

*Nós tínhamos na época o batizado: quando entrava, colocavam todos os novatos na quadra, os do primeiro e segundo ano davam os apelidos, no caso quem dava os apelidos eram os veteranos. Olhavam para tua cara e já te davam o apelido e na hora já colocavam a tua placa, com o teu apelido. Nós tínhamos que usar 45 dias a placa e daí tinha o baile do "bixo", que era o seguinte: completados os 45 dias, no sábado seguinte, você tinha que arrumar um padrinho, ou do segundo ou do terceiro ano, tinha que ser da escola e daí você tinha que desfilar, era o desfile dos bixos com os veteranos. Aí você passava a não usar a placa. Os trotes eram leves, era assim como tu estar lá em cima e te mandarem lá para baixo buscar um pedaço de pau, essas coisas, bem sem violência, como essas coisas que se vê hoje, de jogar farinha. Eram brincadeiras sadias, todo mundo aceitava, não se revoltava. Tanto é que até hoje quando tu vai num encontro tu diz: bah, olha lá o fulano, às vezes tu não lembra o nome da pessoa, tu lembra pelo apelido.*

A mesma egressa cita que as meninas eram poupadas da parte do trote, somente usavam a placa, ganhando seus apelidos e padrinhos. De acordo com Emanuel, existia o trote na década de 80, quando os alunos se apresentavam e recebiam informações sobre como funcionava a escola. Ele lembra que mandavam o aluno procurar petróleo, rodando ao redor de um cabo de vassoura até ficar tonto. Fortunato narrou que veteranos faziam os novatos carregarem coisas de um lado a outro, procurando por pessoas que não existiam e que quem demonstrasse resistência sofria. Os novatos tinham de cavar ao redor da cooperativa, enquanto os veteranos ficavam só olhando. Hoje, os egressos parecem recordar desses momentos com sentimento nostálgico, o que outras pesquisas envolvendo memórias também constatam em situações similares.

Uma questão levantada por Celestino relativa aos apelidos é a cultura existente até os dias atuais, a qual considerava boa à época, mas que agora vê com restrições, por não saber o nome de seus ex-colegas, nem mesmo para poder procurá-los nas redes sociais. Relata que todos tinham seus apelidos e usavam as “plaquinhas”, as quais serviam para esconder colas, no verso, durante os 45 dias em que eram usadas.

Interessante registrar que as lembranças são, predominantemente, relativas às experiências vividas fora do contexto da sala de aula, embora alguns mestres também sejam lembrados. Conforme Halbwachs:

Para os alunos, a turma ainda viverá por algum tempo – pelo menos terão com frequência oportunidade de pensar nela e dela recordarem. Como eles têm quase a mesma idade, pertencem talvez ao mesmo ambiente social, não esquecerão se terem aproximado sob o mesmo professor. As noções que este lhes transmitiu têm sua marca – muitas vezes, quando voltarem a pensar naquilo, através e além dessa noção, discernirão o mestre que o revelou para eles, e os companheiros de turma que a receberam ao mesmo tempo (2006, p. 34).

Celestino deixa transparecer seu desconforto por não ter na memória o nome de seus colegas para tentar estabelecer contato além do dia do encontro de ex-alunos. Vale frisar que ainda são poucos os que participam desse evento. Segundo ele, talvez seja possível auxiliar os egressos, realizando, a partir desta pesquisa, um banco de dados com nome, contato e apelido dos formandos, para que, mesmo com o passar dos anos, a instituição possa localizá-los com maior facilidade.

### **3.3 Olhar dos egressos aos tempos de escola: atividades de rotina, disciplina e liderança, mercado de trabalho e emprego e alcance das expectativas**

#### **3.3.1 Atividades de rotina**

Os ex-alunos relembram as atividades de rotina, de acordo com a estrutura curricular da década de 70: aulas pela manhã e à tarde, turno integral, com folga em uma tarde da semana, na quarta-feira, livre para praticar esportes, com campeonatos internos de futebol, voleibol e pingue-pongue. Segundo Altemir:

*Havia muitas atividades esportivas e trabalhos braçais na lavoura e pecuária, além de uma hora fixa de estudos extraclasse pela manhã e uma à noite, sempre acompanhada por monitores. Após os estudos, tomávamos café e nos dirigíamos à sala de aula. As regras eram rígidas com horários determinados para televisão, esportes e para dormir. Todos os dias, antes do almoço e janta, entrávamos “em forma”.*

Ainda conforme as narrativas, em 1964, após três meses de aula, foi instituída a ditadura militar. Os alunos, então, foram embora e voltaram após quinze dias, com direção nova, tendo se seguir regras, como “entrar em forma” e escutar o boletim das atividades diariamente. Quando alguém se rebelava, era expulso; os pais eram chamados e ouviam, na frente de todos, os motivos da expulsão.

Anderson, egresso do ginásio, relata que no curso técnico havia horários rígidos: os períodos de estudo obrigatório ocorriam das 6h30 às 7h30 e das 19 às 20h. A sirene tocava e em dez minutos todos deveriam se levantar, arrumar a cama, seguir para o café e depois para a aula. As aulas eram teóricas de manhã e práticas à tarde; os alunos eram dispostos em filas e designados para trabalharem nos respectivos setores. Para ser aluno da escola, era necessário possuir disciplina, devido a exigências quanto a regras de horários para levantar-se, tomar café e ir à sala de aula.

De sua memória partem relatos desde os primeiros anos da instituição, com suas instalações precárias e poucas construções. Mesmo com exclusões e silêncios, a memória proporcionou uma visão do cotidiano da escola, com relatos minuciosos de como eram essas edificações, bem como as aulas e atividades desenvolvidas. O egresso rememora com entusiasmo, relatando passagens com ênfase, lembrando as condições de infraestrutura da instituição, sem alojamentos, refeitório e sala de mecanização adequados, além dos setores que não possuíam construções em condições de realização de atividades práticas.

Anderson aborda, como os demais, que todas as atividades de funcionamento prático da escola eram realizadas pelos alunos. Toda a limpeza da escola era feita por eles, desde as salas de aula até os corredores, seguindo escalas. Os dormitórios eram grandes, com 20 a 30 beliches, totalizando 60 pessoas em cada quarto. Sobre isso, cabe trazer um trecho da narrativa do ex-aluno, hoje professor:

*[...] como começou a funcionar em 1962, e as condições não eram as melhores, só tinha o prédio central com as salas de aula, ainda não tinha alojamento, não tinha refeitório, não tinha outras estruturas como, por exemplo, sala de mecanização, setores. Nós tínhamos aula teórica na parte da manhã e à tarde era chamado de aula prática, que na verdade era trabalho mesmo. Entrávamos em uma fila à uma hora da tarde e ali, em fila, eram designados tantos alunos para trabalhar na lavoura, tantos para roçar, tantos alunos para fazer ração dos animais, fazer a limpeza da instituição. Não havia nenhum funcionário para a limpeza, naquela época. Aluno podia [trabalhar], pois não havia problemas com o ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente], não tinha problema nenhum, faziam trabalhos braçais, pesados.*

O ex-aluno não esquece os horários de estudos obrigatórios que havia à noite e pela manhã, quando a sirene anunciava que deveriam se levantar, arrumar a cama e, em dez minutos, estar prontos para a aula. Na época em que o entrevistado estudou na escola, os alunos ingressavam no curso técnico mais maduros, pois na formatura a média de idade era de 21 anos<sup>21</sup>. Por meio de sua narrativa, percebe-se a importância da instituição centrada na qualificação, com diferencial de atividades práticas corriqueiras que se perpetuam ao longo do tempo, consolidando uma cultura de disciplina do trabalho cotidiano, não intelectual.

Regras seguidas ao longo dos anos ajudam a formar cada egresso com padrões culturais, individuais e coletivos, incorporando significados que se sustentam no decorrer do tempo, tornando-se ainda mais visíveis na ocasião do encontro de ex-alunos da instituição. Mesmo após muitos anos, trazem maneiras de agir e de comunicar-se com seus colegas como nos tempos pretéritos. Em outras palavras, ecos da cultura instituída a partir da escola podem ser ouvidos nesses depoimentos.

Retomando as narrativas, nos anos 80, as aulas eram intercaladas por turnos, teóricas num e práticas no outro, permanecendo como na década anterior. Madalena narra que as alunas, pela parte da manhã, já vinham vestidas para as aulas práticas. Elas deixavam seus pertences em um banheiro que continha armários com chaves; lá, tomavam banho e trocavam de roupa antes de seguir para o refeitório.

Outro ponto abordado pela egressa diz respeito aos plantões, quando os alunos que moravam nas proximidades da escola ficavam encarregados (nos

---

<sup>21</sup> Hoje os alunos formam-se com idade média de 16 anos.

feriados de Páscoa, Natal) pelas atividades de rotina da instituição. Todos os alunos deveriam cumprir os plantões de 20 dias (nas férias), nos meses de janeiro e fevereiro, para tratar os animais, cuidar da horta, da ração dos animais, das lavouras, atividades estas realizadas obrigatoriamente.

Madalena afirma que suas aulas preferidas eram as de horta, além das teóricas, como matemática, entre as exatas. A de que menos gostava era a da área agrícola. Segundo ela, alguns professores eram muito rígidos, e ela também sentia dificuldade de acompanhar a turma. Por terem sido tão exigentes, ela relata que até hoje enfrenta dificuldade na realização de algumas atividades. Lembra, também, que uma vez por semana, na parte da noite, havia a hora de estudo. As meninas a frequentavam somente quando existia atividade obrigatória, porque os pais eram rigorosos e exigiam bom comportamento. Os estudos noturnos, que se encerravam às 22h, eram coordenados por professores, sendo obrigatórios somente para os alunos internos.

Rememorando, Madalena destaca as olimpíadas escolares, quando alunos de várias escolas da região participavam de uma integração, com jogos durante um sábado inteiro. Os alunos gostavam muito deste tipo de atividade.

De um modo geral, em seus relatos, os egressos citam as atividades de rotina extracurriculares como sendo aquelas que lhes marcaram. Tarrane narrou que o dia de que mais gostava na escola era o de ensaios do CTG, realizados durante o horário de aula com um professor coordenador acompanhante. Percebe-se, até os dias atuais, o forte vínculo com o Centro de Tradições Gaúchas Tropeiros da Cultura, CTG da escola.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Os alunos “vestem a camiseta” do grupo, empenham-se, treinam incessantemente e realizam apresentações em nível nacional, uma cultura que vem se consolidando ao longo dos tempos, devido ao fato de a maioria dos alunos ser oriunda do interior, de cidades pequenas, com as tradições gaúchas enraizadas e que, com a chegada à escola, só são perpetuadas. Cabe ressaltar que a cada ano esse grupo se renova, contando, agora, com alunos além do técnico em agropecuária também dos cursos superiores. Muitos permanecem por seis ou oito anos dentro da instituição sem abandonar essa atividade. Presenciei a apresentação desse grupo, a turma de mestrandos da UFRRJ, a alunos oriundos de várias regiões do Brasil, e profunda foi a emoção dos participantes por ocasião do conhecimento da cultura do Rio Grande do Sul, demonstrada pela dança e hospitalidade, educação e organização do grupo, motivo de orgulho para os docentes que, de alguma forma, contribuíram na sua formação.

Juveniçado, em suas recordações, narrou que em 1985, seu tempo de aluno, as aulas práticas de construções, ou lavouras eram feitas de modo braçal, não agradável, segundo ele, para quem vinha da cidade, como era o seu caso. Ao confirmar que as aulas eram divididas em dois turnos – as práticas ocorrendo nos setores e as teóricas, no prédio central da escola –, cita como as disciplinas mais apreciadas as que teve com um professor da área agrícola, por aprender atividades diferentes. Também as aulas com animais são lembradas positivamente.

Ele se lembra de um lugar na escola que servia de ponto de encontro, à tardinha, para tomarem chimarrão, jogarem pingue-pongue e conversarem com os amigos. Entre os demais espaços frequentados estão o barranco nas proximidades da escola, onde se reuniam para beber e jogar sinuca na Vila do Englert, e o Balneário Verdes Mares, próximo à escola, onde faziam jantares. A esses fragmentos pode-se acrescentar o entendimento de Silva, quando menciona que as práticas sociais desenvolvidas na/pela escola são basilares para o entendimento da cultura escolar. Além dos conteúdos curriculares, o “desenvolvimento de relações interpessoais, assim como os discursos e as formas de comunicação e de linguagens, presentes no cotidiano escolar, constituem um aspecto fundamental de sua cultura” (2011, p. 5).

De um modo geral, as entrevistas permitiram perceber que os egressos viveram, nas variadas épocas, uma cultura escolar típica, referente a suas formas de organização social e interpessoal presentes em seu cotidiano, demonstrada, principalmente, nas narrativas quanto a atividades práticas e sociais. Mesmo sendo hoje senhores e senhoras em profissões diversas, com níveis culturais e sociais diferenciados, ao reportarem-se ao tempo de alunos, adquirem, mesmo que inconscientemente, um linguajar típico de suas épocas, fazendo uso de bordões e gírias, como no caso de chamar o trabalho de “patiação” e o novato de “bixo”.

Retomando os depoimentos, Emanuel aborda as dificuldades encontradas, devido ao fato de sua cultura ser diferente da “*do homem branco*”, maneira como se refere aos colegas que não são de origem indígena. Seguem as palavras do egresso:

*Tudo muito complicado, tinha horário para tudo, para comer, para aula. Nós na aldeia nunca havíamos vivido em sistema de internato. Às vezes, na aldeia, eu passei fome. Os índios até têm terras, mas o que acontece? Os governos federal, estadual e municipal não dão um subsídio com sistema agrícola apropriado, então precisamos trabalhar só para subsistência, que vem através da venda de artesanato.*

Como se pode constatar, segundo as recordações do egresso, as regras foram complicadas para um indígena que nunca havia saído de sua tribo, em especial o toque de recolher para dormir, para levantar e para tomar o café.

Conforme já se comentou em momentos anteriores, outra regra era a da limpeza dos apartamentos, seguindo uma escala feita pelos alunos e cumprida com rigidez. Outros também relataram que, pela manhã, frequentavam as aulas práticas e, à tarde, as teóricas, ou vice-versa.

Para Emanuel, as atividades ligadas à agricultura foram de adaptação mais fácil, pois, anteriormente, em seu local de origem, já tivera experiência com essa área. Nos alojamentos, hoje permanecem de 8 a 12 alunos por apartamento; na década de 80 o número de alunos chegava a 35.

Quanto às atividades esportivas, em especial o futebol, o egresso lembra que gostava muito e que eram realizadas à noite, na forma de campeonatos. Havia horários de estudos na biblioteca e um local para verem jogos, assistirem filmes à noite.

Celestino, formado em 1983, e Fortunato, formado em 1984, também relembram que todas as atividades práticas relacionadas a lavoura e pecuária eram realizadas pelos alunos, inclusive o abate de animais. Fortunato afirma que a instituição oferecia café da manhã, almoço e jantar, uma obrigação de todo internato, mas nesse seu olhar retrospectivo, hoje, isso soa quase como um reconhecimento positivo. Conta, ainda, que no fim de ano, encerradas as atividades escolares, existia um tempo chamado pelos alunos de “vinte dias”. Um sorteio efetuado entre grupos de alunos das turmas da segunda e terceira séries decidia quem permaneceria na escola nas férias para trabalhar nos setores.

Por sua vez, quanto à sua frequência nas aulas, Marcos, formado na década de 2000, relatou que algumas foram “boas” e outras, “matadas”. Seu interesse era voltado mais para a área da agronomia; não gostava da veterinária. Os alunos

realizavam atividades de rotina, dirigindo tratores, trabalhando com foices, tradição que se perdeu no tempo. As aulas práticas eram as de que mais gostava, “*tradição da EAFS que agora se foi*”, conforme suas palavras.

Os alunos eram organizados, faziam jantares fora da escola, na casa de funcionários. No tempo livre, pescavam no açude da instituição, apesar da proibição de frequentarem esse lugar. “*Fazíamos tudo sem deixar furo*”, confessa.

Como se pode verificar, havia regras rígidas de dominação e gestão, as quais, porém, eram burladas. Ainda conforme Marcos, a cooperativa da escola prestava suporte aos alunos, com centro telefônico, para entrarem em contato com suas famílias, cobrando um valor simbólico. Dentre as recordações menos felizes, Marcos destaca os plantões nos setores, no inverno, quando necessitava acordar às 5h. Também dos finais de semana ele se recorda com tom entristecido. Segundo ele:

*[...] de manhã a refeição começava das 7 até as 7h30. Tocava a sirene, a primeira e a segunda, até as 7h30 tinha que ter ido lá tomar o café. A maioria trazia no alojamento, tipo cada semana a gente escalava um do alojamento para trazer o café para todos, de preguiça de levantar, dava para dormir até as 8h [risadas]. Era bem organizado, [o colega] trazia pão, queijo, salame e térmica de café.*

Porque era mais velho e porque tinha perfil de liderança, era liberado da tarefa de buscar os alimentos, demonstrando, assim, seu poder perante os colegas mais novos.

### **3.3.2 Disciplina e liderança**

Altemir narra que a formação na escola colaborou para adquirir atitudes de disciplina no trabalho, na política e na Emater. Conta que a escola dava oportunidades de trabalhar os aspectos de liderança, por possuir um grêmio estudantil e também porque alguns professores estimulavam os alunos a falarem em público e a ministrarem aulas.

Madalena também relata que a disciplina na escola era rígida, motivo pelo qual, segundo ela, muitos técnicos formaram-se com personalidade forte. Aprenderam muito da vida na formação técnica e como pessoa. Conforme suas

palavras, “a escola é uma família,” influenciando no perfil do aluno, ajudando a ter segurança na tomada de decisões: “muitos alunos foram para a área política”. A egressa, lembrando sua passagem como discente, argumenta como se estivesse convicta de que a instituição ajudou na questão de formação de lideranças. Quanto a tais reminiscências, confirma Silva (2011), cada estabelecimento de ensino tem sua cultura definida de acordo com um sistema que vai se construindo ao longo dos anos. Percebe-se nas palavras da egressa a cultura de interação entre os alunos, a qual provém do convívio estabelecido por meio de gincanas, participação em peças de teatro, cooperativa escola, viagens técnicas, que deram início ao desenvolvimento das habilidades de trabalho em grupo e de como liderar – e liderar desde um pequeno grupo de colegas de início, até as quatro turmas dentro de cada série, ou, até mesmo, todas as turmas do ensino integrado, como na ocasião da Semana da Juventude, como eram chamadas as olimpíadas escolares entre séries, organizadas por todos os segmentos escolares, cada um com suas funções.

Juvenciado diz que sempre ocorreu um bom controle quanto a brincadeiras e que os professores eram mais respeitados. Segundo sua memória, nunca ocorreu caso de discussão com professores. Aponta, também, que os alunos da EAFS sempre trazem valores positivos, por serem oriundos de família do interior, segundo ele, uma influência positiva: “Fazíamos filas desde o refeitório, por ordem de chegada. Os veteranos e formandos abusavam, burlavam e faziam os ‘bixos’ oferecerem seus lugares, colocando-os no final da fila. Eles mandavam e nós obedecíamos”.

Em continuidade à análise dos depoimentos, uma questão levantada quanto à disciplina é a obrigatoriedade do uso do uniforme. Toda manhã, um professor era responsável por verificar, inclusive, os calçados. Chinelos eram proibidos em sala de aula e setores; se os alunos estivessem de chinelos ou sandália eram convidados a retirar-se e voltar com calçados adequados.

Ainda acerca da liderança, para Tarrane, a “escola ajudou na questão de formação de liderança devido às monitorias que possuía na época”. Em horários noturnos, os monitores auxiliavam os professores nas atividades com os colegas, interagindo e aprendendo a comunicar-se, além de exercer liderança perante os

colegas. Nessas ocasiões, necessitavam demonstrar postura e conhecimento sobre os temas tratados durante as noites de trabalho.

Uma questão narrada apenas por Marcos – não sendo retomada por nenhum outro egresso – foi a existência de rivalidade entre os internos e os semi-internos. No ano de 2004, durante os dias de trabalhos nas férias de janeiro, ocorreu, conforme sua fala, o furto em um armário de um semi-interno. O objetivo teria sido “sacanear” um colega do qual não gostavam, derrubando suas coisas no chão. Marcos assumiu a culpa mesmo não sendo o responsável, pagando 40 horas de serviço, punição que era dirigida aos alunos que descumpriam as regras da escola. Os verdadeiros culpados trabalhavam pelo incriminado e, mesmo ficando impunes, eram obrigados a confessar o delito aos professores responsáveis pelos alunos. Marcos, por ser na época um aluno mais velho que os demais, tornou-se um líder entre seus colegas. A seguir, apresenta-se o seu relato:

*Eu desenvolvi este sentido de liderança, dentro da escola, porque eu cheguei junto com uma turma líder, concorremos à coordenação da cooperativa e ganhamos, eu fiquei três anos na cooperativa. Participei da parte financeira, fui vice-presidente e depois presidente, já fui líder ali, tive professores que me orientaram bastante, participei do conselho diretor, através da vivência na escola me tornei um líder. Converso cada dia com um monte de pessoas e aprendo sempre, sou muito feliz no que faço.*

Fortunato expõe que a disciplina era cobrada e exigida, e os alunos correspondiam. “*Hoje está diferente.*” Segundo ele, até nas práticas os alunos *vão menos à lavoura, à horta, aos bovinos*. E complementa: “*alunos deveriam aprender a fazer fazendo*”. Outra questão que ele grifa é a mudança em sua vida após o ingresso na escola, como revelam as suas palavras:

*Mudou quase tudo na minha vida após eu ir para a escola, dá para ter uma boa visão do mundo, muda tudo. Com certeza, sem dúvida, o tempo de escola ajudou no crescimento como pessoa e como profissional também. Até hoje uso estes ensinamentos, eu aprendi a ser mais organizado e a conviver com pessoas. Nossa disciplina era cobrada, a gente tinha que cumprir as normas, tudo certinho. (Fortunato)*

A entrevista com Fortunato permitiu que ele evidenciasse sua sensibilidade, pureza, ausência de sagacidade, demonstrando ser um egresso muito disciplinado, que desenvolvia todas as atividades sugeridas da melhor maneira possível,

aproveitando esses ensinamentos na criação de seus dois filhos, também formados na instituição e bem colocados no mercado profissional.

Anderson, em seu depoimento, narra que a disciplina era bastante rígida e os professores eram autoridade máxima, como acredita que deveria ser até hoje:

*[...] mas, infelizmente, hoje tem algumas coisas que impedem isso. Os alunos tinham maior respeito pelos professores, a turma em sala de aula era uma turma que não tinha problema de bagunça e disciplina, o professor chegava e seguia em frente, era bastante controlada essa questão de disciplina.*

Seguindo o mesmo raciocínio do egresso anterior, Celestino observa que o professor era de fato uma autoridade, mas se não possuísse pulso firme, atiravam papel e bagunçavam. Se era um professor dinâmico, os próprios alunos ajudavam a pedir atenção ao grupo. Havia muitas regras necessárias, e alguns alunos que as infringiam eram expulsos. Os horários de estudos eram cumpridos em salas de aula, todas as noites, das 19h às 20h; após, escovavam os dentes e preparavam-se para dormir. Também conta que existia muita disciplina, a ponto de trazer à tona um acontecimento trágico, diante do qual, porém, ainda avalia tal disciplina como indispensável:

*O regramento era muito forte, eu diria o seguinte, era muito necessário. Eu tive colegas que foram expulsos da escola, eu tive colega que acabou fazendo uma bobagem e, por medo de sofrer represália, de ser expulso ou de ser chamado o pai dele, ele se enforcou lá na bovino. Eu vi ele enforcado, de joelho! Era aqui de Carazinho, nós fomos ao velório, enterro. Então ele optou para não sofrer represália do pai.*

### **3.3.3 Mercado de trabalho e emprego**

Sabe-se que até hoje os alunos formados na instituição são reconhecidos nacionalmente e que seu ingresso no mercado de trabalho, na maioria dos casos, se dá de forma rápida, com engajamento imediato após estágio:

*Formamo-nos em 1972, em julho fez 40 anos. Eu lembro que na época que me formei tinha que sair a procurar emprego, não é que nem agora. Tinha que se virar, cada um tomou seu rumo. A formatura foi no sábado e fui embora. Na segunda feira fui procurar um estágio, tomei um ônibus e fui até Tapejara, que era próximo ali. Na cooperativa Coocharrua de Tapejara, tinha o diretor que eu conhecia porque a mulher dele foi professora minha. Fui, me apresentei, fiquei recebendo um salário mínimo por três meses e eles me contrataram, assinei carteira. Fiquei lá mais uns cinco meses como funcionário deles. Surgiu oportunidade de um concurso público; na época a Secretaria da Agricultura, [precisava de] técnicos para trabalharem junto aos sindicatos rurais, em Porto Alegre. Me inscrevi e passei. Achei melhor abandonar a cooperativa e fui fazer um pré-estágio para assumir o sindicato, me ofereceram Jacutinga na época, eu não conhecia, [mas] não tinha de escolher, na época eu tinha 22 anos, era jovem. Comecei um trabalho novo, nunca tinha tido técnico lá, comecei o trabalho de extensão e ensinamento, foi bem na época de quando surgiu o calcário, correção de solo e análise. Então nós começamos lá e eu fiquei na Secretaria da Agricultura até 78 e aí eu ingressei na Ascar (Altemir).*

Para os rapazes, essa facilidade de arrumar emprego logo após o término dos estudos repetia-se, ao passo que, para as meninas, a situação era diferente. Madalena, por exemplo, narra que o ingresso no mercado de trabalho foi difícil, pois até mesmo para conseguir estágio era complicado. Havia poucas ofertas para as moças, a escola não apresentava muitos contratos com empresas. Assim, ela ficou de três a quatro anos em casa, parada, ajudando o pai e a mãe na lavoura. Na escola, entretanto, conta que começou a gostar da área das exatas, devido ao fato de a exigência ser grande por parte dos professores. Fez duas faculdades, a primeira de Pedagogia e, durante o estágio, percebeu que não era daquilo que gostava. Seguiu, então, para a segunda, de Economia, área em que trabalha até hoje, na prefeitura de Coxilha.

Uma dificuldade encontrada por Juvenciado foi a idade com que se formou:

*Foi difícil porque quando me formei ainda de menor, tinha 17 anos e não podia trabalhar com assistência técnica. Os outros colegas que fizeram o estágio comigo possuíam habilitação e podiam dirigir o Fusca da empresa, ficaram empregados, fazendo a parte de extensão rural junto a avicultura e suinocultura no interior de Marau, Casca, Paraí, aquela região. Eu, como era menor de idade não, tinha carteira de motorista, não podia ficar trabalhando, me formei e tive que estudar, fui cursar cursinho pré-vestibular para tentar entrar em Agronomia.*

Continuando sua narrativa, conta que surgiu à época uma oportunidade de trabalho no ramo bancário, chegando a gerente, ramo no qual permanece até os dias atuais.<sup>23</sup>

Ainda quanto ao tema do emprego, o ensino técnico profissional trouxe a Emanuel a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, oportunizando-lhe maior qualificação, vindo a prestar concurso público. Inicialmente retornou para a reserva indígena, porque o objetivo era “*voltar e fazer alguma coisa pela comunidade*”, e lá permaneceu por dois anos. Entretanto, como não foi contratado pela Funai, decidiu participar de concursos, primeiro na Corlac e posteriormente na EAFS, como vigilante.

Já Fortunato continua até hoje trabalhando na agricultura, em terras recebidas de herança. Ele trabalhou somente seis meses na cooperativa Cotrigo de Sertão, Floriano Peixoto e Estação, *com assistência, balança e classificação*. No entanto, como não foi cumprido o prometido e financeiramente não valia a pena, voltou a trabalhar somente em casa.

Anderson, por seu turno, relata que começou a trabalhar como técnico e em 1977 entrou no quadro do magistério estadual. Trabalhava com a disciplina de Técnicas Agrícolas e, depois, em 1994, realizou concurso na EAFS. Celestino narra que trabalhou no interior de Sertão, com os pais, por um ano, e após serviu o exército brasileiro. Engajou-se em um processo liderado pela igreja católica, ficando *profissionalizado pela igreja, ajudando a organizar grupos de jovens no meio rural para refletirem acerca da realidade vivida e da busca de alternativas de sobrevivência no campo*, o que faz ainda hoje. Trabalha, também, com a criação de abelhas da propriedade familiar. Depois partiu para o movimento sindical como assessor da CUT, no Rio Grande do Sul. Em 1994, fixou residência em Passo Fundo. Além do trabalho com a CUT, envolveu-se com organizações não governamentais, trabalhando por dois anos como coordenador do Centro de Tecnologia Alternativa Popular (Cetap). Durante o governo de Olívio Dutra,

---

<sup>23</sup> Nos dias atuais, ocorre uma inversão quanto ao seguimento ou não dos estudos. Os egressos estão buscando com maior frequência a formação continuada, indo à procura de curso superior de bacharelado ou tecnologias. A instituição oferece, de forma gratuita, esses cursos, não importando a idade e o tempo de formado, remetendo ao problema citado por Juvenciado, pois os alunos terminam hoje o ensino médio com 16 anos, sendo aceitos em qualquer universidade brasileira.

coordenou o processo de participação popular do governo, em atividade do orçamento participativo. Assumiu, em 2007, a secretaria de habitação do município de Passo Fundo e, após dois anos, chegou à vice-prefeitura.

### **3.3.4 Alcance das expectativas**

Ao serem questionados se, após o ingresso na escola, suas expectativas foram alcançadas, todos os entrevistados responderam positivamente, “alcançadas ou mais que alcançadas”, ou ainda “além das expectativas esperadas.” Justificando suas respostas, afirmaram que a escola permitiu que “fossem alguém na vida”, ou, ao menos, “proporcionou-lhes viagens técnicas a exposições agropecuárias”.

Em suas narrativas, os egressos também rememoram que suas famílias sofreram com suas saídas de casa, por se ausentarem pela primeira vez do convívio familiar, fato que é apontado como causa da maioria das desistências nos primeiros meses, referindo-se a internos desistentes. Na medida em que conseguiram superar essa barreira emocional, sentem-se orgulhosos por terem sido exaltados por suas comunidades, por estudarem em uma instituição com renome regional, desenvolvendo-se socialmente. Aqui cabe trazer Frago, quando afirma:

Enquanto tempo cultural, o tempo escolar é uma construção social historicamente mutante, um produto cultural que implica uma determinada vivência ou experiência temporal. Um tempo que é organizado e construído social e culturalmente como tempo específico, porque às vezes não é vivido só pelos professores e alunos, mas também pelas famílias e comunidade (1995, p. 72).

## **3.4 A cultura dos técnicos em agropecuária: mudanças na vida, brincadeiras e situação que marcou**

### **3.4.1 Mudanças na vida**

De um modo geral, os fragmentos de memória aqui registrados reforçam a ideia de que a instituição esteve orientada por princípios de educação técnica, baseada em disciplina rígida, exigindo dos alunos muito trabalho, mas também incentivando a integração e formação de um grande vínculo entre colegas. Cada escola possui uma forma muito particular de lidar com o conjunto de prescrições

normativas, derivadas de políticas mais amplas. Cada uma incorpora ou não essas exigências, também de formas muito diversas. Nessa perspectiva, “o significado do termo cultura tem se mostrado importante diante da necessidade de entendimento dos processos escolares” (SILVA, 2011, p. 1).

Conforme Altemir, diversas mudanças ocorreram na vida pessoal e profissional dos 29 colegas. Segundo ele, todos estão bem (sete conseguiram fazer curso superior), atribuindo-se à formação na escola o conhecimento necessário para seguir na vida.

Madalena diz:

*[...] estudar na escola proporcionou um maior desembaraço quanto à timidez, cultivei mais amizades. Na parte profissional trabalhei por pouco tempo na área, mas foi devido aos estudos que desenvolvi gosto pelas ciências exatas, ministrada por um professor, que devido suas exigências, cobrava fazendo os alunos responder [sic] aos seus ensinamentos. A escola ajuda muito para a vida.*

Um tema já respondido por ocasião dos questionários (1º e 2º) e agora narrado por Juvenciado e por Anderson é que a escola representou a oportunidade de *aprender a se virar sozinho*. Devido ao internato, desde cedo, os alunos começam a aprender a dar os primeiros passos sem depender dos pais. Os egressos dizem ter mudado em suas vidas pessoais e profissionais *a questão da responsabilidade, de cuidar mais de si próprios, com maior autonomia*. Anderson diz que a instituição influenciou em sua formação como pessoa, pois foi dentro dela e graças à vivência na casa estudantil que *aprendeu a dar os primeiros passos sozinho sem depender da mãe ou do pai*. Foi com base nos ensinamentos ali obtidos que conseguiu ingressar imediatamente no mercado de trabalho como técnico em agropecuária. Ainda, conforme ele, as principais marcas deixadas pela instituição estão relacionadas aos amigos cultivados durante os anos de escola, *o convívio faz com que [o aluno] desenvolva sentimentos verdadeiros, que se equiparam ao amor familiar*. O egresso relata que seguidamente sonha que está entre os colegas, jogando com as bolas feitas de meias, para se distraírem, pois *naquele tempo não possuíam televisão, videogame ou computador*. Ele faz questão de salientar a felicidade que sentia/sente por ter estudado no instituto, lembrando que com sete anos morando juntos eles formaram uma família.

Marcos, igualmente, relata que *cresceu como pessoa* durante o tempo de aluno na escola: *“ou tu aprende a ser alguém na vida ou não aprende nunca mais”*. *Na escola, forma-se uma família [...] hoje valorizo até as brigas que tive com os professores*. Levou da escola o ensinamento do respeito. Segundo ele, por ter sido desrespeitado, hoje procura respeitar as pessoas, aprendendo primeiro a ouvir. Antigamente, primeiro falava, depois ouvia. Atualmente, é vereador e trabalha em empresa recebendo bom salário, sendo muito valorizado.

Nessa mesma perspectiva, Celestino narra que, após o ingresso no colégio, muita coisa mudou na sua vida. Fez questão de ressaltar a diferença cultural entre as famílias dos alunos, o que parece não ter sido um grande problema. Outro ponto de destaque diz respeito às regras duras que necessitavam ser seguidas. Foi *um marco definidor estudar nesta escola, pelo preparo técnico ali aprendido e pela abertura de olhos para ver que o mundo vai além do que enxergamos*. Devido a isso, resolveu seguir a militância política, ocupando espaços públicos por meio do voto. Diz, ainda, que *“ter estudado na escola fez diferença na qualidade de vida pessoal e profissional”*. Finaliza afirmando que tem orgulho de ter estudado nessa instituição que muito contribuiu para o rumo que seguiu em sua vida. É marcante o fato de que os egressos são vistos como líderes em suas comunidades <sup>24</sup>.

Anderson, por fim, expôs que percebeu grandes mudanças em sua vida desde o ingresso na escola. Quando ele voltava para sua casa, em sua comunidade, desde o tempo de ginásio, era visto como uma referência; é possível que, desde aquela época, já o vissem como um grande líder. Conforme seu depoimento, as pessoas olhavam de modo completamente diferente para ele, porque estava estudando no colégio agrícola: *“era um status, porque no interior era um que outro que saía para estudar”*.

### **3.4.2 Brincadeiras**

No que diz respeito ao assunto “brincadeiras,” os entrevistados relatam que, segundo suas reminiscências, a escola possuía a cultura de ser um lugar de muita diversão. Havia os que tocavam violão, os que contavam piadas, os que gostavam

---

<sup>24</sup> Ainda hoje, como docente na instituição eu percebo a maneira como nosso ex-aluno é tratado em suas comunidades, são alunos referência para assuntos relacionados a agropecuária.

de esportes. Já as moças que estudavam na escola na década de 80 não eram bem vistas na sociedade, segundo Madalena, *por estudarem em um local de homens*. Os colegas cuidavam, protegiam e respeitavam as meninas, não faziam com elas as brincadeiras corriqueiras entre os rapazes.

Como já citado, era recorrente, no ingresso à escola, o trote com colocação de uma placa pendurada no pescoço do "bixo" por 45 dias, atribuindo-lhe um apelido, com o qual seguiria até o final do curso. Os responsáveis por esse ritual eram os alunos do terceiro ano. As meninas eram poupadas dos trotes, em geral, mas as plaquinhas elas tinham que usar. Nos alojamentos, os meninos faziam guerras de travesseiros ou de toalhas, atiravam água uns nos outros, realizavam brincadeiras infantis de caubóis. Quando não havia opção, corriam pelos alojamentos uns atrás dos outros. Faziam os novatos procurarem petróleo, girando ao redor de um cabo de vassoura, até tontear. Tiravam a tábua da cama, colocavam balde com água em cima da porta, formiga, sapo ou pó do pé de ipê no colchão, que coça muito, desligavam as chaves de luz durante o banho no inverno. Relembrem, também, que atiravam água fria, furavam a parede com furadeira para jogar água no apartamento vizinho, embalavam os beliches para jogá-los contra a parede. Porém, era obrigatório reembolsar à escola todos os estragos no final do curso. Faziam os novatos medirem o quarto com palito de fósforo, velar um besouro a noite toda, rezando de hora em hora, davam nós nas cobertas e roupas, entre outras brincadeiras.

Cabe aqui mencionar pesquisa de Conceição (2010) onde há referência sobre a admissão do indivíduo à "cultura do internato," obrigando-o a dispor-se, mesmo que coercitivamente, das brincadeiras propostas, da mesma forma como devem conformar-se com as atividades intensivas de estudo e trabalho e com as regras do internato. Eles absorviam a cultura incutida na vida cotidiana, o que, em certa medida, integra o processo de socialização dos internos, segundo eles, ajudando em suas carreiras profissionais.

Por ocasião dos trotes, *os brabinhos sofriam se fossem resistentes*. Outras brincadeiras emergiram nas memórias: faziam os colegas levarem coisas de um lado para o outro dentro da escola, mandavam procurar pessoas que não existiam para pedir informações, pegavam ovos no aviário (como já foi referido) para fazer

gemada. Às vezes, pegavam os ovos e escondiam nas cuecas, ou onde desse, pois quem não pegasse ficava mal na foto. Conforme Thomson,

[...] existe uma relação dialética entre nossas lembranças e nossa identidade. Construimos nossa identidade em relação à história de outras pessoas a nosso respeito e nossas próprias histórias a nosso respeito, histórias a respeito de nosso passado e nosso presente [...] (1997, p. 80).

As recordações aqui trazidas pelos egressos ajudam (sem que eles saibam) a construir suas identidades. Ao referirem que burlavam regras (na hora de furtar ovos, por exemplo), expressam certo poder em ludibriar leis, dando a entender que, com isso, tornavam-se (tornam-se ainda hoje?) mais conhecidos e admirados entre os colegas.

Fortunato relatou que, em uma ocasião, os alunos ficaram vendo TV até a uma hora da manhã. Enquanto isso, um grupo dormia, porque teria que sair cedo no outro dia. Quando os que estavam vendo filme chegaram e acenderam as luzes, os outros se levantaram, pensando estar em sua hora de saída, se arrumaram, tomaram banho e seguiram a estrada. Os que ficaram riam dos colegas, que voltaram furiosos.

Houve, também, a situação envolvendo um técnico administrativo que cuidava dos horários dos alojamentos. Ele tinha o apelido informal de *Umbrela* (apelido, aliás, do qual não gostava). Quando entrava nos alojamentos, os alunos esperavam ele se afastar e gritavam *Umbrela*; ele vinha correndo. Certo dia, ele fez que saiu do quarto; um colega não percebeu e gritou *Umbrela*. Ele focou a lanterna e percebeu tratar-se de um aluno que era bem seu amigo, ficando muito brabo. O aluno precisou explicar que era somente uma brincadeira. Fortunato lembra que, em outra ocasião, o Departamento Autônomo Estadual de Estradas e Rodagens (Daer) deixou as máquinas no pátio da escola; no final de semana, os alunos as usaram para passear.

Essas, enfim, são as brincadeiras que fazem parte dos tempos de juventude. Entretanto, no caso dos internatos, parecem constituir elemento significativo de uma cultura que se vai edificando ao longo dos tempos.

### 3.4.3 Situação que marcou

O conjunto de narrativas sobre os anos de estada na instituição evidencia várias situações marcantes na vida dos egressos, lembranças que jamais saíram de suas memórias.

Questionado sobre isso, Altemir relembra: certo dia, os alunos esconderam o caderno de um professor que ditava a matéria, e por isso a aula foi suspensa. Outra vez, eles pegaram a matriz do mimeógrafo com a prova de biologia, que costumava ser muito difícil; a maioria estaria em exame, mas foram descobertos, “*deu o maior rolo*”. Ele conta, também, que no meio do mato havia sete ou oito ranchos com fogões para fazerem risoto, servindo como local de encontro dos alunos; em grupos de sete ou oito, os alunos fugiam, pegavam galinhas da casa de uma técnica administrativa que morava nas dependências da escola e faziam gostosos encontros gastronômicos.

A seguir, tem-se o relato de Madalena:

*[...] uma vivência que me marcou, que me deixou muito chateada, porque foi com um colega: nós entramos na sala de aula, ele estava bem lá atrás e o professor não estava na sala de aula, e ele simplesmente tirou a roupa, baixou as calças e largou o pênis dele em cima da mesa. Esse colega, eu consegui provar junto com os outros demais colegas, foi expulso da escola. Ele era bem sem noção. Isso foi em 1983, a gente foi na supervisão, tinha supervisão e orientação, eles nos encaminharam para o coordenador do “livro negro”. Ele nem se defendeu, pois não gostava de estar ali, era seus pais que queriam que ele estudasse na escola.*

Outra lembrança marcante refere-se a um dia em que estavam fazendo ração: um colega do interior de Sertão colocava o milho na máquina, quando sua mão entrou na moega. De acordo com Madalena, até hoje a cena não sai de sua memória<sup>25</sup>.

Juvenciado conta que na sua memória permanece uma viagem de estudos a Brasília, com o CTG, com o ônibus do colégio, passando por escolas federais de Santa Catarina e Minas Gerais. Outra atividade marcante diz respeito à participação em uma feira em Casca, com exposição dos leitões da escola. Dessa experiência ainda guarda uma recordação concreta, a única foto do colégio de Sertão que

---

<sup>25</sup> Esse colega superou a perda da mão e tem hoje uma empresa de assessoria.

possui, com alguns colegas e professores. Ao rememorar, também reclama que procurou fotos do último encontro e não encontrou, dizendo sentir necessidade de adquiri-las. Confessa, em sua fala, que não se lembra do nome dos colegas, pois esse *é um passado que vai sumindo*.

Tarrane narra que a situação que mais a marcou durante sua passagem pela escola foi uma viagem de 21 dias com o CTG, visitando as escolas da rede federal. Tal viagem, patrocinada pela Coagri, auxiliou na valorização da EAFS, pois correspondeu a uma oportunidade de estabelecer comparações com as outras escolas da rede.

Emanuel, ao ser questionado sobre situações que o marcaram durante a passagem pela escola, fez uma pausa seguida de um choro compulsivo. Passado esse momento inicial, assim expôs:

*“São tantas emoções”, como dizia Roberto Carlos... Desculpa, mas todo o processo que eu vivi e vivo até hoje é tentar mostrar o outro lado da questão indígena... [pausa... soluços...], que nós também temos condições quando for dada oportunidade, e não esquecendo que é um povo que sofreu há mais de 500 anos e que gradativamente estamos conseguindo nosso espaço a [sic] nível de escolas e instituições públicas estaduais, federais e municipais, mas a dificuldade sempre existiu, existiu muita discriminação por todos os gêneros e graus, como vocês têm conhecimento, isso machucou muito, o preconceito marca.*

Da mesma maneira que Thomson (1997) expõe, ao relatar as entrevistas feitas com os soldados australianos da Grande Guerra, percebeu-se que as perguntas que fazem lembrar desigualdade, medo ou humilhação podem trazer à tona lembranças traumáticas e dolorosas. Durante a entrevista com Emanuel, foi preciso interromper várias vezes a sequência de perguntas. O entrevistado pedia para fazer isso porque estava sendo muito penoso, especialmente quando do questionamento sobre discriminações sofridas, por ser oriundo de outra cultura, e quando da abordagem sobre a questão da política indígena, subtendida em suas palavras. Segundo Emanuel, se aos indígenas fossem dadas oportunidades para tal, poderiam ter as mesmas vantagens e igualdades que os brancos. Por essa causa ele vem batalhando ao longo de vários anos dentro da instituição, contemplada, em 2012, com o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), graças ao qual pôde inserir estudantes de Cacique Doble na instituição.

Marcos, por sua vez, conta que o que o marcou foi a perda de um colega que foi fazer estágio no Paraguai e acabou morrendo em um acidente. Outro fato que marcou bastante é assim narrado pelo egresso: *“um colega que se formou depois de nós que parou um ano os estudos para servir o quartel, para juntar dinheiro e poder se formar”*.<sup>26</sup>

Ainda a respeito de fatos que marcaram, Fortunato lembra que um professor pediu para desmanchar os caixilhos, para fazer o concreto do cordão da pista de corrida. O aluno “pegou o pé de cabra e desmanchou tudo”, empilhando as tábuas. Quando o professor chegou e estava tudo desmanchado, ficou furioso, pois era somente para trocar as caixas de lugar, deixando-as inteiras para continuarem o serviço. Outra situação marcante, triste e trágica refere-se a um colega que se enforcou no setor de bovinocultura, o que também é relatado por Celestino.

E é Celestino quem lembra de um professor que possuía “papelotes”, os quais eram lidos para os alunos durante as aulas. Certo dia, o vento bateu e as suas anotações voaram, levando-o a suspender as atividades. Outro episódio ocorreu durante uma aula de bovinocultura, época em que estavam surgindo pomadas para mamite<sup>27</sup>: o professor deu a um colega uma bisnaga e pediu que passasse no quarto da vaca. Ele foi e voltou logo, dizendo que não havia passado em todo o quarto, pois a pomada havia acabado. O aluno havia passado o produto, literalmente, no quarto do animal, e não no quarto mamário.

Com o passar dos anos, mudanças culturais foram se tornando bem evidentes, como, por exemplo, a questão das aulas práticas que ocorriam em turnos inversos, possibilitando que os próprios alunos “tocassem” a escola com seus trabalhos. Hoje, já não mais ocorre um turno inteiro de aula, pois os alunos não realizam as atividades como antigamente, da mesma forma que não mais existem os plantões de férias.

Outra questão é a dos uniformes: na década de 80, sua utilização era exigida de modo sistemático, diferentemente dos dias atuais, tendo em vista que apenas

---

<sup>26</sup> Em uma noite de inverno ele não tinha roupa. O egresso reuniu todas as turmas do segundo e terceiro anos, pedindo um real de cada, e foi a Passo Fundo com a caminhonete da escola para comprar roupas de inverno para o colega. Hoje, esse colega está nos EUA, onde vive há cinco anos, e não se esquece do que Marcos e os demais fizeram por ele.

<sup>27</sup> Mamite é a inflamação da glândula mamária dos bovinos.

cada turma de terceiro ano por conta própria faz seu agasalho, com a denominação no casaco: formando 2013, por exemplo.<sup>28</sup>

A escola é um ambiente que tem se tornado objeto de estudo cada vez mais frequente nos últimos anos, sob os mais variados prismas. Esta pesquisa buscou a face da cultura escolar a partir da memória. Cada instituição possui sua cultura, isto é, um *ethos* que vai se instituindo entre os humanos socialmente organizados. Para tal, também contribuem tempo, espaço e natureza, interferindo em todos os aspectos da vida individual e social.

### 3.5 Já existia *bullying* nas décadas de 1970 e 1980?

A expressão *bullying*, que nas décadas de 1970, 1980 e início de 2000 não era conhecida, corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. Por uma desigualdade subjetiva de poder, por trás dessas ações, sempre há um *bully* que domina a maioria dos alunos de uma turma e “proíbe” qualquer atitude solidária em relação ao agredido. No caso dos egressos, tal prática deu-se por meio de perseguições, chacotas (fazendo rimas com os nomes, por exemplo), discriminação a uma cultura diferenciada (caso do Emanuel) e piadinhas repetitivas, causando desconfortos não esquecidos ao longo do tempo, uma marca na memória individual de cada um.

Mesmo salientando positivamente as amizades construídas, Emanuel, Juvenciado e Marcos relatam que sofreram *bullying*. Juvenciado sentiu-se vítima de certa “perseguição”. Acredita que isso tenha ocorrido porque, no momento de ingresso, mantinha amizade com um professor que o ajudou a vir até a escola, orientando-o na realização do exame de seleção, e também porque, após o

---

<sup>28</sup> Atualmente, no ingresso existe um *kit* com agasalho, tesoura de poda, camiseta, jaleco para aulas práticas e botas de borracha, além de lençol e colcha para as camas dos apartamentos. Tudo é subsidiado pela cooperativa da escola. Já não se obriga, porém, os alunos a andarem de uniformes nas dependências da instituição, como nas décadas mais pretéritas. Uma cultura que se perpetua até os dias de hoje, no entanto, é a de pegarem os ovos para as tradicionais gemadas, as fugidas para a Vila do Englert para os jogos de sinuca e namoriscos pelos barrancos ao redor da escola. As festas e as brincadeiras dentro dos alojamentos, igualmente, continuam. Agora também existe o alojamento feminino (mais organizado que o dos meninos), onde ocorrem brincadeiras entre as alunas. Todos têm seus apelidos e seus padrinhos.

ingresso, foi par da filha do diretor da escola nas danças do CTG. Durante a entrevista, manifestou o desconforto que sentiu, lembrando o sofrimento desde os tempos de ensino fundamental:

*Quando entrei sofri bullying, somente na entrada, nos primeiros dias, depois eu me ambientei, entrosei e passou, foi tranquilo. Pegam no pé, eu já antes de ir para o colégio isso me incomodou pelo meu nome, Juvenciado, que rima com Ado, Juvenciado Cagado, abostado, tudo que rimava com ado. Até oriento minha filha para não entrar nisso, pois quando tu é criança tu te incomoda.*

Outra questão abordada por Juvenciado foi a dos furtos, que, segundo ele, eram bem frequentes dentro dos alojamentos: era fato corriqueiro pegar alimentos dos armários, sabonete, *shampoo*, pasta de dente. Havia uma cultura indicando que o cadeado deveria ficar no meio do armário, assim como os objetos, porque, se colocados na parte de cima ou na de baixo, tornava-se fácil abrir uma fresta e colocar a mão.

Emanuel, conhecido ainda hoje por todos na escola como “Índio”, seu apelido do tempo de aluno, refere-se a *bullying* não da mesma maneira que Juvenciado, mas citando as diferenças culturais. Muitas vezes, era motivo de chacota entre os colegas, que brincavam dizendo que ele só tomava banho no açude, devido a sua cultura. De fato, ele admite na entrevista: “*só vim a conhecer chuveiro elétrico quando vim para a escola*”. Emanuel faz questão de salientar que as diferenças culturais e os problemas com alguns colegas evidenciaram-se somente nos primeiros meses de ingresso na instituição e que, logo após, todos os conflitos foram resolvidos e todos viraram seus grandes amigos.

As lembranças de Emanuel foram tomadas pela emoção, quando falou dos dias iniciais dentro da escola, tempo em que se sentiu excluído ou “*diferente do branco*.” Como ele diz, essa era uma lembrança que estava em seu inconsciente e que veio à tona no desenrolar da entrevista. Cabe aqui ressaltar suas palavras:

*A princípio, de início, foi tudo diferente, porque vinha de uma reserva indígena, não tinha contato suficientemente para que pudesse acompanhar o ritmo dos brancos. Mas mesmo assim com as dificuldades persisti e obtive um aprendizado para viver e educar os filhos, para saberem se comportar perante a sociedade e de como ser um líder perante a comunidade.*

Emanuel reforça que os colegas faziam piada, dizendo que ele iria tomar banho no açude da escola, por ser oriundo de um lugar onde não havia chuveiro. Sobre essas recordações, faz questão de salientar:

*O chuveiro vim a conhecer aqui. [Antes] Para tomar banho e ir estudar, era no Rio Grande, que passa por lá, era frio, inverno, era o que tinha. Aqui aprendi o conforto, isso de repente também me ajudou, me motivou para eu tocar para frente, porque eu vim da ralé, lá de baixo, sofria, e vim aqui ter um conforto como eu tive.*

Como se vê, mesmo tendo sofrido com algum tipo de “deboche”, sua memória acusa uma realidade diferente da percebida pelos outros egressos entrevistados, já que para ele a vivência na escola significou melhoria de vida. Depois de formado voltou para sua terra, mas, devido à falta de recursos financeiros, não pôde lá continuar trabalhando. Fez concurso público até chegar ao cargo em que se encontra atualmente, como vigilante no instituto. Relata, com orgulho, que toda sua trajetória profissional e educacional deve-se à ajuda da instituição, seja financeiramente, seja pela flexibilização de horários para estudos.

Essa questão do *bullying*, apontada por Juvenciado e por Emanuel, também é lembrada por Marcos. Segundo Silva (2010, p. 14), a falta de conhecimento sobre a existência, o funcionamento e as consequências do *bullying* propiciam o aumento desordenado no número e na gravidade de novos casos, expondo os envolvidos a situações trágicas, isoladas ou coletivas, que poderiam ser evitadas.

Marcos relata que sofreu perseguições no colégio por ser mais velho e “*um líder entre seus colegas*”. Conforme narra, havia problemas políticos, brigas por poder interno, nas quais ele se posicionava e conseguia levar grande quantidade de colegas em favor de sua liderança. Afirma que havia professores que o perseguiram, chegando até mesmo a reprová-lo, em razão de rixas políticas, e outros que o ameaçavam. Segundo ele, se entrevistados, 90% dos alunos diriam que o que marcou foram “*as brincadeiras de um docente, fazendo piadas em cima dos sobrenomes dos alunos, além de não dar aulas, não fazer provas, hoje daria processo*”. Considera-se prejudicado, inclusive, por ter feito parte da cooperativa. Ficou gravado em sua memória que alguns professores o perseguiram, reprovando-o no terceiro ano, por ter apoiado um candidato a diretor que ganhou a eleição. Em parte, essa interpretação permanece até hoje.

No conjunto de sua narrativa, mesmo após os relatos de situações dolorosas e marcantes dentro da escola, ao lembrar-se de seu tempo de aluno, afirma:

*Vamos dizer assim, resumindo, os três melhores anos da minha vida foi dentro da EAFS. Lá teve as coisas boas, teve as coisas ruins, normal. Acho que toda a escola é assim, mas, enfim, hoje se fosse para eu voltar na EAFS... dez anos, eu ficaria lá dentro.*

Embora os egressos rememorem com romantismo seu tempo de internato, percebe-se, em suas reminiscências, os dilemas e desafios da vida coletiva, entre adolescentes e jovens com hábitos, culturas e valores diferentes. Jovens distantes de suas famílias, convivendo meses e meses com pessoas inicialmente desconhecidas, compartilhando quartos, refeições e todo cotidiano de um internato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais (NORA, 1993, p. 13).*

Ao chegar a esta etapa do trabalho, impossível considerá-lo pronto e acabado. Fica sempre a sensação de querer mais, o desejo de prosseguir pesquisando e reunindo depoimentos. Há muito ainda a ser realizado. No entanto, com alegria, posso afirmar que ajudei a “criar arquivos”. Sim, arquivos documentando uma parte da história do Instituto Federal Câmpus Sertão, com base em memórias evocadas por um grupo de ex-alunos. Eles, em suas narrativas, descreveram significativos aspectos da cultura escolar ali vivida ao longo dos anos de internato.

Nesta pesquisa, à luz dos referenciais da História Cultural, a cultura é entendida como um conjunto de significados partilhados e construídos pelas pessoas para explicar e produzir sentido sobre o mundo (PESAVENTO, 2008, p. 15). Assim, o conjunto de depoimentos aqui reunidos foi interpretado como possibilidade de decifrar o passado de uma cultura escolar, a partir das representações do presente. Encarei, pois, os sujeitos, em seus tempos de alunos – “sonhos, comida, viagem, memória, gesto, humor, exames e assim por diante” (BURKE, 2008, p. 46) – e também hoje, através de sua linguagem e seu modo de ser, como sujeitos produtores e receptores de cultura.

Conforme pode ser constatado ao longo deste texto, a cultura escolar envolveu as mais diferentes manifestações de práticas instauradas no interior da escola, transitando de alunos a professores, de normas a costumes, de prescrições a desobediências, de elogios a delitos. Ou, como diria Frago (1995), a cultura escolar envolvendo ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modo de pensar e de fazer. Tal pode ser observado no comportamento e nas tradições cotidianas cultuadas pelos egressos ao longo dos anos, desde a tradição dos apelidos, a eles atribuídos nos primeiros dias de ingresso na escola, até a permanência de determinadas atitudes e valores ainda hoje reverenciados. Tudo, de algum modo, ajudou a perpetuar determinada cultura escolar, durante estes 56 anos de existência, das aulas práticas às celebrações religiosas realizadas por um padre da

Igreja Católica, somadas às gincanas esportivas e aulas realizadas em turno integral. O conjunto de depoimentos revelou marcas típicas dessa instituição escolar.

Entretanto, com Bosi (2004, p. 39), passei a encarar a memória como um cabedal infinito, do qual só se registram fragmentos. Com esta eminente pesquisadora, muitas vezes, ao longo dos depoimentos, as mais vivas recordações afloraram depois da entrevista encerrada, “na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão”. Muitas passagens não foram aqui registradas, mas nem por isso deixaram de originar algumas considerações.

Quanto ao tempo presente, chamou-me atenção a diversidade de atuação dos sujeitos como profissionais: há os que continuaram trabalhando nas propriedades rurais de suas famílias, os que estão trabalhando como técnicos em agropecuária, os que resolveram cursar ensino superior em área afim à sua formação, os que migraram para outra área que não a relacionada à agropecuária, os que são técnicos administrativos no Instituto e, também, o egresso que se tornou docente na instituição. Há, ainda, aqueles que se tornaram líderes na comunidade em que vivem, ou engajados na política ou mesmo na presidência de cooperativas.

Logo após analisar as respostas aos questionários, bem como durante as entrevistas, pude constatar o que outros pesquisadores já haviam apontado: ex-alunos, em geral, demonstram grande apreço e consideração pela instituição de ensino em que estiveram por anos. Acontecimentos relacionados a práticas cotidianas, difíceis de enfrentar no passado, hoje são percebidos como experiências que ajudaram no amadurecimento, sendo resumidos na afirmativa: *aprendi a me virar*. Outro aspecto recorrente nas memórias diz respeito aos trabalhos braçais desenvolvidos por eles, ou as *patiações*. Hoje, com unanimidade, isso tudo é encarado como importante para a própria formação, como pessoa e como profissional. Mesmo a comida, rememorada por alguns como de difícil aceitação na época, agora chega a ser lembrada com saudade. Os trotes são inesquecíveis, seja lembrando de quando tiveram que se sujeitar a eles, seja recordando o seu momento de poder e/ou vingança frente aos recém-chegados à instituição. Também é relembrado com veemência o modo ilícito de obter vantagem dentro dos

dormitórios, provocando constrangimentos e levando a processos disciplinares para detecção dos envolvidos.

Apesar disso, acontecimentos dramáticos (como foi o episódio de suicídio) agora são lembrados de forma branda, confirmando o que outros pesquisadores também constataram: há um abrandamento dos fatos quando eles são transformados em narrativas. As únicas marcas que permanecem com sentimento negativo, ainda no momento da entrevista, são aquelas que hoje podem ser identificadas como *bullying*. Conforme referido no capítulo anterior, entre os nove sujeitos ouvidos, três lembraram momentos envolvendo chacotas, piadinhas, perseguições, por parte tanto de colegas como de um ou outro professor.

A partir do conjunto de depoimentos, também se pode depreender que processos pedagógicos ou de gestão e tomada de decisões no interior da escola estão subentendidos ao longo das narrativas. Muito dos fatos lembrados evidenciam, indiretamente, a maneira como a escola se estrutura e organiza, reforçando ou não alguns mecanismos causadores de dominação ou de conformismos. Tais mecanismos, nem sempre decorrentes de legislação ou de diretrizes políticas advindas do poder público, ajudam a edificar a cultura escolar. Outra consideração significativa está diretamente relacionada ao que se aprende com Halbwachs sobre a memória coletiva: observou-se que os fatos de que mais facilmente os egressos lembraram são aqueles do terreno comum. Lembranças que existem para “todo o mundo”, confirmando que “é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las” a qualquer momento e quando o desejamos (2006, p. 66).

Merece destaque outra observação depreendida a partir deste estudo: algumas das características dessa cultura perpetuam-se, permanecendo ainda hoje no cotidiano pessoal e profissional dos egressos, como, por exemplo, a característica de liderança ou a capacidade de tomar decisões diante de situações não previstas. Foi igualmente preservada, segundo as narrativas, a capacidade de organização e disciplina. De um modo geral, afirmam que o tempo que por lá estiveram foi de extrema importância para suas vidas tanto pessoal como profissional. Em outras palavras, embora lembrem momentos difíceis, as narrativas estão preñes de saudosismo. Entremeadas de sentimento nostálgico, as

falas dos egressos expõem, com certa convicção, que a escola deixou marcas importantes em suas vidas.

Esses ex-alunos dispuseram-se a compartilhar a riqueza de detalhes sobre seus modos de ser e agir enquanto discentes, trazendo à tona lembranças boas e más; em parte, uma memória não objetiva de seu passado, a qual se pode olhar “como se olha um álbum”, para usar uma expressão de Larrosa (2004). Ou seja, são informações que implicam interpretação e construção tanto de quem rememora quanto de quem analisa tais reminiscências.

Transcrevo, a seguir, o que um ex-aluno postou em uma rede social. Guilherme Hansen não está entre meus entrevistados, mas em suas palavras transparece a cultura da amizade edificada dentro da instituição e que perdura pela eternidade. Por ocasião da perda de Mateus Guadanin, um de seus colegas formandos de 2009, em decorrência de um acidente de moto, em fevereiro de 2013, ele lembra o que dizia a camiseta da turma daquele ano: *Nunca viva para que sua presença seja notada, mas para que sua falta seja sentida*:

*Quando um agricolino "se vai", não é apenas uma pessoa comum partindo... É um alguém que aprendeu o valor de uma amizade. Quando um agricolino se vai, não vai sozinho... Ele leva com ele um pedacinho de cada uma das mais de 460 pessoas que o viram sorrindo. Quando um agricolino se vai, leva junto com ele um pouquinho da alma de seus amigos. Quando um agricolino se vai, DEUS o espera de braços abertos, sorrindo, pois ele sabe que esse Anjo que ele está recebendo teve sentimentos verdadeiros, abraços sinceros, amizades valiosas, momentos de felicidades sinceras. Quando um agricolino se vai, leva junto uma história, ou melhor, um pouco da história de cada um que ficou. Agricolino tem coração, de verdade, e sabe usá-lo, entendendo que não é útil apenas para bombear sangue, mas sim pra CULTIVAR Emoções. Cada vez que você ouvir falar que um agricolino se foi, pare! Feche os olhos! Por um minuto se cale, sabendo que o mundo perdeu Um Alguém Verdadeiro, mesmo! E que aqui ficou um espaço vazio, que nunca mais outra pessoa vai ocupar. Pra finalizar, alguém morre quando "deixa de existir", e não tem mais influência nesse mundo, na vida das pessoas. Pensando por esse lado, é mais que justo e correto dizer que... Agricolino NÃO MORRE! Agricolino EVOLUI!*

Antes de encerrar, considero indispensável dizer que, ao me assumir como pesquisadora, sendo também docente na instituição, certamente, não consegui exercer a atitude de *estranhamento do que é familiar*, como costumam sugerir os antropólogos. Em decorrência, as tentativas de análise e interpretação estão, aqui e ali, permeadas de certa subjetividade, o que se reflete, inclusive, na variação da pessoa do discurso empregada no texto – ora a primeira, ora a terceira do singular.

Diversas situações narradas pelos sujeitos eu mesma as vivi, e com algumas ainda me deparo, hoje, em meu cotidiano docente. O intuito deste estudo, entretanto, não se perdeu – trazer possíveis contribuições para ajudar na escrita da história do IFRS Câmpus Sertão, tendo como questão norteadora: *como os egressos rememoram o tempo vivido na EAFS/IFRS Câmpus Sertão? Que marcas da cultura escolar estão presentes em suas memórias?*

O conjunto de dados coletados em questionário e narrativas gravadas permitiu reunir fragmentos de uma história nunca escrita até então, que ajudam a compreender não só a cultura escolar edificada ao longo dos anos como também parte da cultura dos técnicos em agropecuária, seus saberes, suas práticas, seus valores e comportamentos que estruturam suas relações com o mundo sociopolítico e profissional. Assim, esta pesquisa – agora estruturada em forma de documento – passa a integrar parte do patrimônio do hoje Instituto Federal Câmpus Sertão; não com a ilusão de escrever “a” história da instituição, pois, como Nora, pressupõe-se que memória e História não são sinônimos. Memória é muito mais a vida refeita, ao passo que “a História é a construção sempre problemática e incompleta do que já não existe” (1993, p. 9).

Eis, pois, este documento que torna público o que até então se encontrava submerso nas memórias dos que por lá passaram.

## POSFÁCIO

### **De agora em diante: registrar, documentar, preservar...**

De agora em diante, passarei a registrar histórias que até este momento eram apenas por mim observadas. Histórias nunca antes narradas para fins de preservação. E a melhor notícia: já há um projeto de Memorial da Escola, um grupo responsável para compor a comissão relativa ao Centro de Memória do Câmpus Sertão, com a Portaria nº 133, de 03 de abril de 2013, na qual estou inserida.

### **1. Registro do XI Encontro: 18 de maio de 2013**

De minha participação no encontro de ex-alunos do ano de 2003, partiu a inspiração para a realização desta pesquisa. Passados dez anos, no dia 18 de maio de 2013, aconteceu o XI Encontro de Ex-Alunos e Ex-Servidores do Câmpus. Esse evento reuniu mais de 600 participantes, desde – agora – os recém-formados no curso superior de Tecnologia em Agronegócio até os formados na escola agrícola, no ginásio agrícola, na EAFS e no IFRS Câmpus Sertão.

Novamente, histórias foram contadas, lembranças vieram à tona em meio a abraços, risos e emoções. Outra oportunidade de recordar uma época que marcou a vida toda. Ouviram-se, também, histórias de professores e servidores aposentados, inclusive os que o foram de forma compulsória, todos demonstrando a forte ligação com a instituição. Compareceu, inclusive, uma ex-aluna que, devido ao aprendizado com atividades extraclasse, como o teatro, hoje faz parte de um renomado grupo teatral regional. Segundo ela, não fosse o tempo de EAFS, não saberia o que era o teatro e não seria tão feliz. Vários egressos estavam acompanhados de suas famílias para mostrar aos seus filhos os quadros de formatura expostos nos corredores da instituição. Outro fato que chamou atenção foi que muitos alunos haviam guardado seus agasalhos (uniformes) de tempo de escola, vestindo-os para participar do evento.

Para esse encontro, a turma de 1982 organizou-se através das redes sociais, reunindo mais de 60 integrantes residentes em 17 estados e até em países vizinhos, como Paraguai. Estes comemoraram seus 30 anos de formatura, contando suas histórias. Outra turma comemorou 25 anos, organizando-se e confeccionando faixas

e bonés com a logomarca EAFS, também homenageando seus professores e a paraninfa escolhida pela turma de 1988. Muitos ex-alunos trouxeram suas placas de “bixos,” uma tradição da instituição no passado, quando a turma de veteranos os apelidava e colocava uma placa de papelão em seus pescoços para permanecer por alguns dias. De acordo com o atual Pró-Reitor de Extensão do IF Alagoas, Altenir João Secco, presente no evento, ex-aluno da turma de 1982, a educação e a formação profissional recebidas na instituição foram decisivas para ele e outros colegas. Segundo ele, *“aqui aprendemos a ter respeito pelos demais e formamos uma família”*.

Todos foram recepcionados com um saboroso café colonial no refeitório da escola, para matarem a saudade do local. Logo após, realizaram o credenciamento, seguindo para o auditório, que ficou com sua capacidade máxima preenchida, para ouvirem as palavras do Diretor Geral da instituição, Lenir A. Hannecker, que falou da ampliação do Câmpus e das transformações dos últimos anos. Alguns participantes deram seus depoimentos e, em seguida, todos assistiram a uma apresentação do CGT Tropeiros da Cultura, no ginásio de esportes do Câmpus, onde também foi declamado um poema de autoria de um ex-aluno, falando da trajetória de seu tempo de escola. A seguir, fizeram visitas aos setores do instituto, para rever os locais, dirigindo-se para o almoço no Balneário Verdes Mares, outro local muito frequentado pelos alunos no tempo de escola no verão, especialmente nos finais de tarde. Esse balneário possui área de *camping* com churrasqueiras, quiosques e piscinas naturais com toboáguas.

A finalidade desse encontro, que ocorre a cada dois anos, é a integração e a interação das experiências profissionais dos egressos nas diferentes áreas de atuação, buscando resgatar o espírito da valorização do passado e reunir histórias dos ex-alunos e ex-servidores que passaram pelo Câmpus. Muitas das histórias contadas pelos entrevistados nesta pesquisa repetiram-se nas cenas observadas no saguão durante o credenciamento, revelando, por exemplo, que entre os colegas o primeiro gesto era dizer os apelidos uns dos outros, e só então vinham os abraços e outras recordações, das brincadeiras, colas, dificuldades nos alojamentos.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. et al. **História e histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2004.

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Unesp, n. 14, p. 125-136, 1995.

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023**: informação e documentação: referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: Informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BENITO, A. E. **La cultura material de la escuela**. Soria Berlanga de Duero: Centro Internacional de la Cultura Escolar, 2007.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOTH, A. Memória, educação e velhice. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Usos de memórias**. Passo Fundo: UPF Editora, 2002. p. 81-103.

BRANDÃO, C. R. **Em campo aberto**: escritos sobre a educação e a cultura popular. São Paulo: Cortez, 1995.

BRASIL. **Decreto Lei 7.566, de 22 de setembro de 1909**. Cria nas capitães dos Estados da Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1909. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto\\_7566\\_1909.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Lei 3.215, de 19 de julho de 1957**. Cria a Escola Agrícola de Passo Fundo e a Escola de Iniciação Agrícola de Frederico Westphalen, no Estado do Rio Grande do Sul, e dá outras providências. Rio de Janeiro, 19 de julho de 1957. Disponível

em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-3215-19-julho-1957-354839-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <[http://www.plMadalenalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4024.htm](http://www.plMadalenalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm)>. Acesso em: 29 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Decreto 53.558, de 13 de fevereiro de 1964**. Altera denominação de escolas de iniciação agrícola, agrícolas e agrotécnicas. Brasília, DF, 13 de fevereiro de 1964. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/116270/decreto-53558-64>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Decreto 60.731, de 19 de maio de 1967**. Transfere para o Ministério da Educação e Cultura os órgãos de ensino do Ministério da Agricultura e dá outras providências. Brasília, DF, 19 de maio de 1967. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1950-1969/D60731.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D60731.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Decreto 62.178, de 25 de janeiro de 1968**. Provê sobre a transferência de estabelecimentos de ensino agrícola para Universidades e dá outras providências. Brasília, 25 de janeiro de 1968. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62178-25-janeiro-1968-403729-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Decreto 62.519, de 09 de abril de 1968. Dispõe Sobre a Mudança de Nome do Colégio Agrícola de Passo Fundo e da Outras Providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 de Abril de 1968. Disponível em: <<http://br.vlex.com/source/dou-diario-oficial-da-uniao-2080/issue/1968/4/15/06>>. Acesso em: 03 maio 2012.

\_\_\_\_\_. **Decreto 83.935, de 04 de setembro de 1979**. Altera a denominação dos estabelecimentos de ensino que indica. Brasília, DF, 04 de setembro de 1979. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-83935-4-setembro-1979-433451-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 07 de maio de 2012.

\_\_\_\_\_. **Lei 8.731, de 16 de novembro de 1993**. Transforma as Escolas Agrotécnicas Federais em autarquias e dá outras providências. Brasília, DF, 16 de novembro de 1993. Disponível em: <[http://www.plMadalenalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8731.htm](http://www.plMadalenalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8731.htm)>. Acesso em: 28 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao ensino médio**. 6. ed. Brasília, 2007. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento\\_base.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF, 29 de dezembro de 2008. Disponível em: <[http://www.plMadalenaalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm](http://www.plMadalenaalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm)>. Acesso em: 28 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, científica e tecnológica**. Brasília, 2009. Disponível em <<http://redefederal.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Educação profissional e tecnológica: legislação básica**. 6. ed. Brasília: MEC, 2005.

BURKE, P. **História e teoria social**. Trad. de Klauss Brondani Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Unesp, 2002.

\_\_\_\_\_. **O historiador como colunista: ensaios da folha**. Trad. de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** Trad. de Sergio Góes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CIAVATTA, M. A Formação Integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

COAGRI. **Diretrizes de funcionamento de uma Escola Agrotécnica Federal**. Brasília: MEC, 1985.

\_\_\_\_\_. **Educação Agrícola - 2º grau: linhas norteadoras**. Brasília: MEC, 1984.

CONCEIÇÃO, J. T. História do internato: ensino agrícola federal (1934-1967). **Revista de História**, v. 2, n. 1, p. 80-99, 2010. Disponível em: <[http://www.revistahistoria.ufba.br/2010\\_1/a06.pdf](http://www.revistahistoria.ufba.br/2010_1/a06.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2013.

DOSSE, F. **História e ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 2003.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. 15. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ERRANTE, A. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação/ASPHE**, Pelotas: Editora da UFPel, n. 8, p. 140-174, set. 2000.

FÉLIX, L. O. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, J. C. (org.). **Usos de memórias**. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002. p. 41-79.

\_\_\_\_\_. **História & memória: a problemática da pesquisa.** 2. ed. Passo Fundo: Ed. UPF, 2004.

FERREIRA, A.; GROSSI Y. A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. **Economia & Gestão**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 120-134, jan./jun. 2002.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (coord.). **Usos e abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FILHO, L. M. F. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 1, p.139-159, jan./abr. 2004.

FISCHER, B. T. D. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente.** Pelotas, RS: Seiva, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Tempos de escola: memórias.** São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011. v. 1.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011. v. 2.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** Espaço Michel Foucault – [www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault). Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/2520353/Michel-Foucault-A-Ordem-do-Discurso>. Acesso em: 15 ago. 2012.

GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som – um manual prático.** Trad. de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Gill, R. Análise de discurso. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som – um manual prático.** Trad. de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, I. **Questões sobre memória.** São Leopoldo: Unisinos, 2004.

JULIA, D. A Cultura escolar como objeto histórico. Trad. de Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, São Paulo, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

LARROSA, J. Notas sobre narrativa e identidade: a modo de presentación. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.) **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2004. p. 11-22.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MIGNOT, M. C. V.; CUNHA, M. T. S. (Orgs.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003. v. 3. (Coleção Cultura, Memória e Currículo).

NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. de Yara Aun Khoury. **Projeto história: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

NUNES, C. Memória e história: entre práticas e representações. **Revista Educação em Foco**, UFJF, v. 7, n. 2, set./fev. 2002/2003.

PESAVENTO, S. J. Muito Além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.

\_\_\_\_\_. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Universidade, UFRGS, 2001.

\_\_\_\_\_. **História e história cultural**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POCHMANN, M. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 383-399, maio/ago. 2004. Disponível em: <[HTTP://www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)>. Acesso em: 08 ago. 2012.

\_\_\_\_\_. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Bom tempo, 2005.

POL, M. et al. Em busca do conceito de cultura escolar: uma contribuição para as discussões actuais. Trad. de Gabriela Lopes. **Revista Lusófona de Educação**, v. 10, p. 63-79, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

QUINTANA, M. **Caderno H**. Organização de Tania Franco Carvalhal. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil: 1930/1973**. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SANTOS, A. P. dos. Trajetórias de história social e da nova história cultural: cultura, civilização e costumes no cotidiano do mundo do trabalho. IN: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO, 9, 2005, Ponta Grossa, PR. **Anais...** Ponta Grossa, PR: Ed. UTFPR. 2005. Disponível em:

<<http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cdSimposio/artigos/mesadebates/art3.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 15. ed. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1994.

SARMENTO, M. J. **A vez e a voz dos professores: contributo para o estudo da cultura organizacional da escola primária**. Lisboa: Porto Editora, 1994.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, F. C. T. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidade de pesquisa. **Educar**, Curitiba: Ed. UFPR, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, M. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas: como identificar e combater o preconceito, a violência e a covardia entre alunos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, R. M. N. B; COELHO, W. N. B. C. **A escola e a cultura escolar: é possível controlar as diferenças no/pelo currículo?**. Disponível em: <[www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/.../0471.pdf](http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/.../0471.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2013.

SORIA, J. M. F. Incautación y rectificación de la memoria escolar. In: BENITO, A. E.; DÍAZ, J. M. H. (Coords.). **La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educación deaseada**. Valencia: Ed. Tirant Lo Blanch, 2002.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. História, memória e história da educação. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3. p. 416-429.

SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. (Orgs.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

TEDESCO, J. C. (Org.). **Usos de memórias**. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

TRIVIÑOS, A. **Pesquisa qualitativa em educação: introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas. 1991.

VIDIGAL, L. **A História oral: o que é, para que serve, como se faz.** Santarém: Serviço de Reprografia da E.S.E.S., 1993.

VIÑAO FRAGO, A. História de la educación e história cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995.

WEIDUSCHADT, P.; FISCHER, B. T. D. História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, M. O. V. et al. (Orgs.). **Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação.** São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 287-309.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social.** Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

## ANEXO A – NOTA LEXIOLÓGICA

### NOTA LEXICOLÓGICA

#### Câmpus, campus, campi?

*Campus* é um nome masculino, do latim «champ» que significa ‘campo’, ‘plano’, ‘terreno’, diferentemente de ‘terreno cultivado ou cultivável’ que tem origem em ‘ager, agr(i)’. *Campus* entra no português pelo inglês, com a nova aceção de *área que compreende terreno e edifícios de uma universidade ou outra escola*.

Pelo inglês americano, essa nova aceção entra nas outras línguas modernas, entre o fim do século XVII e o início do XIX, referindo *campus universitário* com o significado de ‘amplo espaço’.

E no português, o que empregar? **Campus**, nome masculino singular, decalcado do latim? Ou **câmpus**, com idêntica gramática, porém com o acento circunflexo no –o- fechado, indicativo de paroxítona terminada em –us, no mesmo modelo de *bônus*, *Vênus*, entre outras? E no plural, as mesmas formas com marca externa, como **os câmpus universitários / os campus universitários** ou **os campi universitários**?

Se tomarmos como base o inglês, de onde provém o novo significado do termo em discussão, veremos que, naquela língua, o singular se mantém como a origem latina, porém indica para o plural as formas *campuses* ou *campi* (cf. Webster’s, 1961). Estas formas sinalizam liberdade no uso do plural contemporâneo, uma vez que o latim somente admite *campi*, por ser esse o nominativo plural de palavras da segunda declinação. No Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa (2001), está indicado o plural *campi* ou *campus*.

Nos nossos dicionários mais conhecidos, tanto o Aurélio da Língua Portuguesa (2004), quanto o Houaiss da Língua Portuguesa (2001) acentuam que a forma plural é *campi*, o que denota um cruzamento semântico e morfológico, em que a aceção é emprestada do inglês americano, mas a informação gramatical está ligada à origem latina. E então, **Campus, câmpus ou campi**?

Em português, o uso do termo **câmpus** para o singular e para o plural está perfeitamente de acordo com os cânones da gramática moderna, por que: i) a palavra já está incorporada ao vernáculo; ii) o acento (circunflexo) em *câmpus* está no mesmo paradigma de outras palavras terminadas em –us; no plural, *câmpus* mantém o mesmo modelo de vírus, bônus, cítrus/citros etc. com marca nos determinantes – os campus, os vírus, os bônus, os citros. Portanto, a adoção da palavra **câmpus** para uso tanto no singular quanto o plural está conforme com o uso gramatical do português.

Prof<sup>a</sup>. Dra. Enilde Faulstich

Departamento de Lingüística,

Português e Línguas Clássicas (LIP)

Instituto de Letras (IL)

Universidade de Brasília (UnB)

Professora e Pesquisadora de Língua Portuguesa e de Lingüística.  
Coordenadora do Centro Lexterm (<http://www.lexterm.unb.br>) e do Curso de  
Licenciatura em Letras-Libras

#### Referências bibliográficas

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências de Lisboa*. Lisboa, Ed. Verbo, 2001

*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 2 ed., Lisboa, Editorial Confluência, 1967

*Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3 ed. revista e atualizada, Curitiba, Positivo, 2004

REY-DEBOVE, Josette (dir.) *Le Robert BRIO*. Paris, Ed. Le Robert, 2004

SARAIVA, F. R. dos Santos. 10 ed. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Garnier, 1993.

*Webster's Third New International Dictionary and Seven Language Dictionary*. Chicago, Britannica, 1961.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PILOTO

Prezado(a) ex-aluno(a), conforme contato anterior segue anexo o questionário. Desde já, agradeço a atenção e a sua disponibilidade em respondê-lo.

### QUESTIONÁRIO

1- Nome:

2- Endereço atual:

3- Curso em que se formou na EAFS:

4- Ano de conclusão:

5- Durante os anos de estudos você ficou no internato da escola?

Sim

Não

6- Em qual cidade você morava ao vir para a escola?

7- Você está atuando, atualmente, no ramo aprendido na escola?

Sim

Não

8- Comente sobre a importância do internato para sua vida futura a escola.

9- As práticas pedagógicas e as metodologias de ensino utilizadas na EAFS/IFRS, em sua formação como técnico, foram adequadas ou não para seu crescimento como cidadão e indivíduo pensante reflexivo capaz de tomar decisões, ou só permitiram para o seu crescimento profissional, atuação e exercício do trabalho como técnico? (pode tecer alguns comentários)

10- Se atua em alguma empresa, foi difícil para conseguir tal lugar no mercado de trabalho, ou ter concluído o curso técnico na EAFS/IFRS favoreceu a sua admissão frente a outros candidatos?

11- Quando você foi prestar exame de seleção para ingressar no curso técnico, foi por influência de alguém? De quem?

12- Que pessoas foram mais marcantes durante os estudos na EAFS/IFRS? Por quê?

13- Você participava de alguma atividade extracurricular?

14- Qual sua opinião quanto às atividades extracurriculares desenvolvidas na escola para sua formação como pessoa?

15- Como você avalia seu desempenho como aluno?

( ) Excelente ( ) Muito bom ( ) Bom ( ) Regular ( ) Sofrível

16- Quais as principais dificuldades encontradas durante o tempo em que estava na escola?

17- Você continuou os estudos após ter se formado na instituição? Se afirmativa a resposta, que curso fez e por qual razão?

18- Qual foi sua trajetória profissional e pessoal após ter concluído o curso?

19- Em sua opinião, os ensinamentos obtidos na escola influenciaram você, contribuindo na sua vida profissional e pessoal?

Carla V. V. Diefenbach

IFRS Câmpus Sertão

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO X ENCONTRO DE EX-ALUNOS



Prezado(a) ex-aluno(a):

Meu nome é Carla Diefenbach, sou professora da “antiga” EAFS: Escola Agrotécnica Federal de Sertão, hoje IFRS Câmpus Sertão: Instituto Federal do Rio Grande do Sul Câmpus Sertão. Trabalho na área zootécnica e estou cursando Doutorado em Educação. Gostaria de contar com sua colaboração na elaboração de minha tese, pois meu tema de investigação é o **Aluno Egresso**, onde penso em estudar o quanto a Escola influenciou na vida dos ex-alunos dessa instituição.

Sua participação é muito importante.

### QUESTIONÁRIO

1- Nome: \_\_\_\_\_

2- Endereço atual: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

3- Curso em que se formou na instituição: \_\_\_\_\_

4- Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

5- Durante os anos de estudos você ficou no internato da Escola?

( ) Sim

( ) Não

6- Em qual cidade você morava ao vir para a escola? \_\_\_\_\_

7- Você está atuando, atualmente, no ramo aprendido na escola?

( ) Sim

( ) Não

8- O tempo que você ficou no internato da escola foi importante para sua vida? Que lembranças ficaram marcadas em relação à escola? Destaque um ou mais aspectos positivos e negativos.

---

---

---

---

9- O ensino utilizado na EAFS/IFRS foi adequado para seu crescimento como cidadão (indivíduo pensante, reflexivo, capaz de tomar decisões)? Ou só contribuiu para o seu crescimento profissional, atuação e exercício do trabalho como técnico? Pode fazer alguns comentários, se quiser.

---

---

---

---

10- Se atua em alguma empresa, a conclusão do curso técnico na EAFS/IFRS teve alguma influência no seu ingresso no mercado de trabalho? Isso favoreceu sua admissão frente a outros candidatos?

Sim                       Não

11- Em que escola você estudava antes de vir para a EAFS/IFRS?

---

12- Que pessoas foram mais marcantes durante os estudos na EAFS/IFRS?

Direção

Professores

Técnicos administrativos

Colegas

Outras. Quais? \_\_\_\_\_

13- Você participava de alguma atividade extracurricular (jogos, CTG, Cooperativa, teatro, etc.)?

Sim

Não

14- Como foi o processo seletivo de ingresso na escola? Comente sobre ele.

---

---

---

---

---

---

---

---

15- Como você avalia seu desempenho como aluno?

Excelente  Muito bom  Bom  Regular  Sofrível

Por quê?

---

---

---

---

16- Quais as principais dificuldades encontradas durante o tempo que estava na escola?

Saudade da família

Convivência no internato

Locomoção até a escola

De aprendizado

Outra. Qual? \_\_\_\_\_

17- Você continuou os estudos após ter se formado na instituição? Se afirmativa a resposta, que curso fez e por qual razão?

Sim

Não

---

18- Qual foi sua trajetória profissional e pessoal após ter concluído o curso? As suas expectativas iniciais em relação ao curso foram alcançadas? Comente um pouco sobre.

---

---

19- Após o ingresso na instituição, o que mudou na sua vida pessoal e profissional?

---

---

---

20- Você estaria disposto a ser entrevistado para falar de sua trajetória na instituição?

Sim

Não

Agradeço imensamente sua colaboração para a pesquisa.

Carla V. V. Diefenbach

IFRS Câmpus Sertão

**APÊNDICE C - GESTORES DO IFRS CÂMPUS SERTÃO**

- 1- Carlos Alberto Burnett → 1963 - 1967;
- 2- Henrique Guilherme Burnett → 1968 - 1971;
- 3- Catão Louzada Alves da Fonseca → 1972 - 1975;
- 4- José Leocyr Dorneles Minussi→ 1976 - 1995;
- 5- Nice Lívio Borsoi→ 04/01/1996 - 04/01/2004;
- 6- Luiz João Rossetto, Pró-Tempore → 27/08/2003 - 27/12/2003;
- 7- Carlos Alberto Imlau, Pró-Tempore → 06/01/2004 - 04/04/2004;
- 8- Elcio Antonio Paim → 05/04/2004 - 04/04/2008;
- 9- Viviane Silva Ramos → 05/04/2008 – 10/2011;
- 10- Odirce Antunes → 10/2011 – 03/2012;
- 11-Lenir Antônio Hannecker → 03/2012 – 03/2016.

**APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA****TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA**

Eu, \_\_\_\_\_, estou plenamente de acordo em participar da entrevista para a pesquisa sob coordenação da professora Carla V. V. Diefenbach, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos.

Concordo que meu nome seja identificado

Não concordo que meu nome seja identificado

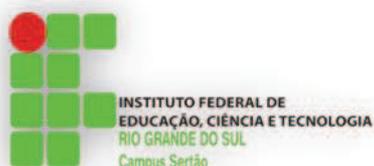
Telefone de contato da(o) entrevistada(o): \_\_\_\_\_

Endereço eletrônico: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) entrevistado

\_\_\_\_\_  
Data

## APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA



### ENTREVISTA COM EGRESSOS

#### DADOS PESSOAIS

- 1- Nome
- 2- Endereço atual
- 3- Idade e local de nascimento
- 4- Estado civil (e filhos)
- 5- Cidade onde mora

#### ROTEIRO

**(Por tratar-se de entrevista semiestruturada, as perguntas não necessariamente seguirão esta ordem).**

1. Onde você trabalha atualmente? Que tipo de atividade realiza?
2. Como foi seu ingresso no mercado de trabalho? Quando? Por quê? De quem recebeu apoio para tal atividade?
3. Costuma lembrar seus tempos de escola? Que lembranças vêm à memória quando pensa no seu tempo de estudante?
4. Como eram as aulas? Quais as aulas de que mais gostava? Por quê?
5. Qual a rotina no dia a dia na escola? E de qual parte do dia (ou da noite) mais gostava? Por quê?

6. Lembra de alguma atividade fora da sala de aula? Do que você mais gostava na escola? Do que menos gostava? Por quê?
7. Poderia narrar algumas vivências do tempo de escola, na sala de aula e fora dela?
8. Quais as brincadeiras que relembra?
9. Como era a disciplina ou as exigências a cumprir?
10. Que motivos a(o) levaram a ingressar nesta escola?
11. Recorda como foi o processo seletivo de ingresso? Qual sua opinião sobre ele?
12. Após o ingresso na instituição, o que mudou na sua vida pessoal e profissional?
13. As suas expectativas iniciais em relação ao curso foram alcançadas? Fale sobre isso.
14. Como está sendo a idade adulta em relação à formação que recebeu nesta escola? Na sua opinião, alguns dos ensinamentos recebidos na escola influenciam em sua vida pessoal e profissional? De que modo?
15. Quais suas relações com o mercado de trabalho atual?
16. Você percebeu diferenças entre a EAFS/IFRS e as escolas em que estudou antes? Se positivo, quais?
17. Estudar na instituição fez alguma diferença no aspecto financeiro? Explique como isso aconteceu.
18. Estudar na escola fez alguma diferença na sua qualidade de vida? Comente.

## APÊNDICE F - QUADRO ANALÍTICO INSPIRADO EM SZYMANSKI (2004, 1979)

| Depoimentos  | Explicitação dos significados  |
|--|--|
| <b>REMINISCÊNCIAS</b>  |  |
| <p>-Eu lembro muitas coisas que passamos lá, toda adolescência dos 13 aos 21 anos, fiquei na escola oito anos, aprendi a conviver em família, em grupo, dividir as coisas, até hoje lembro dos colegas, tem uns que tenho contato quase que anualmente, as pessoas que moram próximas aqui, no caso o Anderson é um que temos contato, quase que todo mês junto, tem em Getúlio Vargas, Passo Fundo. Lembro que passei uma fase muito boa e importante que me preparou para vida, eu sempre digo que se não fosse aquele colégio talvez eu estivesse no meio da roça, trabalhando como agricultor até hoje, nada contra, mas na minha época era um trabalho braçal, que tínhamos que trabalhar com muito sacrifício, eu lembro muitas coisas boas e tudo o que eu consegui na minha vida foi graças ao colégio, que deu uma formação, me deu um preparo, eu pude sair para enfrentar a vida. Com certeza tudo que eu consegui foi graças a escola.</p> <p>- A escola possuía apenas uma Combi que buscava os professores em Passo Fundo, trazia o pão atrás embolsas para tomar o café, porque a única coisa que comprávamos era o pão de Passo Fundo. Altemir</p> | <p>- O tempo de escola é aprendizado, que preparou para vida, as lembranças são muitas, aprende-se a conviver em família, em grupo, com muitas recordações dos colegas.</p> <p>- Se não fosse o colégio talvez a saída fosse o trabalho na roça, o colégio dá formação.</p> <p>- Tudo o que conseguiu na vida foi graças a escola.</p> <p>- A escola possuía apenas uma combi que trazia os professores e o pão que era o único alimento comprado fora o restante era tudo produzido na instituição.</p> |

| Depoimentos   | Explicitação dos significados   |
|---|---|
| <b>REMINISCÊNCIAS</b>   |   |
| <p>- Eu nunca participei do CTG, tanto que até hoje não sei dançar música gaúcha, quando sobrava um tempinho batíamos um papo. Íamos no seu Jacó e na Dona Santina que moravam logo a baixo da escola, eles tinham uma cozinha nos reuníamos com as gurias e mais alguns colegas, para fazermos alguma coisinha junto.</p> <p>- Mesmo sendo semi interna tive o sentimento de que na escola éramos uma família.</p> <p>- Na escola era cobrada a disciplina, com um controle rigoroso. Por exemplo, na época as turmas eram divididas em 11, 12, 13 e 14, se eu fosse da turma 11, a turma 13 e 14 tinha aula de manhã prática e a tarde em sala de aula teórica, as oito horas começava a prática que era um professor da disciplina lá na horta da escola, dando uma instrução, tu ia aprender a plantar, espaçamento, estas coisas, se você faltasse, cinco minutos depois que você faltasse, ou o coordenador de internato ou o coordenador geral lá da escola, já sabia que tal aluno não estava em aula no setor e daí o que acontecia? Acontecia que quando você estivesse no recinto da escola te chamavam na sala de aula, te pegavam e tinha um caderno preto que eu me lembro bem, o professor Paulo o coordenador, ele colocava no caderno preto, que nós chamávamos de caderno negro, o que ele colocava ali naquele caderno? Ele te chamava, te dava a falta, pedia o porquê de tua ausência, e tu assinava do lado e você ficava por uma, a próxima falta tu ia ter suspensão, aquilo ali seria uma advertência, a suspensão era por três dias de todas as atividades, no caso assim ia perder aula, se tinha prova ia perder, zerar, era isso aí.</p> <p>- Mas os alunos aprontavam igual.</p> <p>- Nós íamos a Esteio quando estávamos no terceiro ano, era muito bom, visitávamos víamos muitas coisas, no final do dia nos reuníamos e tomávamos refrigerante.</p> <p>- Nas galinhadas no seu Jacó tinha um galpãozinho que ele deixava agente usar porque tinha uma das filhas dele que também estudava lá na escola, fazíamos umas jantinhas e rolava um vinhosinho os guris cantavam, pegavam ovo, galinha e até lenha para assar e colhiam a salada esta é a cultura nossa lá não adianta.</p> <p>- Os meninos desciam para vila quando tinha baile íamos dançar, tínhamos boas amizades, um namorisco aqui outro ali estas coisas de adolescente, namorei vários colegas. Também existia o bar do seu Hego, o Véio, com um varandão e a piazada se reunia tomava vinho tomava seus tragos tocava violão, às vezes até participávamos, quando o pai dava uma liberadinha. Madalena</p> | <p>- Nunca participou do CTG, batiam papo quando sobrava um tempinho, e faziam almoços e jantas no seu Jacó e Dona Santina.</p> <p>-Mesmo sendo semi interna o sentimento de família prevalece.</p> <p>- Na época a disciplina era rígida, muita Disciplina, se o atraso para uma aula fosse de cinco minutos a coordenação ficava sabendo indo a procura do aluno, recrutando ele para a chefia para assinar em um caderno de capa preta chamado pelos alunos de caderno negro. A primeira assinatura era advertência, na segunda suspensão por três dias de todas as atividades da escola.</p> <p>- Com toda esta disciplina os alunos aprontavam igual.</p> <p>- Uma situação que marcou a egressa foi a viagem técnica a Expointer a Esteio, realizada no terceiro ano, para visitar a feira agropecuária, trazia muitos ensinamentos além de convívio direto com os colegas com conversas e rodadas de refrigerante em conjunto.</p> <p>- Os alunos faziam galinhadas na casa do seu Jacó um técnico administrativo hoje aposentado, segundo a egressa eram realizadas jantas regadas a um vinhosinho, os colegas tocavam violão, além de pegarem ovos, galinhas e até lenhas para as jantas, colhiam a salada na horta da escola.</p> <p>- Os alunos desciam para a vila do Englert para participarem de bailes, dançavam, conviviam com os amigos e namoravam coisas de adolescente.</p> <p>- Outro lugar que gostavam de ir era o bar do Véio, o seu Hego, ele possuía uma varanda na qual os alunos se reuniam e tomavam vinho e tocavam violão.</p> |

| Depoimentos   | Explicitação dos significados   |
|---|---|
| <b>REMINISCÊNCIAS</b>   |   |
| <p>- Foi muito bom pelas amizades que fiz, claro que também pelo conhecimento técnico que tive, bem abrangente, bem detalhado em todos os segmentos dentro do agronegócio, mas foi muito importante esta questão do relacionamento de aprender a se virar, eu era guri sai de casa com 13 para 14 anos e fiquei interno, éramos 120 colegas por alojamento, com cinco quartos, 24 alunos em cada quarto, doze beliches de cada lado, valeu a grande importância pelas amizades, convivência. Infelizmente eu acabei não seguindo no setor, mas ele me ajuda mesmo no segmento bancário eu atendo muitas empresas que atuam no agronegócio e aí eu tenho uma base boa, um conhecimento vamos dizer assim na agricultura e na pecuária, me facilita para fazer defesa de créditos com as empresas, o conhecimento técnico foi bom e o pessoal também, crescimento e desenvolvimento como pessoa e ser humano foi muito bom.</p> <p>- Fazíamos também sacanagem de colocar água encima da porta dos alojamentos para pegar os mais CDFs que ficavam até mais tarde estudando, pegávamos o lixinho do banheiro e enchíamos de água para cair na cabeça deles, ficavam brabos e queriam brigar e nós todos embaixo das cobertas rindo, tinha muito roubo, pegar coisa de comer dos armários, sabonete, xampu, pasta de dente, tinha muito. Roubavam mesmo se fosse de comer então, tinha uma cultura que o cadeado era no meio do armário então as coisas de comer e higiene eram colocadas somente no meio porque encima ou na parte inferior dava para abrir o armário, abriam fresta e colocavam a mão.</p> <p>- Sacanagem de dar nós nas roupas se deixasse uma cueca, meia, toalhas enchiam de nó. Quando entrei sofri bullying, somente na entrada este bullying nos primeiros dias depois eu me ambientei, entrosei e passou, foi tranquilo pegam no pé, eu já antes de ir para o colégio isso me incomodou porque pelo meu nome Juvenciado que rima com Ado, Juvenciado Cagado, abostado tudo que rimava com ado, até oriento minha filha para não entrar nisso, pois quando tu é criança tu te incomoda.</p> <p>- O nível técnico de ensinamentos dos professores da época eram excelentes, a escola era bem administrada, uma boa experiência de vida que recomendo.</p> <p>- Graças a isto não servi o quartel, se eu tivesse ficado só na barra da saia da mãe teria a necessidade mas como fiquei os três anos na escola não achei que seria útil. Juvenciado</p> | <p>- O tempo de escola foi bom pelas amizades mas também pelo conhecimento técnico adquirido.</p> <p>- É importante a questão de relacionamento, o aprender a se virar sozinho com 12 a 13 anos de idade morando em um internato, o crescimento e desenvolvimento como pessoa e ser humano.</p> <p>- Infelizmente não seguiu no ramo agropecuário mas mesmo no bancário o conhecimento ajuda muito devido a base recebida na escola.</p> <p>- O egresso relatou que sofreu bullying no tempo de escola, desde o trote, que futuramente é realizado por eles para se vingarem do sofrido. Colocavam água encima da porta dos alojamentos para pegar os CDFs que ficavam até mais tarde estudando.</p> <p>- Na época existia muito roubo, pegavam as coisas nos armários uns dos outros, sabonete, shampoo, pasta de dente. As coisas de comer somente poderiam ser colocadas no meio do armário onde existia o cadeado pois na parte inferior ou superior era fácil de abrir. Davam nós nas roupas. Foi somente no início o bullying depois ele se ambientou. Antes de ir ao colégio já era incomodado porque seu nome Juvenciado rima com Ado, Juvenciado Cagado, abostado tudo que rimava com ado. Ele relata que orienta sua filha para não entrar nisso, pois quando tu é criança tu te incomoda.</p> <p>- O nível técnico da escola e dos professores eram excelentes, a escola era bem administrada, uma boa experiência de vida recomendada pelo egresso.</p> |

| Depoimentos  | Explicitação dos significados   |
|--|---|
| <b>REMINISCÊNCIAS</b>  |   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nós tínhamos uns armários no banheiro feminino onde deixávamos as roupas para as aulas práticas, eu vinha de manhã e voltava à tarde.</li> <li>- Ajudou na questão de liderança, porque naquela época existia as monitorias, todos nós tínhamos que fazer monitoria que ajuda.</li> <li>- O vínculo é grande, não é só por causa do internato e sim pela convivência diária. Tarrane</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A meninas possuíam um armário no banheiro feminino para deixar as roupas e mochilas que continham o material para banho depois das aulas práticas.</li> <li>- A escola ajudou na questão de formação de liderança devido as monitorias que possuía na época.</li> <li>- Cria-se um grande vínculo com os colegas pelo convívio diário mesmo não ficando no internato.</li> </ul>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- A princípio de início foi tudo diferente, porque eu vinha de uma reserva indígena, não tinha contato suficientemente para que pudesse acompanhar o ritmo dos brancos. Parater uma idéia eu vim com 16 anos de repente eu posso entrar na questão de acesso que era exame de seleção uma semana de exame de seleção, nesse período você trabalhava e prestava as provas escritas em turno inverso e ficava uma semana.</li> <li>- Aqui eu aprendi para viver, a forma de educar filhos de se comportar perante uma sociedade, forma de como você ser um líder perante a comunidade.</li> <li>- Tive problema Cultural e de convivência, para você ter uma idéia eu vim conhecer colchão ou uma cama naquela época em 86 quando eu vim fazer o exame de seleção e quando eu comecei a estudar em 87, devido o sistema de vida de nós indígenas termos uma situação ainda precária naquela época, sem conforto, mesmo sendo perto daqui a Cacique Doble tem 120 quilômetros.</li> <li>- O que sempre estava em alta era pegar ovos para fazer gemadas e nós fazíamos também pescarias que era proibido, nos açudes aqui de perto e lá para baixo da mecânica, era proibido porque daqui a pouco era perigoso se afogar, íamos pela parte da noite ou a tardinha</li> <li>- Pegávamos os frangos e fazíamos galinhada ou assava os peixes no meio do mato, só para ter uma história para contar, o aluno que não tivesse feito alguma coisa parecia que não tinha história para contar.</li> <li>- A escola proporcionava aos alunos a divulgar a cidade de onde vinham com exposição dentro do ginásio que contava as histórias dos municípios que foi perdido no tempo.</li> <li>- O chuveiro vim a conhecer aqui, eu para tomar banho para ir estudar era no rio grande que passa por lá era frio, inverno era o que tinha, aqui aprendi o conforto, isso também ajudou, me motivou para tocar para frente porque eu já vim da ralé lá de baixo sofria e vim aqui ter um conforto como eu tive. Emanuel</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Era tudo diferente pois vindo de uma aldeia indígena, não tinha contato para acompanhar o ritmo dos brancos.</li> <li>- Aprendizado para viver e educar os filhos, de se comportar perante a sociedade e de como ser um líder perante a comunidade.</li> <li>- Problema cultural e de convivência, pois conheceu colchão, cama e chuveiro na escola em 1986, os Índios ainda não tinham conforto em 1986.</li> <li>- Uma atividade que sempre estava em alta era pegar ovos para fazer gemadas e pescarias nos açudes perto da mecânica, era proibido, mas os alunos iam na parte da noite, pegavam frangos para fazerem galinhadas, ou assavam peixes no meio do mato, somente para terem segundo ele histórias para contar, pois o aluno que não fizesse alguma coisa parecia que não tinha história para contar.</li> <li>- Outra lembrança do egresso eram as exposições realizadas pelos alunos no ginásio de esportes na qual divulgavam os municípios da região, contando suas histórias um trabalho que se perdeu no tempo.</li> <li>- O egresso foi conhecer chuveiro na escola, conheceu o conforto, antes tomava banho no rio que passava pela aldeia, a existência de uma cama para dormir também foi conhecida na escola, que segundo ele o motivou a tocar para frente estudando, pois veio da ralé de baixo.</li> </ul> |

| Depoimentos   | Explicitação dos significados  |
|---|--|
| <b>REMINISCÊNCIAS</b>   |  |
| <p>- Vamos dizer assim resumindo, os três melhores anos da minha vida, foi dentro da EAFS, lá teve as coisas boas, teve as coisas ruins normal, acho que toda a escola é assim, mas enfim, hoje se fosse para eu voltar na EAFS 'grifo"NA EAFS"...dez anos eu ficaria lá dentro.</p> <p>- Assim o que eu mais gostei da escola, que eu lembre as coisas boas vamos por parte, primeiro lugar as amizades que eu fiz, a gente criou uma família lá dentro da escola dos colegas desde o primeiro, segundo e terceiro ano, eu entrei em 2003. Tinha um monte de trotes que faziam os guris Patiá, trabalha, eu não tive esse problema porque a gente teve uma amizade com o terceiro e segundo também continuamos esta amizade pelos 3 anos. Marcos</p>   | <p>- Os três melhores anos de vida com coisas boas e ruins, hoje se fosse para voltar a EAFS, ficaria dez anos lá dentro.</p> <p>- Um lugar onde se cria amizades, uma família.</p>  |
| <p>- Mudou quase tudo, dá para ter uma boa visão do mundo, muda tudo. Com certeza, sem dúvida, o tempo de escola ajudou no crescimento como pessoa e profissional, até hoje usando estes ensinamentos.</p> <p>- Sem dúvida é que nem irmão, foi muito bom. Um que outro se perde o contato, mas quando se encontra se conhece ainda, é a mesma coisa. Até tem uns aqui de Sertão que não querem saber quando a piaçada quer ficar interna, EU NÃO ACHO ERRADO, é ali que começa a escola da criança fora de casa. Fortunato</p>   | <p>- A escola proporciona uma boa visão do mundo, mudando tudo na vida, ajudando no crescimento pessoal e profissional, é ali que começa a escola da criança fora de casa, no internato.</p> <p>- Os colegas são como irmãos, que quando se encontram o afeto continua como se fosse na época de estudante, não tem diferenças.</p>  |
| <p>- O que mais marcou para mim foi que eu era um menino nascido no interior de Sertão que naquela época para gente conseguir além do ensino primário que era o sistema de ensino, seguir em frente era muito difícil principalmente o pessoal do interior, e ainda eu tinha uma outra questão familiar, os filhos estudavam até o quinto ano primário depois eram mão de obra, eu tinha que primeiro convencer meus pais para vir estudar em um lugar que era referência o ginásio agrícola de Sertão, saí do interior fiz admissão e foi uma mudança completamente radical porque nasci no interior, não tinha celular, televisão apenas o correio, foi muito difícil porque nunca tinha saído, parado morado fora de casa, mas como minha vontade era realmente estudar, fiquei.</p> <p>- Não tinha televisão, não tinha rádio não tinha nada, para nós a maior vitória foi quando em 66 o grêmio estudantil conseguiu arrecadar um valor X não me lembro quanto de cada um, mas um valor pequeno, e foi comprada uma eletrola, e tinha os momentos que a eletrola era ligada para escutarmos os discos daquela época da jovem guarda. Anderson.</p> | <p>- Uma escola de referência, em uma época que não existia televisão, celular, apenas o correio. Muito difícil adaptação para alunos que nunca haviam saído de casa.</p> <p>- A maior vitória foi em 1966, época do grêmio estudantil, uma arrecadação em dinheiro para compra de uma eletrola, que era ouvida em grupo, com uso de discos de vinil da jovem guarda, uma hora de descontração e brincadeiras.</p> |

| Depoimentos   | Explicitação dos significados   |
|---|---|
| <b>REMINISCÊNCIAS</b>   |   |
| <p>- Lembranças muito positivas, na época pegamos uma época semelhante a que estamos vivendo hoje na escola, que era uma época de muita expansão, a escola tinha de fato envergadura, infelizmente nós passamos por um tempo que eu sei por que acompanho isso é na minha terra nós passamos um período difícil enfim há uma década que estava quase indo ao brejo, mas felizmente hoje está bem de uma forma semelhante a época então era um grande desafio porque eu fazia o trajeto da minha casa até a escola que são 7 ou 8 quilômetros ou de carona no começo até tinha ônibus que passava depois não passou mais, normalmente ia a pé especialmente as sextas feiras que eu ia embora eu ia a pé eu passava muitos poucos finais de semana na escola a não ser os que eu estava de plantão,</p> <p>- Então a vivência com novos colegas foi muito importante e eu queria mesmo fazer a escola porque ela me ajudava enfim naquilo que eu compreendia em poder aprender mais para poder ajudar meu pai e foi neste período em que fui passando na escola eu nunca fui nenhuma liderança estudantil forte na escola.</p> <p>- Foi neste período que eu comecei a perceber que o mundo era para além da propriedade de meu pai, enfim tinha coisas que daqui a pouco eu poderia contribuir, ainda mais porque na época eu já tinha todos os irmãos que eu tenho hoje, somos seis ao todo, e tem hoje ainda dois irmão que trabalham junto com meu pai, obvio que eu enxergava que alguém teria que sair porque não tinha lugar para todo mundo, este período foi o período que agente foi abrindo enfim ao mesmo tempo em que conhecimento por outro lado essa coisa de abrir para outras questões do mundo, e assim eu no final do curso tinha um convênio da escola com a UFRRJ para fazer graduação, eu cheguei a me inscrever no vestibular, passei e optei por não ir pois na época eu vivi um período rebelde que achava que a educação do formato como era mais atrapalhava do que ajudava ou pelo menos não ajudava nada então optei por não fazer até que eu só fui fazer curso superior comecei em 98 e terminei 2008 fiz filosofia e agora depois fiz uma especialização em gestão pública, aí tem muita coisa que aconteceu na escola de prática das técnicas que agente fazia mesmo na agricultura como eu vivia na agricultura no tempo lá com meu pai era importante mas não era novidade bovinos suínos aves, embora não gostava muito de trabalhar na horta o tema o hortifrutí era bem legal, eu não gostava muito porque nós tínhamos que lavar salada para 400 alunos aí tu imagina alface folinha por folinha no inverno vou te dizer as pessoas não lavavam</p> | <p>- Uma época de grande expansão, a escola era conhecida, com questões fortes envolvendo os chamados bixos, alunos novos, eles andavam 40 dias, ou seja, a quarentena de adaptação, com uma placa no pescoço com seus apelidos.</p> <p>- A questão dos apelidos é muito forte. Pois os alunos se conhecem mais pelos apelidos do que pelos nomes, sendo ruim nos dias de hoje, pois é difícil encontrar os colegas.</p> <p>- Um lado positivo seria a colocação de colas atrás das placas durante o uso das mesmas no pescoço.</p> <p>- Convivência com novas pessoas é importante.</p> <p>- Os egressos faziam churrascos no meio do mato com galinhas pegadas nos aviários da escola, às vezes até porcos pegavam, entre nove e dez da noite era a hora preferida para realizarem seus churrascos.</p> <p>- Os alunos saíam para participarem dos bailes na vila do Englert, o problema era a volta que deveria ser sem a percepção dos guardas. Se fossem pegos sofriam advertências, também freqüentavam os barzinhos no distrito para jogar sinuca, quem não fosse era considerado CDF.</p> |

| Depoimentos   | Explicitação dos significados                      |
|---|--|
| <b>REMINISCÊNCIAS</b>   |  |
| <p>muito bem a salada.</p> <p>- Alguns colegas faziam churrasco no meio do mato, pegavam as galinhas dos aviários e iam fazer isso as vezes pegavam um porco, depois das 9 entre 9 e 10 enfim, também tinha o desafio depois das 10 não podia ter luz ligada, não podia fazer barulho.</p> <p>- Um problema era voltar né sem ser percebido pelos guardas. Se pegassem era advertência mas também era pouco os riscos. No distrito também tinha barzinhos com mesa de sinuca a gente dava um jeito de sair, não toda hora, quem não saísse era o CDF. Celestino</p> |  |
| <b>APELIDOS</b>   |  |
| <p>- Eles me chamavam de Zinho porque eu era pequenino franzino e me chamavam de Altemirzinho e ficou por Zinho uma coisa que nunca teve em casa isso era só lá, mas tinha alguns que tinham nome forte e pejorativo que ficava para sempre, apelido era coisa comum na época. Altemir</p>  | - Zinho  |
| <p>- Na época era patinha, porque eu era bem gordinha. Madalena</p>   | - Patinha  |
| <p>- O meu era chupa ovo, ou passarinho chupa ovo porque eu era pequeninho e eu acho que também quando eu fui para o colégio eu tinha um professor que me apoiou a entrada lá professor Jarbas da avicultura, já tinha um professor meio padrinho e fui dançar com a filha do diretor, aí pegavam no pé. Juvenciado</p>   | - Chupa Ovo ou passarinho chupa ovo.               |
| <p>- O meu apelido era borboleta. Tarrane</p>   | - Borboleta  |
| <p>- Tinha a questão dos padrinhos que agora não lembro bem como era, meu apelido sempre foi Índio. Emanuel</p>   | - Índio  |
| <p>- Até hoje tem uns que eu não sei o nome, mesmo o colega de turma o nome tu esquece, mas o apelido não esquece. O apelido era dado de acordo com um que já tinha este apelido e eles acham que sou parecido. Quando me batizaram me apelidaram de Chibarro, mas não pegou aí ficou Chimbé que era o que tinha de casa. Marcos</p>  | - Chimbé   |
| <p>- O meu apelido era Lagarto. Fortunato</p>   | - Lagarto  |
| <p>Anderson</p>   | - É uma cultura forte se conhecerem pelos apelidos |
| <p>- Os apelidos eram uma cultura, Muito forte, na época eu achava isso importante, hoje eu vou te dizer eu conheço meus colegas mais por apelido do que por nome, então isso é ruim agora é ruim mas enfim na época isso lá existia a sei lá 10 15 anos era cultura, eu andava enfim no meu tempo 40 dias a quarentena com uma placa pendurada no peito, era um período bom porque no verso da placa quando tinha prova agente fazia umas colinhas básicas, todo mundo fazia isso</p>  | - Lobisomen  |

| Depoimentos  | Explicitação dos significados |
|--|-------------------------------|
| REMINISCÊNCIAS   |                               |
| - Na época era muito forte esta questão do Bixo o meu apelido era lobisomem. Celestino |                               |